REVISTA DA SEMANA



MENU DA FOME

CORÉIA — COBAIA DA 3a. GUERRA

JÂNIO QUADROS — A SURPRÊSA DO ANO





LEIA!

o empolgante e imortal romance de H. SIENKIEWICZ

"QUO VADIS"? — O AMOR DE VINICIUS, JOVEM PATRICIO ROMANO, POR LIGIA, A FORMOSA CRISTÃ ATIRADA À ARENA — A FÔRÇA PRODIGIOSA DE URSUS — O DELIRIO DE NERO, O CRUEL IMPERADOR DO MUNDO ROMANO — TUDO MARAVILHOSAMENTE ILUSTRADO, A CÔRES, POR F. MATANIA.

NO LIVRO MÁGICO DOS MIL ASSUNTOS:

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1953 — PREÇO **25,00**

À VENDA NOS JORNALEIROS — PEDIDOS À CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO DE JANEIRO — POR MEIO DE VALES OU REEMBÔLSO POSTAL

JÂNIO QUADROS

A SURPRÊSA DO ANO

CAMPANHA ESPETACULAR ★ NÃO FALTOU DINHEIRO NEM VONTADE DE VENCER ★ ARDOR E ORDEM AO MESMO TEMPO ★ E JANIO VENCEU

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR

Fotos de DARIO TERINI, AUDÁLIO DANTAS e [illegible]

São Paulo, março — "Jânio está ganhando. Fizeram o entêrro do Ademar. O Garcez vai pedir demissão. O Cardoso saiu da cidade. Foi bem feito a derrota do govêrno. O povo está cansado de demagogia. Isso foi obra do Getúlio". Eram êsses os comentários de rua, após os primeiros resultados das eleições para prefeito e vice-prefeito de S. Paulo.

A capital bandeirante vibrara a 22 de março. Fôra uma luta desigual a das eleições municipais. Quatro candidatos inscreveram-se, para disputar a chefia do executivo da cidade. No entanto, apenas dois eram reais: Jânio Quadros e Antônio Francisco Cardoso.

Jânio era conhecido do povo. Seus discursos vibrantes, proferidos na tribuna da Câmara Municipal lhe valeram a eleição para deputado e quando apontou seu pai, para vereador, sabia que o velho seria eleito, como o foi.

Cardoso era desconhecido da massa eleitora. Homem de gabinete, ocupava o cargo de titular da pasta da Saúde e Assistência Social do Estado. Foi apontado por Garcez e contou com o apoio de 8 agremiações partidárias; as mais fortes, como o PSP, o PTB, o PSD, a UDN e outras. Jânio, o homem magro de barbas e cabelos compridos, o chamado demagogo, o homem que queriam desmoralizar perante o povo, apontando-lhe defeitos no trajar, no andar ou no falar, era um David da era atômica, pequeno e sábio, compenetrado do poder de sua funda. Contava tão sòmente com o apoio de dois partidos que, até o momento, não tinham a mínima expressão, nos destinos da política paulista e nacional: o Partido Democrata Cristão e o Partido Socialista Brasileiro.

LUTA HERCÚLEA

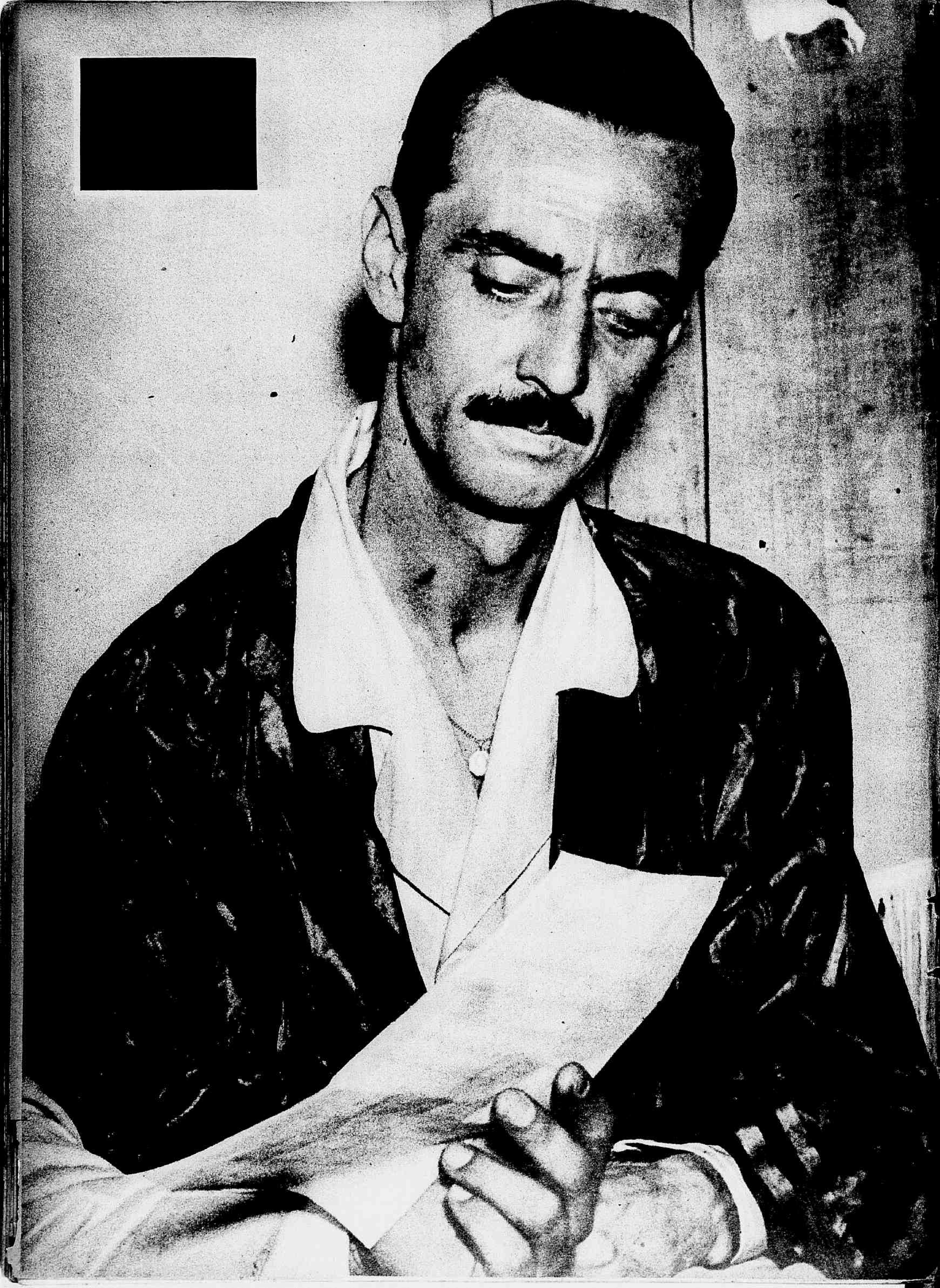
A batalha teve início. Cardoso, sempre ladeado pelo cidadão Lucas Nogueira Garcez, pelo sr. Ademar de Barros e por outros políticos de renome, iniciou sua propaganda. Comícios foram feitos, milhares de cartazes afixados nas paredes, programas de rádio e televisão levados aos receptores de milhares de eleitores paulistas.

Jânio, o simples matogrossense de bigodes pontudos, também trabalhava. Fazia discursos e frizava que nada prometeria, nem êle nem seu vice-prefeito, o deputado Porfírio da Paz. "Não podemos prometer, costumava falar — pois, de sã consciência, ninguém pode prometer nada, sem saber em que situação se encontra a Prefeitura. Meu passado é minha arma. Trabalharei pelo povo paulista, na Municipalidade, como trabalhei na Câmara e na Assembléia."

O povo ouvia e ia para casa pensar. No dia seguinte, lá estava Cardoso, rodeado de políticos, prometendo mil e uma coisas, escudando-se no prestígio que o sr. Ademar de Barros pensava usufruir entre os paulistanos. Ademar, muitas vêzes, falava algumas palavras. Lucas Garcez, também, deixando claro que estava ali como cidadão e não como governador.



Jânio Quadros, orador de grandes recursos mentais, numa atitude característica, barba crescida, deixou muito gente «abarbada»





Condução grátis aos eleitores do Sr. Cardoso e Nobre Filho, com o que foram gastos mais de 500 mil cruzeiros, segundo dizem.

Assim foi até à data de 22. Os cronistas políticos mais destacados estavam certos da vitória de Cardoso. Que lhe faltava? Tinha dinheiro a rôdo, o apoio da maioria, do govêrno e de Ademar. Era uma "barbada", sem dúvida.

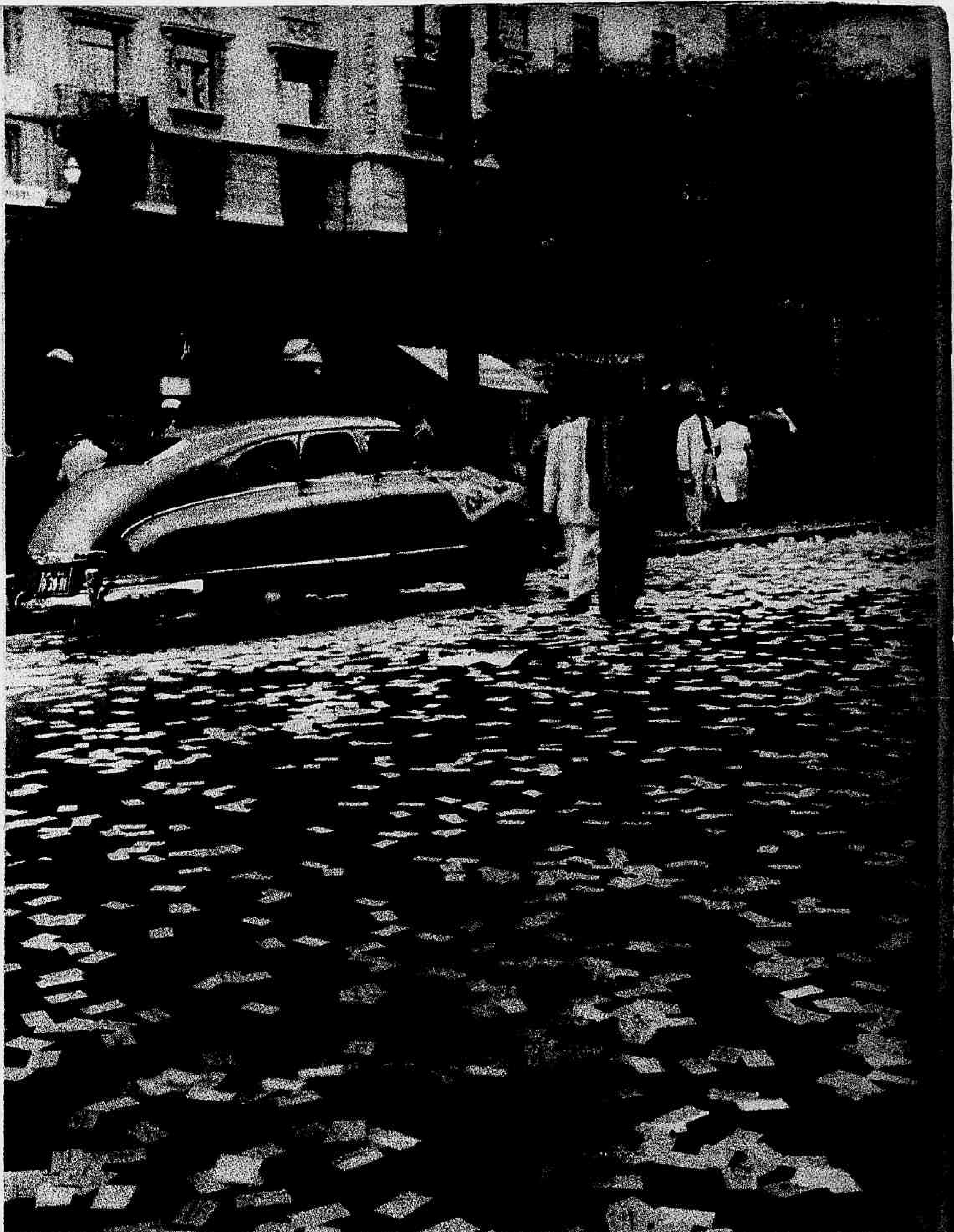
Porém, as urnas falaram mais alto do que os prognósticos. Jânio venceu com uma dianteira de quase 180 mil votos! Os entendedores da política não podiam explicar o fato. Mas ali estava êle, vivo, em cifras insofismáveis. O David do PDC vencera o dinheiro, o govêrno e Ademar de Barros. Fôra uma votação de protesto, solene protesto do povo, contra a carestia, o alto custo da vida e os discursos demagógicos que se cansara de ouvir.

CRÍTICAS

As críticas choveram. Ademar, quando regressara da América do Norte trouxera amplos estudos sôbre propaganda eleitoral. Garcez, transformara-se em cidadão, para fazer a campanha de Cardoso e êste fizera pública sua vida desconhecida do povo, para içar-se ao poder. Tudo gorou, inclusive a baixa dos preços dos alimentos, dias antes do pleito.

Hoje, tudo mais calmo e Jânio com seu diploma de prefeito, os comentários tomam rumos vários. Fala-se que a propaganda de Cardoso foi exagerada e isso valeu-lhe a derrota. Ridicularizaram o prefeito matogrossense, inclusive lançando **slogans**, como: "Vote num paulista, para a prefeitura de São Paulo".

Os cardosistas não se cansavam de chamar Jânio de demagogo barato. Seus longos cabelos, a barba por fazer, a displicência com que sempre trajou, serviam de propaganda política. Chegaram a dizer que êle tinha duas residências. A da rua



Assim ficaram as ruas da cidade de São Paulo: coalhadas de chapas eleitorais do candidato oficial, para maior trabalho à limpeza pública urbana da capital do grande Estado da União.



Os eleitores de Jânio Quadros também tiveram transportes, em caminhões, mas tudo feito com enormes sacrifícios, com «gaita» pouca.



Deixando o trabalho caseiro, levando a filhinha nos braços, esta eleitora cumpre o seu dever de cidadania e deposita o voto na urna.



Para votar, Jânio Quadros foi levado em triunfo pela massa. Sua espôsa não conteve a emoção e chorou. E êle também quase...



Francisco Antônio Cardoso, candidato oficial, apoiado por oito dos maiores partidos políticos, era o favorito do páreo eleitoral.



André Nunes Júnior, operário textil, candidato de elementos comunistas para a Prefeitura de São Paulo, no momento de votar.



Ortiz Junqueira, candidato do PTB, e que teve menor número de sufrágios do que o registrado no total de votos em branco.

Sinimbu — no bairro proletário do Cambuci — para impressionar os eleitores, mas que à noite ia para a palaciana casa da Avenida Rebouças — num dos bairros mais chiques da cidade — que é de seu pai, o vereador Gabriel Quadros.

Jânio não se importou, a princípio. Depois, tratou de fazer a barba, deixou de usar seu capote, comprou roupa nova e continuou lutando. Em um programa de televisão, assistido por mais de cinqüenta mil espectadores, a espôsa do atual prefeito explicou por que êle andava daquela forma. "Meu marido anda assim porque tem pouco tempo — dizia ela. — Dizem por aí, que êle é bêbedo, boêmio e sujo. Como espôsa, posso garantir que é um ótimo pai de família, não é bêbedo e nem boêmio. Limpo anda, por que sou eu quem cuida de suas roupas. Êle sempre foi assim, simples, honesto e bom. O povo que o julgue, pelo seu passado."

Calmamente, sem ira ou violência, Jânio foi respondendo à propaganda feita contra seu nome. O resultado está aí. E' prefeito de São Paulo.

DESORIENTOU

Logo após os resultados da apuração das primeiras urnas, o grupo majoritário ficou desorientado. Ademar estourou de raiva e chegaram a dizer que Garcez renunciaria, pois a eleição era considerada um voto de desconfiança ao seu govêrno.

Quando Jânio lançou a campanha, usou do seguinte "slogan": "Um tostão contra um milhão" e, em seguida, as emissoras da cidade tocavam uma música que dizia mais ou menos o seguinte: "Com um tostão não se compra feijão, não se compra pão, etc." Contudo, as semanas avançaram e o paulistano começou a pagar o feijão a dezoito cruzeiros, o arroz a dezessete e o filé mignon a quarenta. Dias antes, tudo baixou e a população revoltou-se. "Por que não baixou antes? Ah! isso é pão eleitoral!"

Tudo que Jânio fazia era respondido. A campanha de Cardoso foi se tornando antipática. Dizem que foi excessiva e o povo passou a comentar: "Tanta carestia e o Cardoso gastando milhões, em anúncios de jornais, rádio, televisão, cartazes e revistas!" Jânio só falava. Sua despesa com propaganda, ao que consta, não chegou a dois milhões de cruzeiros. A de Cardoso teria ultrapassado a casa dos 40 milhões. Nessa altura, os eleitores comentavam: "Êsse dinheiro terá de sair de algum lugar. Quem vai devolvê-lo à "caixinha" do Ademar?

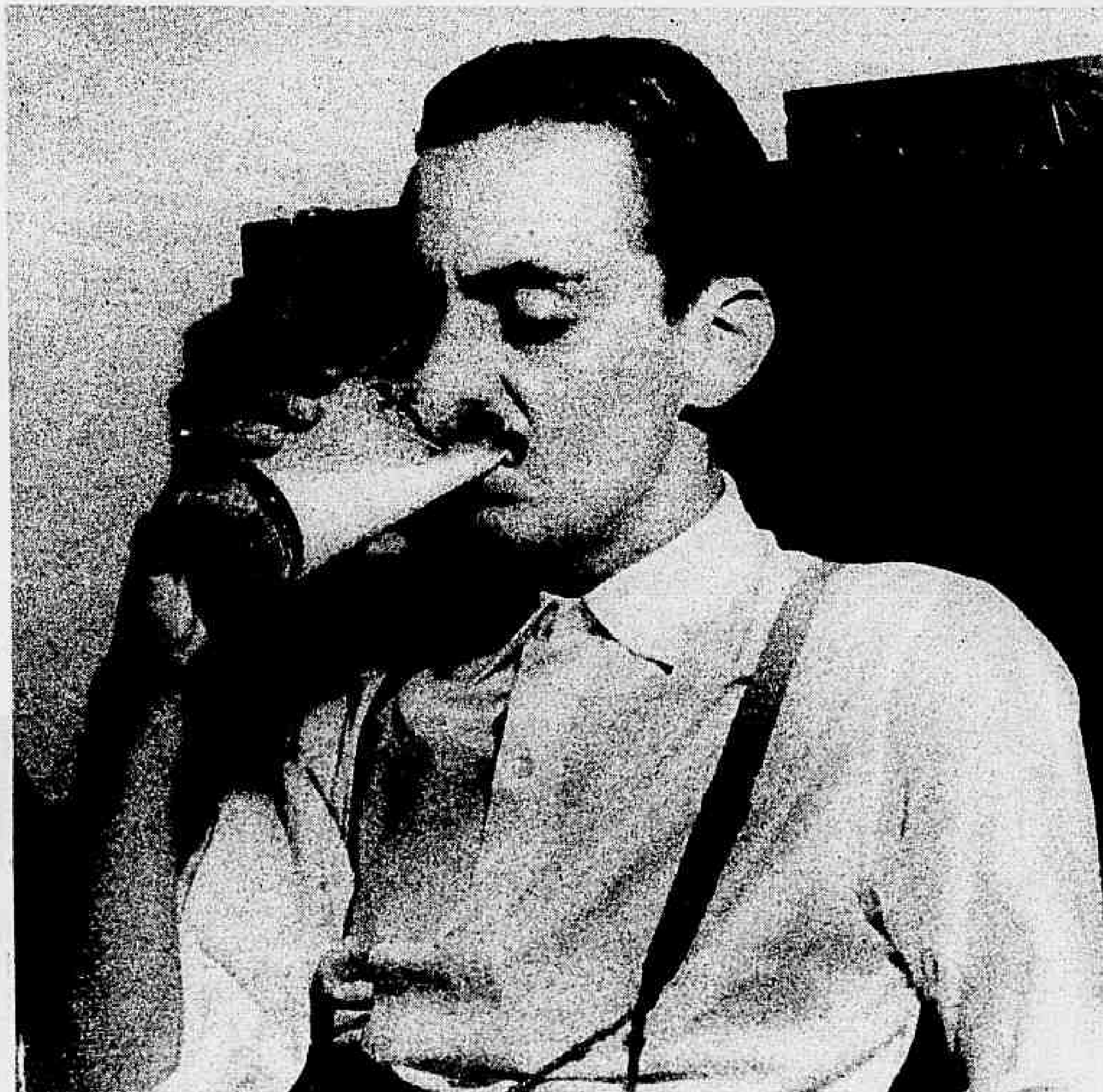
Para piorar a situação, o sr. Ademar de Barros, em um dos seus discursos, disse que o PSP dera ótimos prefeitos e, dentre êles, citou o sr. Paulo Lauro, que é muito mal visto pelos bandeirantes, em virtude da celeuma criada, na Câmara, para a aprovação de suas contas, caso êsse ainda não encerrado e que Jânio fará questão de elcidar.

No dia das eleições, Cardoso deu condução grátis. Era a cabala de última hora. Nessa brincadeira foram gastos quase 500 mil cruzeiros. Jânio deu caminhões e, muitos dêles, eram cedidos gratuitamente, por proprietários simpatizantes.

(Cont. na página 36)



Depois da batalha das urnas, Jânio Quadros, barba feita, lê ao som de um prelúdio, na serenidade do lar, os primeiros resultados da eleição.



Era o prelúdio da vitória sensacional. O herói paulista festejou-a com um duplo de leite. Para governar é preciso fôrça e leite fortalece.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 15 ★ 11-4-53

SUMÁRIO:

Jânio Quadros a surprêsa do ano 3/ 6
Lança de fogo sôbre a Kenya .. 16/19
A incompreendida de Hollywood 23/25
Desaparece a rainha Mary 26/27
Coréia — cobaia da 3.ª guerra .. 28/29
Sem as luzes do Municipal 31/32
Menu da fome 48/53



Os fantasmas da Escócia 7
O violão de Alagoas (conto) ... 11/40
A Bem-Amada (romance) 12/13
Prima Rosa (conto) 14/38
Sombras da Rainha louca 15
Semana literária 35



A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana 9
Janela sôbre o mundo 20/21
Conta-me teus sonhos 22
O riso dos outros (humorismo) .. 34
Correio da Revista 36
Arabelle (folhetim) 37
Passatempo 40
A Revista há 50 anos 41
Último flash 54



A saúde do bebê 42
Modelos 43
Blusas 44/45
Week-end na cozinha 46
Uma nova lua-de-mel 47
Sugestões para o lar 47

CAPA
Peggy Dow (Foto U-International)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito. 1818 N. Whitley — Ave. — apto. — 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino. Rua Capitão Salomão, 59. Telefone: 34-15-69. Publicidade: J. Gomes Bastos. Rua Barão de Itapetininga nº 224, 6º and., Sala 60.



Os fantasmas da Escócia

OS fantasmas andam às sôltas, na Escócia. Não há nenhuma novidade nisso. Os vetustos castelos escoceses sempre foram pouso predileto de assombrações, constituindo até os fantasmas, com o scotch", os produtos mais interessantes dessa terra de velhas lendas e velhos "whiskeys". O que há, atualmente, digno de maior nota, é uma exacerbação fantasmal no país. Deve-se essa inflação de sobrenatural a um fato muito real — no duplo sentido — isto é, a coroação da rainha Elizabeth.

Desde que começaram a aparecer na Escócia homenagens à soberana, os escoceses estranharam o detalhe: a rainha aparecia com dois II romanos após o nome.

● A êsse respeito, têm os escoceses opinião firmada: Elizabeth I não reinou por lá. E mais: decepou a cabeça de sua bem-amada Mary Stuart, a doce "reinette" cantada por Du Bellay: "En vôtre esprit le ciel s'est surmonté"...

O nome da princezinha do século XX e o número que teve na cronologia real vieram despertar velhas rixas, centenárias diferenças, a dramática luta das duas rainhas. As casas que ostentam letreiros falando em "Elizabeth II", são atacadas, dinamitadas, depredadas. Uma placa de bronze, com os dois II, amanheceu com um só, o outro comido a fogo! E tudo se passa em mistério, na calada da noite, no bom estilo da "ghost story".

Para nós, estamos em que são os fantasmas, os autores de tudo. Não seria, por exemplo, o espectro de Rizzio, atravessado de espadas, saindo das sombras sinistras de Hollyrood, o destruidor dêsse I que destronaria outra vez Mary Stuart? Os italianos são vingativos e o malogrado secretário estará cheio de motivos...

● Ou, quem sabe, não é o impertinente João Knox, voltando ectoplasmicamente, para expiação de suas penas, obrigado a essa penitência? Poderia também ser a alma errante do trovador Chastelard, teimoso campeão da linda Mary, a "cruel Dama" que inspirou seus sonhos, mandando-o ao patíbulo a perder, de uma vez, a cabeça que quisera perder por ela, de maneira mais suave... Pode ser qualquer dessas ilustres almas penadas, poderá ser o próprio gentil espectro da formosa e ardente Maria, vestida de pagem, como nas suas belas noites de mascarada, defendendo, de novo, seu efêmero reino, contra a cobiça da terrível Elizabeth, a quem os dois II da atual entregariam, embora em tempo não útil, o trono manchado de seu sangue... São os fantasmas que estão agindo, apagando o I, na Escócia. Quando não seja vestidos com seus próprios espectros, nessa outra forma sutil que costumam assumir, às vêzes, despertando, na almas que ainda têm corpos, as memórias que levaram para o outro mundo.

EDMUNDO LYS



A SEMANA EM REVISTA

INCÊNDIO NO MINISTÉRIO da Agricultura! Tratando-se de edifício antigo, datando da inauguração das festas do primeiro centenário da independência nacional, onde funcionou o Pavilhão dos Estados, era evidente que o fogo encontraria material de fácil combustão e lavrasse à sôlta. Com efeito, irrompendo as primeiras chamas no depósito de filmes, atingiu fàcilmente a Seção de Documentação, onde os estragos foram mais vultosos. A intervenção dos bombeiros, porém, deteve o alastramento do fogo, que ficou circunscrito àquelas seções, sendo, porém, consideráveis os prejuízos. Segundo se sabe, tanto a Documentação, como o Depósito de Filmes, estavam primorosamente montados, tendo-se perdido grande cópia de material precioso, dificilmente recuperável. As duas fotos são daquele acontecimento lamentável.



● AINDA SÃO ignorados os motivos que levaram moradores da localidade paraibana de Paços a um gesto ousado contra um religioso franciscano. Outrora os rotundos frades eram reverenciados pela turba-multa quais semideuses. As crianças pediam-lhes a bênção. E a matutada quedava em silêncio ante os senhores de milhões de consciências e milhares de privilégios. Hoje a coisa é diferente. As pacíficas ovelhas metamorfosearam-se nos bodes rebeldes. Por isso diz a notícia de João Pessoa, fanáticos de Paços, município de Antenor Navarro, envenenaram o vinho da missa, vitimando frei Francisco Álvaro, que se encontra em estado grave. Amem...

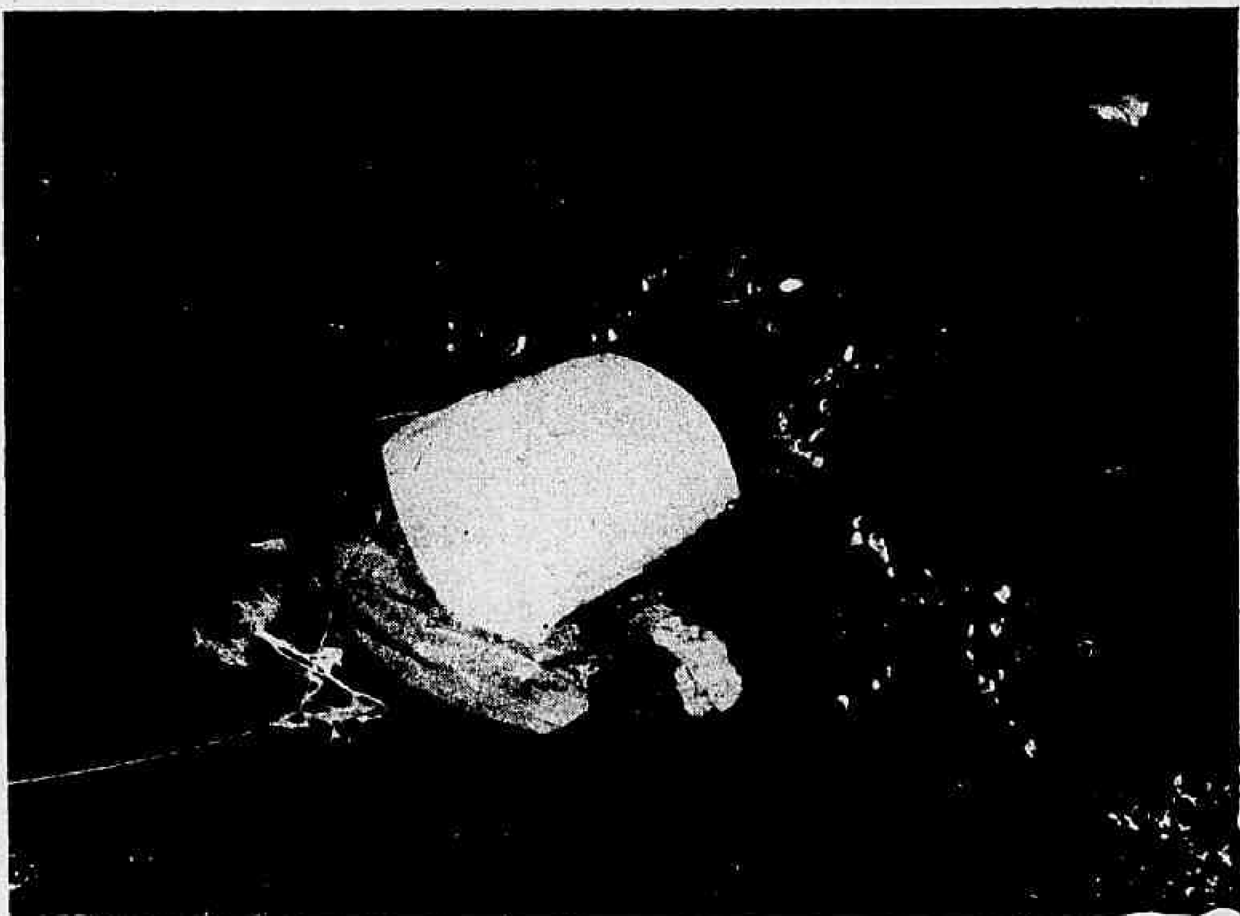
● O CASAMENTO da princesa Magnhild, filha do rei Olav e princesa herdeira do trono da Noruega, foi ùltimamente anunciado. A celebração das núpcias será na primeira quinzena do mês de maio. O noivo da princesa Magnhild é o navegante e herói norueguês da última guerra mundial, Erling Lorentzen. Os futuros cônjuges já têm planos para depois do casamento: passar a lua-de-mel no Brasil. Como num conto de fadas, onde tudo são maravilhas, escolheram os encantos das terras tropicais da América do Sul, para doçura dos primeiros dias de casados. Certamente a paisagem encantadora da Guanabara há de deslumbrar os ilustres filhos das auroras boreais.

● AS 17 HORAS de domingo último ocorreu impressionante cena, cuja protagonista foi uma filhinha do advogado Guy Ladvocat Cintra, residente na cidade de Petrópolis. Um leão fugiu de sua jaula no Parque Zoológico Particular de Samambaia, quando a família da criança visitava aquela instituição em companhia do diretor, o sr. Richard Tromsky. A fera ao escapar da jaula feriu gravemente a menina Marise, de três anos. Aos gritos lancinantes da pequerrucha acorreram várias pessoas. Com muito jeito, conseguiu o tio da criança, armado de uma enxada livrá-la das garras do animal. O leão arrancou parte do couro cabeludo da criança e produziu ferimentos profundos no pescoço e no rosto.

● VIVE NA MALAIA o **homem** mais velho do mundo. O novo Matusalém, Haji Ilias Bin Haji Abdul Malid, completou o seu centésimo quinquagésimo aniversário natalício. Apesar de alquebrado, com a cabeça forrada de algodão, o extraordinário malaio macróbio, cego e desdentado, espera viver ainda dez anos. No mundo atual, em que violentas catástrofes ceifam, implacàvelmente, milhões de existências nos sorvedouros da morte, essa velhice é digna de admiração. Até hoje, o elixir da longa vida ainda continua sendo a quimera mais bela da humanidade. Mas, para Abdul Majid, que nasceu nas calendas de 1803, a morte não faz falta... porque a vida lhe sobra!...



JEAN-PIERRE AUMONT e Cecile Aubry, nomes muito conhecidos dos fãs de cinema, contemplam a amplidão da praia de Copacabana, sentados à beira-mar, numa atitude romântica. Cecile Aubry estêve recentemente em nossas telas no filme «A última espôsa de Barba-Azul», uma comédia-farsa que fêz sucesso. Com êles vieram também outras estrêlas ainda pouco conhecidas, como sejam Magali Vendeuil e Dominique Willms, que também passaram alguns dias no Rio, gozando das delícias cariocas. Há quem esteja fazendo veneno, e diga que Pierre, ainda de luto de Maria Montez, sua espôsa, está se inspirando para conquistar o coração de Cecile. Mas tudo isso pode não passar de mexericos sôbre as ondas.



UMA PESCARIA trágica à semana passada na praia do Flamengo. Apareceu um corpo de homem ao sabor das ondas. Afogado acidental? Suicídio? Crime? Ninguém soube. Mas era preciso retirar o cadáver que o mar ia tangendo para o quebra-mar. Um dos nossos fotógrafos bateu esta chapa, quando o afogado era laçado e ia ser içado para um barco. Quem era o morto? Tinha êle aparências de estrangeiro. Sua fisionomia dava a impressão de que se tratava de um alemão ou nórdico. E se não se esclarecer o caso, será mais um drama que as águas tranqüilas da Guanabara hão de guardar no recesso misterioso de seus domínios. E muitos circunstantes lamentaram não poder acender uma vela ao morto.

A PERSONAGEM da SE[MANA]



O ESTADO de S. Paulo foi objeto, ùltimamente, de tôdas as atenções do país, por fôrça do resultado das eleições municipais da capital bandeirante. E a figura, realmente austera e geralmente bem conceituada do governador Lucas Garcez, voltou ao cartaz e aos comentários. Porque S. Excia. que vem fazendo no govêrno paulista uma administração digna de encômios, talvez contrariando as suas convicções íntimas, enfrentou o pleito eleitoral. Sem empregar, embora, os dinheiros públicos, o chefe do executivo estadual lançou na liça o prestígio de seu nome e do seu cargo. Poderia S. Excia. ter evitado essa atitude? Se o fizesse, não seria tachado, por muitos, de abúlico, e até de traidor? Teria S. Excia. agido com prazer na medida do entusiasmo com que se apurou no embate? Foi um gesto perigoso porque, se outrora, sem o voto encoberto, o eleitorado das grandes capitais já «malhava» sistemàticamente os governos, que se poderia esperar agora, na vigência plena do voto secreto? Veio a derrota espetacular. Mas uma coisa S. Excia. demonstrou afinal e que muito lhe valeu: serenidade diante do fato consumado, respeito ao voto e à lei. Poder-se-á dizer que o Sr. Lucas Garcez não foi bom político ao jogar a partida. Todavia ninguém lhe negará a sensatez e a segurança da conduta diante da derrota mais de efeito moral do que de outra qualquer conseqüência.

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* Gesteira.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* Gesteira

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, liquidificador, máquina de costura e muitas outras coisas úteis.

Conheça o Brasil: recorte da REVISTA DA SEMANA e colecione lindas gravuras coloridas de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo.

no Álbum Revista da Semana

ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da «Revista da Semana» e colocadas no «Álbum», começaram a ser publicadas na «Revista da Semana» N.º 12, de 12 de março de 1953. Números atrasados da «Revista» bem como o «Álbum», são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

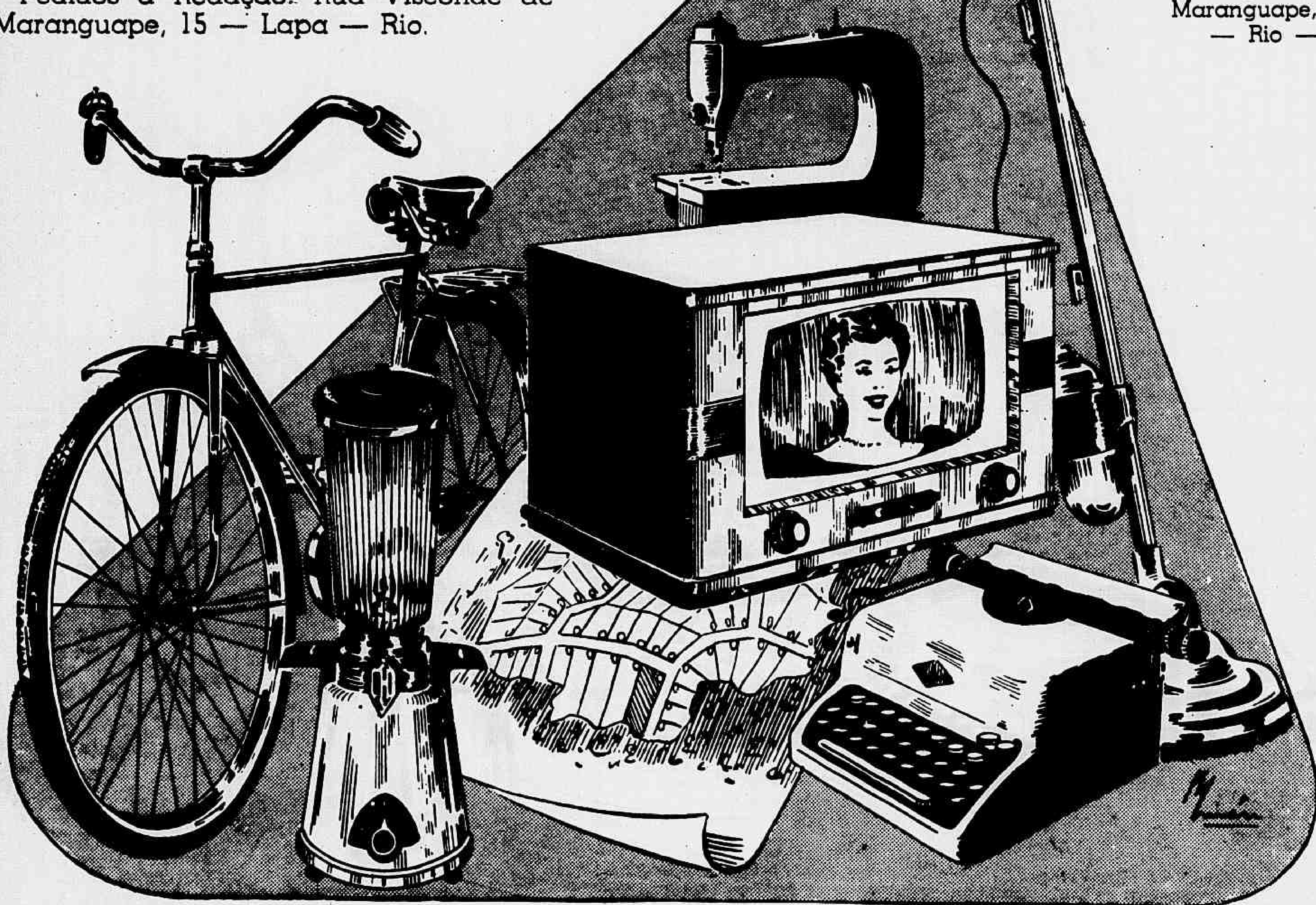
Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

Condições na

REVISTA DA SEMANA

a venda em todos os jornaleiros

Redação: Rua Maranguape, 15 — Rio —



REALIZAÇÃO DA BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A.

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134 — RIO DE JANEIRO

O VIOLÃO de ALAGÔAS



ZEZINHO Bezerra era filho de um sapateiro; nasceu em Pão de Açúcar, à beira do rio São Francisco, no fim do século passado. Apenas com oito dias, foi atacado pelo sarampo. Quando a doença passou, no lugar dos olhinhos azuis, ficaram apenas dois buracos.

Com os anos, tornou-se um menino desajustado. Era macambúzio e irritadiço. Recusava qualquer afago, pois talvez visse nisso um ato de piedade. E foi crescendo sem aceitar o auxílio de ninguém...

Pequenino ainda, arrastando-se pela casa, ficava horas esquecidas a ouvir o Joaquim martelar o couro, na sua banca de sapateiro. Pelas pancadas, com o correr do tempo, o menino pôde distinguir quando o pai estava alegre ou triste, preocupado ou de bom-humor. E' que seu mundo era feito exclusivamente de sons. Vivia a compará-los, a guardá-los na memória auditiva e na sensibilidade de sua alma.

Seus dias eram compridos, vazios. Não brincava com outros meninos de sua idade, nem mesmo com os irmãos. Chupava os dedinhos magros ou, às ocultas, apalpava os olhinhos secos.

Passando por uma lojinha, Joaquim viu uns brinquedos. Lembrou-se de Nezinho. O menino não tinha nada com que se distrair. Parou. Admirou a exposição das bugigangas e pegou num violãozinho.

— Quanto é isto?

— Quatro tostões.

— O' diabo! Um brinquedo tão caro!

O negociante fê-lo examinar:

— Veja, boa madeira... Ótimo som... A criança vai gostar...

Joaquim pensou que o filho gostaria mesmo. Reguingou um pouco. Nada... Tirou os níqueis do bôlso. Comprou mesmo pelos quatro tostões. Quando entregou o brinquedo à mulher, ela achou um despropósito. Dar um cruzado por aquilo!

— Ora, homem, Nezinho nem vê isso...

Ao que o marido contestou:

— Não vê mas sente!

Nezinho dormia, ressonando. A mãe, apesar de ter discordado do marido, estava satisfeita. Colocou o violãozinho na rêde do filho e saiu, pé ante pé. Mas ficou observando a cena. Êle acordou e mal se mexeu sentiu qualquer coisa lhe roçando as costas. Tateou. As mãos esguias puxaram o objeto para si. E na solidão dos seus primeiros meses, sorriu ao sentir-se senhor daquilo. Pelo semblante, o brinquedo fôra bem aceito. O menino encontrava um companheiro naquele instrumento elementar e rude. E o pequeno violão adquiriu som entre seus dedinhos mimosos.

Morreu-lhe a mãe. Ficou mais solitário e triste do que antes. Ernestina, a irmã mais velha, voltou-se para êle e assumiu o papel da morta.

Mirrado, débil, levou cinco anos a engatinhar pela casa com a camisola a atrapalhar as incursões que fazia pelos cômodos daquele casarão antiquado. Arrastava-se de um canto para outro, misturando-se com o cachorro e o gato; punha o violãozinho nos adobos vermelhos e corria os dedinhos pelas cordas, derramando sons incoerentes, mas que o extasiavam. Disso talvez lhe viesse no futuro o hábito de tocar com o instrumento deitado no colo. Nessa idade já distinguia perfeitamente o chiado dos carros de bois subindo ou descendo o morro. Era só perguntar-lhe quantos carros vinham e quantos iam e a resposta era precisa. Parava de engatinhar e se voltava para o perguntador:

— Três. O do Mané desce, com o do Tião. E o do «seu» Chico sobe.

O curioso — um cavalão que se divertia com a criança — ia ver se era verdade. Voltava logo, com uma alegria ingênua no olhar. E exclamava:

— Eta, Nezinho! Não erra nunca!

Conhecia carro por carro, pelo chiado. Havia algo que os distinguia e talvez fôsse essa a causa da sua infalibilidade. Isso chegou a alarmar as comadres. Para elas, Nezinho diferia de todos os cegos. E enquanto os pão-de-açucarenses começavam a mostrar estima pelo menino, êste se ia distanciando, distanciando...

Aquêle brinquedo durou anos. No entanto, com o tempo, lá se foi! Um dos irmãos partira o violãozinho na cabeça de outro. Sabedor da sorte que coubera ao seu instrumento, Nezinho fêz barulho. E voltou a sentir-se isolado, num mundo que só permitia entrada aos sons. Chegando a idade escolar, Joaquim preparou-o para cursar o Instituto dos Cegos, no Rio de Janeiro.

Voltou já moço. Trazia bengala de junco, terno de linho, chapéu de palha e óculos fumados que lhe davam certa distinção. Caminhava por tôda Pão de Açúcar sem outro guia, a não ser a bengala. O homem muitas vêzes tem um cachorro, um cavalo, Nezinho possuía uma bengala. Entendia-a. Batendo com a ponteira no lugar onde desejava pisar, ouvia seus conselhos: sim ou não. A bengala era seus olhos. Guiava-o sem má-vontade nem cansaço, ouvia-lhe os queixumes e as pragas.

Apenas chegado, recebeu convite para reger a banda de Santana do Ipanema, cidade que ficava a doze léguas de Pão de Açúcar. Os fazendeiros de tôda a redondeza enviavam-lhe os filhos para aprender música, mas Nezinho não ouvia êsses pedidos, tão absorvido estava pelas suas composições. Certa tarde ensolarada, chegou um emissário; vinha convidar o artista a visitar Maceió. Nezinho aceitou e partiu no dia seguinte. Numerosas pessoas desceram à praia para vê-lo. Um convite de Maceió! E o povo exultou como se cada um fôsse o convidado. Nezinho preocupava-se mais com aquela manifestação de amizade do seu povo, do que com a sorte de sua música. O grupo conversava sôbre o futuro, vaticinando-lhe a glória e êle mantinha-se silencioso, emocionado, apertando mãos amigas. O negro Malaquias interrompeu a conversação. Depois de idas e vindas, carregando malas até ao barco à distância, aproximou-se do bando e, batendo no pescoço, com um sorriso de orgulho:

— Seu Nezinho, tá cá o cangote, monta nêle...

O rapaz despediu-se, pulou para os ombros do Malaquias, que se pôs a atravessar grande parte do rio com o fardo às costas. Não havia ainda cais e as embarcações não chegavam à praia, estacionando no meio do São Francisco. Homens robustos, como o Malaquias,

(Cont. na pág. 40)

Conto de MARIA JOSÉ DA SILVA

Ilustração de JERONYMO RIBEIRO

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

VALE a pena também mencionar outra fantasia sua, mera superstição de artista. Os Caro, como outras famílias da ilha, denotavam estirpe romana, mais ou menos enxertada no tronco dos "honderos". Seus hábitos facciosos recordavam os dos camponeses italianos, a qualquer um, que, como êle, estivesse familiarizado com os mesmos. E havia provas de que os colonos romanos povoaram densamente e por muito tempo, aquêle rincão britânico e suas imediações. Conforme rezava a tradição, no extremo da estrada romana que conduzia até à ilha, existira um tempo dedicado a Vênus, talvez anterior ao outro consagrado às divindades inferiores dos "honderos". Assim, nada mais natural que a verdadeira estrêla de sua alma não se achasse em parte alguma, senão na velha progênie da ilha.

Depois de tomar sua refeição, veio o seu antigo amigo Somers, para um dedo de prosa. Através da palestra, aludiu o visitante, casualmente, ao local em que deviam encontrar-se na manhã seguinte.

— Não poderei ir — disse Pierston.

— Mas você me prometeu!

— Sim; mas vou à ilha para visitar o túmulo de uma morta.

Ao dizer isto fixou a vista em uma mesa próxima. Somers lhe seguiu o olhar e viu na mesa uma fotografia colocada numa moldura.

— E' aquela? — perguntou.

— Sim.

— Talvez um passado amor?

— Realmente. Ela foi a única cujo amor desdenhei, Alfredo, e a única a quem devia ter correspondido. Aí tens o quanto insensato sempre fui!

— Porém se está morta e sepultada, você pode ir visitar-lhe a sepultura qualquer outro dia, tão bem como agora e manter vivo os seus sentimentos.

— Não sei se já está enterrada.

— Mas logo amanhã! Com a sessão inaugural da Academia! Por que vai precisamente amanhã?

— Não me importa a Academia!

— Mas Pierston, é você o nosso único escultor inspirado. E' o nosso Praxiteles, ou, para melhor comparar, o nosso Lisipo. E' quase o único homem da atual geração que tem sido capaz de modelar e esculpir formas bastante vívidas para atrair o público frívolo das distrações vulgares e chamá-lo a visitar os desertos gabinetes de leitura. E todos os que têm visto suas obras dizem que não há nada igual há dezesseis séculos, emparelhando-se você aos maiores escultores de "grande raça". Assim, pois, em benefício alheio, não deve você ir meter-se naquelas rochas marinhas olvidadas de Deus, precisamente quando tanto precisam de você em Londres. E tudo por uma mulher a quem você viu pela última vez já faz um século.

— Não. Faz apenas dezenove anos e nove meses — respondeu Pierston como que abstraìdamente.

Pierston viajou na manhã seguinte. Desde os dias de sua juventude se havia construído uma estrada de ferro até àquele banco de rochedos bravios, de modo que, exceto quando a fúria das águas arrancavam os trilhos, o que, aliás, sucedia muito a miúdo, era muito fácil ir de Londres até à península. Às duas horas da tarde já ia êle perto de sua terra natal, olhando as fileiras de pedras côr de farelo, tão familiares aos seus olhos, até que chegou à estação final. Pareceu-lhe bastante estranho entre as denegridas embarcações, as ruínas da aldeia, os rochedos de eolita surgidos à luz do sol depois de enterrados durante inumeráveis séculos geológicos.

Ao passar êle pelo banco de pedras miúdas, fitou as ruínas do castelo de Sandsfoot, de Henrique VIII, onde Avícia devia ter ido encontrá-lo na noite de sua partida. Se ela houvesse atendido ao combinado, talvez se houvessem casado. Como ilhéu, cumpriria sua palavra, e Avícia teria sido sua espôsa.

Ao subir pelas escarpas em declive onde as pedreiras faziam ouvir seus ruídos como sempre, entre as enormes serrarias, olhou Pierston em direção ao mar, para os lados de Beal.

A linha do horizonte marítimo se elevava sôbre a superfície da ilha; e, como sempre, uma mancha rugosa, a meia distância, indicava a posição da Corrente onde mais de um Licidas havia ido "visitar o fundo do mundo abismal", sem a sorte de ter por amigo a um poeta.

Em frente à extensão de água onde um cardume de cavalos centelhava ao sol da tarde, distinguia-se o farol e uma igreja com seu campanário a um quarto de milha dali, perto das bordas do penedo. Diante da mesma dilatada extensão de água inquieta e murmurante se viam os perfis das lápides sepulcrais do cemitério.

Por entre as tumbas andava um homem revestido de sotaina branca, que o vento fustigava de quando em quando, fazendo-a revolutear, tristemente. Junto a êle iam seis homens de luto. O caixão mortuário trazido a braços através da ilha cruzou o cemitério rodeado pelos reflexos do mar e daquele bando de peixes que nadavam à flor das águas. Estendendo-se a vista pelo oceano largo, divisa-se distante do Canal uma barca de pescadores.

O fúnebre cortejo deu uma volta até ao ângulo do campo santo, onde se deteve por algum tempo, exposto ao vento, com o mar às suas costas e o vento sempre a sacudir as vestes do sacerdote. Jocelyn se manteve com a cabeça descoberta, pois, embora estivesse colocado a um quarto de milha de distância, se considerava como se estivesse presente, e lhe parecia ouvir tudo o que ali se dizia, apesar de ser apenas percebido o rumor do vento.

Instintivamente compreendeu que aquêle cadáver não podia ser outro que não o de Avícia, a quem iam sepultar, a sua Avícia, como presunçosamente começava a chamar-lhe. De súbito o pequeno grupo se afastou e desapareceu.

Sentiu-se Pierston incapaz de prosseguir sua caminhada, seguindo aquela direção. Volvendo os passos saiu a andar sem rumo fixo através da ilha, visitando as diversas paragens onde, em outros tempos, havia estado com Avícia. Porém, como se sentia prêso àquela cena do cemitério, como se o houvessem amarrado à mesma, parecia-lhe que estava situado no extremo de um raio de círculo cujo êxito fôsse a tumba de Avícia. Ao escurecer, depois de gravitar ali por perto, entrou pela porta do cemitério. Não havia nos arredores uma só viva alma. Fàcilmente descobriu por detrás da igreja a sepultura recém-aberta, e, ao sair da mesma lua crescente que, na noite anterior observara da janela de seu apartamento em Londres, viu as pegadas ainda recentes dos sepultadores de Avícia. O vento se havia acalmado logo que o sol se pôs. O farol abrira então o seu ôlho deslumbrante. Não disposto a deixar um lugar duplamente sublimado pela antiga amizade e pelo pesar de agora, acercou-se êle da parede da igreja caldeada pelo sol da tarde, sentando-se a uma janela fronteira à cova.

CAPÍTULO XIII

NÃO ouvia Pierston outro som que não os ruídos das ondas ao chocar-se com as rochas, pois as pedreiras já estavam silenciosas. Não percebeu o tempo que passou ali, sòzinho, e a meditar, nem tampouco soube, apesar de sonolento, se o suave narcótico de sua repentina tristeza o envolveu em curto sono, pois perdera tôda a noção do tempo e a consciência do episódio. Mas, durante alguns minutos pareceu ver a própria Alícia Caro, que, à luz da lua se inclinava sôbre a sepultura, afastando-se dela em seguida.

Pelo seu aspecto não lhe pareceu nem um ano mais velha, nem um dedo menos esbelta, nem uma linha mais angulosa do que quando, vinte anos antes, se havia despedido dêle em sítio distante dali. Pierston se ergueu um tanto sobressaltado e, reagindo sôbre o seu abatimento de ânimo, compreendeu que não era possível tal fenômeno, não passando a visão que vira, de um sonho fantástico. E exclamou:

— Sem dúvida eu dormi um pouco.

Entretanto, estava quase certo de que fôra real a aparição de Avícia, o que lhe deixou a mais estranha sensação. Mesmo que, por absurdo, fôsse falsa a notícia de sua morte, a doce amiga de sua infância apesar dos transformadores efeitos da luz da lua, não se havia apresentado tal como era dezenove ou vinte anos passados. Se o que viu era carne material, seria outra pessoa distinta de Avícia Caro.

Satisfeito o seu sentimento depois de ter visitado o lugar da sepultura, nada mais tinha que fazer na ilha, e resolveu regressar a Londres, naquela mesma noite. Mas, como ainda lhe sobrava tempo, por natural instinto se encaminhou até às Pedreiras do Este, onde estava sua aldeia natal e de tôda a sua família. Passando pela praça do Mercado, tomou o ramal da estrada de rodagem que conduzia ao Castelo de Silvânia, uma residência particular, de construção relativamente moderna, em cujo terreno frondeava a única árvore de que se podia ufanar aquela ilha cheia de alcantis. As vivendas vizinhas se estendiam perto daquele solar. Uma das mais próximas dali havia sido, justamente, a casa de Avícia. Como era casa própria, naturalmente havia falecido na mesma. Para chegar até lá passou diante da porta de Silvânia, e, olhando para a entrada do jardim, viu um cartaz anunciando que se alugava a casa mobilada. A poucos passos mais para diante estava a vivenda de Avícia, cuja linda e maciça base de pedra, com dois ou três séculos de antiguidade, podia resistir à inclemência do tempo muito mais do que as novas e vulgares construções. Fixou Pierston a atenção nas janelas, e percebeu que estavam abertas, pois brilhava uma luz no interior. Acercou-se convenientemente e olhou para dentro.

Diante de uma mesa coberta de toalha muito branca, uma jovem ia retirando um serviço de chá e recolocando-o num móvel vizinho. Tinha ela o mesmo aspecto de Avícia, a mesma a quem havia perdido para sempre, e essa nova encarnação de sua examada, era também semelhante à que vira no cemitério, imaginando-a ser o fruto de uma ilusão, ou de um sonho.

Agora, porém, já não havia dúvida sôbre a realidade material daquela jovem, seu isolamento na silenciosa casa lhe dava mui estranho e surpreendente aspecto. Conjecturando sôbre o caso, estava ainda ali a meditar, quando, após alguns minutos, passou junto a êle um trabalhador das pedreiras que se dirigia ao lar, tendo Jocelyn o interrogado sôbre a

RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA

Jocelyn Pierston, escultor residente em Londres, apaixonara-se por várias mulheres, mas a nenhuma se unira. Tinha êle um conceito um tanto esquisito de escolher sua espôsa, enquadrando-a na figura ideal de uma "Bem-Amada" que devia ser mais fôrça de sua imaginação do que uma mulher real. Estava tomando parte num jantar íntimo em casa de senhora da alta sociedade londrina, quando leu uma carta de sua terra natal, comunicando que Avícia, uma de suas noivas frustradas, falecera. Pierston ficou muito triste e lamentou não tê-la desposado.

presença daquela moça na casa deserta.

— Ah! sim, senhor. E' a única filha da pobre senhora Caro, tendo que ficar sòzinha tôdas as noites. Pobre jovem! Sim, todo mundo vê nela o retrato de sua mãe. Parece-se muito com ela.

— Mas, por que ficou assim tão só?

— Um de seus irmãos foi ao mar e se afogou. O outro está na América.

— Não tinham sido proprietários de pedreiras?

O operário se dispõe de boa vontade a explicar àquele homem que lhe parecia forasteiro, ter havido naquela ilha, três famílias dedicadas ao comércio de pedras e que muito se relacionaram entre si na passada geração. As famílias eram: os Beucomb, os Pierston e os Caro. Os primeiros tudo fizeram para afastar os concorrentes, logrando o intento, em parte. Por êste meio, enriqueceram enormemente. Depois, venderam tudo e desapareceram por completo da ilha onde haviam realizado grande fortuna. Os Pierston se mantiveram em regular mediania, prosperando sem alardes nem ambições; mas, por sua vez, se retiraram do negócio. Os Caro ficaram em situação de inferioridade, em face da porfia das outras duas famílias. Quando a filha da viúva Caro se casou com o seu primo Jaime Caro, quis êste reconquistar para sua família o primitivo pôsto na tríplice contenda. Firmou contrato a preço menor do que os concorrentes, o mais baixo que lhe foi possível fazer, e foi-se aguentando com dificuldades, até que sobreveio a quebra. Vendeu tudo e se retirou da ilha. Depois regressou e ficou residindo nesta casa, que era sua por herança de sua mulher, aqui ficando até sua morte. Agora, morre a viúva. Os sofrimentos, as angústias acabaram com ela.

O trabalhador prosseguiu o seu caminho, e Pierston, cheio de remorsos, chegou até à porta da casa de pedra tão cheia de recordações para êle, e bateu. Veio abri-la a mocinha, trazendo à mão um candeeiro.

— Avícia! Avícia Caro! — exclamou ternamente Pierston, sem poder evitar aquela explosão de estranhos sentimentos, como se ainda estivesse com vinte anos a menos, quando se dirigira à abandonada Avícia.

— Sou Ana, senhor... — disse ela.

— Ah! Não tens o mesmo nome que tua mãe?

— E' meu segundo nome. E também tenho o mesmo sobrenome porque minha pobre mãe se casou com seu primo.

— Como todos fazem aqui... Pois bem: te chames Ana ou qualquer outro nome, para mim és Avícia. Então morreu agora tua mãe?

— E' verdade, senhor.

Falava aquela jovem com a mesma inflexão de voz que êle ouvira vinte anos antes, enquanto o fitavam uns olhos cheios de curiosidade, com aquêle mesmo familiar íris castanho.

Eu conheci tua mãe em outros tempos. Sabendo de sua morte e do entêrro, tomei a liberdade de vir visitar-te. Poderás perdoar a um forasteiro êste atrevimento?

— Sim — respondeu ela tranqüilamente, lançando um olhar ao redor da sala. — Esta foi a casa de minha mãe e agora é minha. Sinto não estar vestida de luto na noite de suas exéquias. Mas, agora mesmo acabo de colocar umas flores em seu túmulo. Temendo que a umidade pudesse amarrotar meu vestido de crepon, mudei de trajo antes de ir ao cemitério. Vê o senhor, minha mãe estêve enfêrma por largo tempo, e eu tive que cuidar dela, além de trabalhar como lavadeira e engomadeira, para ganhar a vida. Minha mãe se lastimava ao ver-me trabalhar em coisas tão pesadas. Eu não tinha outro jeito, e meu melhor freguês era lá das gentes do Castelo. Minha mãe também terminou a vida lavando e engomando para fora, fazendo ingentes esforços para espremer as peças molhadas.

— Espero que não venhas a acabar assim, querida menina.

(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR — **Ilustração de RAMON**



PRIMA ROSA

Conto de O. GOMES DE CASTRO — **Ilustração de SEME MATTAR**

O trem corria e Julião pensava. Os verdes capinzais matogrossenses desfilavam pelas janelas. Aquela segunda viagem, trazendo outra filha do compadre Ninito, parecia-lhe um contrasenso, considerando os aborrecimentos e o fim desastroso de Lola. Acendeu o charuto, ajentou-se no banco e fixou no rosto cansado da moça, um olhar preocupado. Prima Rosa dormia, recostada no banco da frente. O trem se precipitava, barulhento, sem alterar, entretanto, a quietude imensa dos campos. O pedido insistente do compadre, não lhe facultara outra alternativa. Seria desumana grosseria não aceitá-la. Estava, aliás, em boas mãos. Faria tudo para Rosinha ser feliz. Implícito naquela boa resolução, estava o propósito de uma vida tranqüila, repousada; totalmente oposta à outra. Educá-la bem, apresentá-la à sociedade como filha, ricamente trajada. Julião colou de novo a bôca no charuto e desviou o rosto para a janela. Diante da perspectiva, embora longínqua, de vê-la de braços com outro, noivo ou marido, sentia-se consistentemente infeliz. Porque, seria pagar novamente com o bem, tantos males que vinha sofrendo naquela existência solitária de solteirão crônico. Outrossim, Prima Rosa parecia tão diferente de Lola!... Num doloroso sobressalto, Julião sorriu, analisando a si mesmo. A primeira filha do Ninito fizera-lhe perder os dez melhores anos da vida. Estava com quarenta e oito anos. Quase meio século meio século Julião!... — disse baixinho, apertando os dedos na testa. Num outro sentido, estava ali diante dêle, uma nova, e, porventura, última oportunidade de se reabilitar, de vingar-se mesmo, de ser «lôbo» — disse, sorrindo, analisando o rosto dela, os cabelos negros, a bôca pequenina fechada com amargura. Era ver a irmã, dez anos antes. Algumas diferenças. Por exemplo. Não tinha aquêle olhar atônito, de brilho trêmulo, e os gestos aflitos da outra. Prima Rosa era até mais alta, mais mulher, entretanto, o rostinho era meigo. Parecia uma santa, assim dormindo. Vontade de lhe fazer carícias. Aproximou mais o rosto. Ela despertou, sentou,-se ajeitou os cabelos, encarou-o sorrindo. Um sorriso amigo e confiante:

— Onde já estamos, Juli? — perguntou, esfregando as mãos nos braços, como se estivesse com frio. Depois, aceitou que Julião a auxiliasse a vestir a blusinha de lã. A despeito de tudo, da separação, das más notícias da irmã, sentia-se intimamente feliz. A viagem era para ela um acontecimento muitas vêzes idealizado. Não traçara plano algum. Deixava-se levar, arrastada gostosamente pela fatalidade contra a qual não sentia desejo algum de reagir. Conhecer São Paulo, barulhento, resplandescente de anúncios luminosos, populoso, misterioso, e as lufadas de bruma invadindo a janela do quarto nas manhãs frias, como descrevia Lolita nas primeiras cartas. E, muito em segrêdo, bem no fundo de si mesma, sonhava com a fortuna de Julião. Êle era tão simpático. Tão forte. Tão bondoso... Encostou a testa na vidraça, porque começava a escurecer, voltou o rosto para Julião:

— Estamos atravessando a ponte do Paraná, Juli? Que linda! — exclamou, as mãos postas em oração, a fisionomia feliz. Julião balançou a cabeça, que sim. Também sentia-se sobremaneira venturoso. Uma semana antes, quando passara por ali, considerava-se irremediàvelmente perdido. Em última análise, que idéia ridícula aquela de procurar o compadre. Ninito sabia de tudo, que ia fazer em Campo Grande? Nem um minuto lhe passara pelo espírito, a possibilidade de poder alguém abrir-lhe novo horizonte numa existência tão infeliz. Reparou, naquele instante, que os dedinhos curtos das mãos delicadas e meigas de Prima Rosa abotoavam-lhe o punho da camisa. Outra diferença marcante: as mãos de Lola eram magras e aflitas. Prima Rosa sentou-se ao lado dêle, segurou-lhe o braço e deitou carinhosa a cabeça no ombro dêle:

— Tenho muita pena do Juli! Muita mesmo!...

— Ora essa? Pena de mim? Por quê?

— Encarou-a, esperando a resposta. Rosa fechou os olhos e fêz um beicinho triste. Ficou algum tempo calada. Depois, começou a explicar tudo que o pai dizia em casa. Que êle era um grande amigo. Aparecia sempre nas horas difíceis. Desde que caíra paralítico naquela cadeira de rodas, que seria dêle e das filhas não fôsse o compadre Julião? Que todos em casa dela deviam a êle muito e muito!...

Houve um curto silêncio. Julião procurou aflito outro charuto. Prima Rosa continuou a falar. Que a «ingratidão» de Lolita não havia sido surprêsa para êles. Na última carta a irmã ameaçava fugir, caso êle não consentisse no casamento...

— Com um chofer de praça, Prima Rosa! Sem educação, grosseirão!...

— Eu sei, eu sei! Todos estamos de acôrdo com você. Lolita deu um pontapé na sorte.

— Não foi?! — perguntou, acendendo com dedos trêmulos o charuto. Daí a instantes acrescentou: — Que disse mais na carta?

Com surprêsa para êle, Rosinha levantou-se, abriu a bôlsa e entregou-lhe a carta. Nervosíssimo, Julião atirou o charuto pela janela, colocou os óculos, abriu o envelope e começou a ler. Ao contrário do bilhete infame que lhe deixara na penteadeira, a carta era longa. Nem uma alusão aos ciúmes dêle, à paixão violenta, aos desatinos. Repetia com irritante insistência «tenho muita pena do compadre Julião» «foi um segundo pai para mim»... Terminada a leitura, Julião dobrou-a para devolver, mas num ímpeto, rasgou-a em pedaços miúdos.

— Ora!... — exclamou Prima Rosa.

— Ora bolas! Ora bolas, digo eu! Quando conheci sua irmã tinha saúde... — calou-se. Não. Aquêle, doravante, seria seu grande segrêdo. E, intimamente, não acreditava nos resultados dos exames médicos. Porque as dores no peito passaram com um chá de ervas receitado por um curandeiro de Bauru. Depois, sentia-se envergonhado de queixar-se de Lola... Não. Aquilo não diria a ninguém, muito menos a ela. Bem no âmago de tantas incertezas, vislumbrava o casarão vazio de Lola, onde não podia mais estar, animado pela Rosinha...

— Diga, Juli! Vamos, continue! Quando conheceu minha irmã. E daí, Juli? E daí?!...

Julião cruzou os braços. Naquele instante, parecia estar vendo e ouvindo o compadre Ninito, o rosto pálido e respiração difícil, cochichando febrilmente no seu ouvido. Que levasse Prima Rosa, porque êle sentia-se às portas da morte. Que Rosa era obediente e dócil...

— Juli!... Eu queria tanto saber, Juli! — insistia ela, gemendo baixinho. Depois, encontrando tanta tristeza na fisionomia dêle, calou-se, deitando meigamente a cabeça no seu ombro. Longo tempo assim. De quando em quando, Julião via lá na frente as rodas aflitas da locomotiva, vomitando um fogaréu no negrume da noite. Em atribulada perplexidade, interpretava então, todos os sofrimentos passados, como curvas caprichosas do destino dêle, traçado no sentido de Prima Rosa. Amena claridade iluminou-lhe o espírito exausto. Que a vida era boa. Valia a pena viver ao lado daquele tesouro. Admitia como certa a possibilidade de ela o amar. Que aquela maneira de o chamar de «Juli», tão doce, era uma demonstração, uma prova irrefutável. Desviou o rosto para ela. Estava dormindo. Segurou-lhe os ombros. Prima Rosa pendeu a cabeça para trás, sorrindo. Aceitou molemente que êle a acomodasse no banco da frente. E procurou logo, como criança com sono, uma posição cômoda. Julião cobriu-lhe os pés com o paletó. Perguntou-lhe algo. Respondeu em «tatibitáti», mal acordada, que sim, acariciando-lhe o dorso da mão com um tapinha. Perguntou-lhe novamente se gostava dêle, aproximando os lábios do ouvido dela. Acenou com a cabeça que não; depois, corrigiu que sim, sorrindo. Uma dor fina, em ziguezague, correu-lhe pelo braço esquerdo até à testa, rápida, pouco definida, como um mau pensamento:

— Durma, Prima Rosa, durma! — disse baixinho, a voz roufenha. Ajeitou-se no banco, recostou a cabeça para trás. O trem corria e Julião sonhava.

M Araçatuba começou a enfeitá-la. Compraria tudo que os olhos dela olhassem com indecisão. Cochichava-lhe ao ouvido, entretanto, que as vitrinas paulistanas eram muito melhores. Prima Rosa ria, pendendo a cabeça para trás. Neste gesto era igualzinha a Lola. De uma feita, um velho conhecido abraçou-o espalhafatosamente, colocando-o na situação de explicar quem ela era. Julião não vacilou:

— Minha afilhada, Basílio. Filha do Ninito, conhece?

O outro respondeu que sim, um tanto desconcertado pela gargalhada estridente de Prima Rosa. Basílio retirou-se. Dois quarteirões adiante, disse à mulher que o Julião era um gozador. Que a gargalhada da «afilhada» era de cabaré. Passaram quatro horas em Araçatuba. Uns conhecidos dêle diziam: curou-se o Julião. Outros opinavam: enforcou-se com outra, mais moça, e, temperada pelo diabo. Mas, de instante em instante ela crescia nos seus planos, limpando como uma esponja a penumbra de sofrimentos que tanto o acabrunhava.

Chegaram ao anoitecer em São Paulo. Ela vibrava inteirinha de entusiasmo. Não afastava os olhos da janela do ônibus, admirando a cidade. Queria que Julião explicasse tudo. Gostava de tê-lo ali bem perto dela. O rosto no rosto. Às vêzes, encostava a testa na testa. Vontade de dizer resolutamente: casar-me-ei com você... O ônibus finalmente tomou a direção de Pinheiros. Às oito horas chegaram. Quando já estavam próximos, Rosinha correu até o portão de ferro. De súbito parou. Era realmente um palácio. Grandes cães ladravam, sacudindo correntes, lá no fundo da alamêda de altíssimas pal-

(Cont. na pág. 38)





O prédio, referido nesta crônica, num desenho de autoria de Rugendas. Ao lado é vista a igreja do Carmo. Uma ponte unia o edifício em causa ao prédio que hoje em dia serve de sede ao Departamento dos Correios e Telégrafos. Ao fundo da foto o morro do Castelo.

SOMBRAS DA RAINHA LOUCA

PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira)

A projetada demolição dêsse vasto prédio que foi, desde o final do século XVI, convento do Carmo, e nos tempos do Rei a ucharia ligada por um passadiço ao palácio defronte — recorda-nos a ilustre figura de seu mais nobre morador. Lembra-nos a rainha louca.

Desalojados os frades, que atropeladamente se mudaram da sua velha casa, para que servisse esta de complemento ao Paço dos vice-reis, ocupado pela família real que acabava de desembarcar — em 1808 — a sra. D. Maria I teve ali os seus aposentos, separados, misteriosos, modestos. E a cidade, que nunca tinha visto antes uma pessoa real, espiou à distância, com respeito, o drama shakespeariano daquela augusta demente, protegida da irreverência ou da piedade dos homens por um pelotão de soldados. Atrás da sua guarda, sumida no fundo da carruagem doirada com que saía em longos passeios, acompanhada por uma dama silenciosa, que não se sabia se era a fidalga da etiquêta ou a enfermeira dos seus queixumes, a infeliz não queria dar na vista, desaparecia humildemente no seu infortúnio e na sua pragmática, mergulhava a doidice mansa na penumbra do mosteiro... E todavia o seu caso, o seu perfil senhorial, a sua incurável melancolia emocionavam os fiéis súditos: e alguns dêles, mais agudos no comentário ou na observação, maliciavam — que a rainha alienada tinha mais juízo do que muitos dos seus estadistas. Vem daí o problema: seria efetivamente louca, a sra. D. Maria I; ou, esquizofrênica, prêsa eventual da «teofobia» que em 1792 lhe ensombrara o espírito apavorado, com largos períodos lúcidos, conservou na velhice o equilíbrio, a serenidade, a argúcia, que não lhe faltavam na mocidade, porém tão sensatos que continuou esquiva, mantendo o seu estado oficial de enfêrma, fora dos negócios e fora da sociedade, como quem os desprezasse? Em que medida, ou durante quanto tempo a filha del-rei D. José foi uma irresponsável?

Deixando de lado a indagação psiquiátrica, mais do agrado dessa medicina retrospectiva que foi a paixão de Jacobi, de Cabanès, de Júlio Dantas, de Marañon, podemos por certos episódios históricos descobrir a insinceridade da doença da rainha; ou — noutras palavras — a sua fôrça d'alma. Sabemos todos que na confusão do embarque da dinastia, no cais de Belém, entre os cortesãos e os generais de cabeça perdida, foi ela, a louca, que ordenou, andassem devagar, com dignidade, que aquilo não parecesse uma fuga... O príncipe regente venerava-a. Foi exemplar na sua obediência filial. Podendo antecipar a coroação, a sua aclamação como rei de Portugal, mediante um processo regular que a destituisse da condição de soberana, pela definitiva incompatibilidade com as funções, preferiu esperar, esperou sem impaciências que lhe chegasse o fim: e pondo entre a morte da rainha e a cerimônia da régia ascenção um largo prazo de luto, deu o universal testemunho dos seus escrúpulos delicados. Apresentava-lhe vez por outra um governador colonial, que bem fizera na paz e na guerra. A rainha reconhe:ia; e vangloriava-se: Êste é um dos meus... Dos que ela nomeara. Melhores do que os novos. Gente de antanho. O príncipe regente consultava-a em demorados colóquios: e a desassisada, excluída dos assuntos do Estado e metida na tranqüilidade beata do seu convento, mexia ao mesmo tempo as contas do rosário e os cordões da política, discretamente, soturnamente... Corriam notícias lamentáveis de suas excitações, de suas manias, de suas tristezas sem consôlo, no fundo daquele casarão religioso. Porém igualmente se falava da sua placidez, do modo correto com que aparecia, para o infalível passeio de sege, a enorme cabeleira branca resplandecendo ao sol cru dêstes verões cariocas: e se dizia enigmàticamente, que recuperara as faculdades de domínio, de energia, de compreensão, até de sacrifício e silêncio. Um minucioso repórter epistolar, Luís Joaquim dos Santos Marrocos, na sua correspondência do Rio de Janeiro informava: «Sua Majestade está muito boa, e passeia todos os dias na sua carruagem». E conta a dor de D. João VI quando morreu a inditosa senhora: «El Rei N. Sr. está na maior desolação possível de mágoa e de saudade: perdeu o comer, e ainda persiste em contínuo pranto». Não sofreria tanto, se nêle tivesse morrido irreparàvelmente a razão, e fôsse um fantasma de rainha a deambular a sandice ou a fúria pelas galerias escuras do Carmo. De fato, mãe e filho se entenderam sempre. E a sua demência era uma história antiga...

Vão derrubar a velha ucharia imperial, depois Academia de Comércio, resto deformado e reformado do convento dos carmelitas junto ao mar. Tem oportunidade esta reminiscência. Uma pobre rainha morou ali. Supremo segrêdo: talvez ali tivesse sido feliz.



Cruzamento da av. Delamare com a rua Hardinge, em Nairobi, capital de Kenia, e monumento aos heróis nacionais das duas grandes guerras.

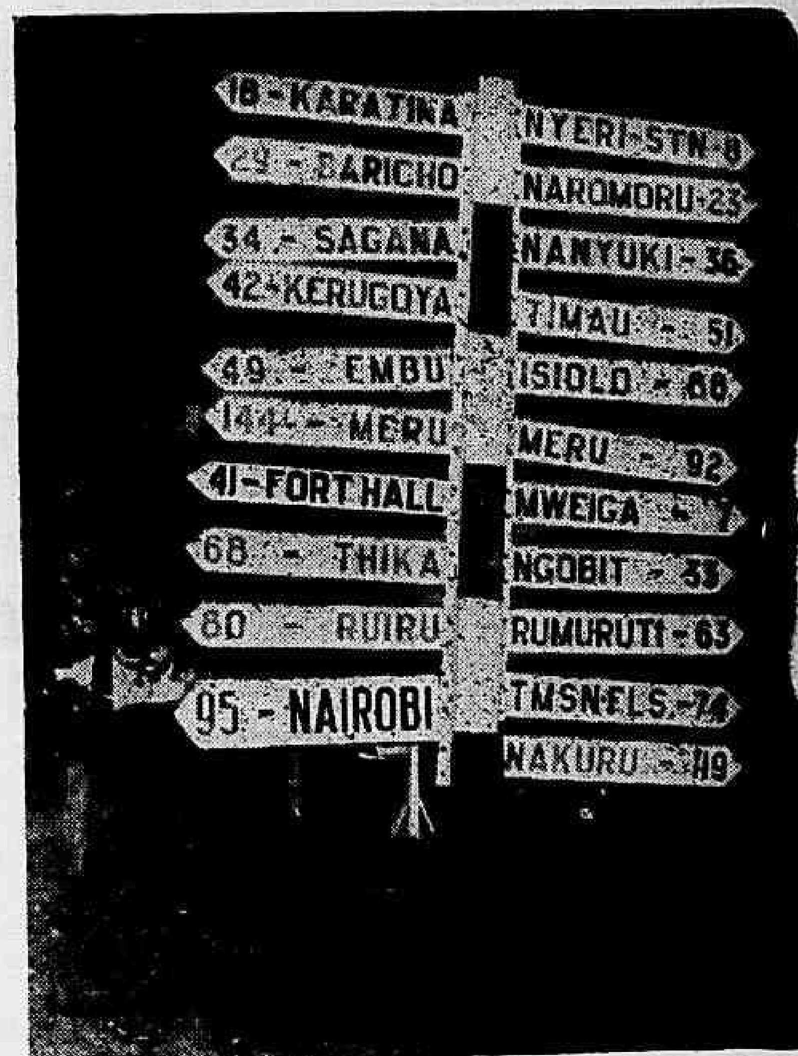


"LANÇA DE FOGO" SÔBRE KENYA

De GIUSEPPI BERTOL

Pelo Egito, Tunísia, Marrocos, União Sul-Africana, Rodésia, Nyasaland, Kenya, etc., lavra uma onda de independência da gente negra desejosa de tornar-se soberana e autônoma dentro dos limites do imenso Continente dos escravos. Será que êles estão repetindo os versos de Castro Alves? A ebulição revolucionária de Kenya liderada por um indígena de cultura, conhecedor de antropologia, educado em Londres e Moscou, Kamau Wa Ngengi, o conhecido Jomo Kenyatta (Lança chamejante, lança de fogo), está conduzindo a possessão inglêsa para um desfiladeiro semelhante ao da Malaia, com guerrilhas e terrorismos contra os brancos e os nativos fiéis aos mesmos. Há duas versões para a significação de Mau Mau. Dizem uns que significa «de pressa», enquanto outros acham que quer dizer, «os escondidos», patriotas do «underground». Não poderia provir ainda da terminação de Kamau, prenome do chefe da organização rebelde? Seja como fôr, os Mau Mau estão saturando o território de Kenya, de tudo o que há de propaganda contra os inglêses. O campo foi fértil. Os terroristas se organizaram em todos os setores do país, e, como têm fronteiras comuns com o Sudão e a Etiópia, além de portos de mar próximos à Somalilândia, estão muito bem situados geogràficamente falando, uma vez que o Sudão está em sérios dissídios





Povoação nativa em Nanyuki, na vertente do Monte Etna, contrastando com a capital Nairobi, e um poste de indicações de vias de rodagem.

OS AFRICANOS EM REBELIÃO ★ PODERÁ A INGLATERRA DETER A LUTA? ★ O CHEFE DOS MAU MAU ESTARIA LIGADO A MOSCOU? ★ QUE É "MAU MAU"?

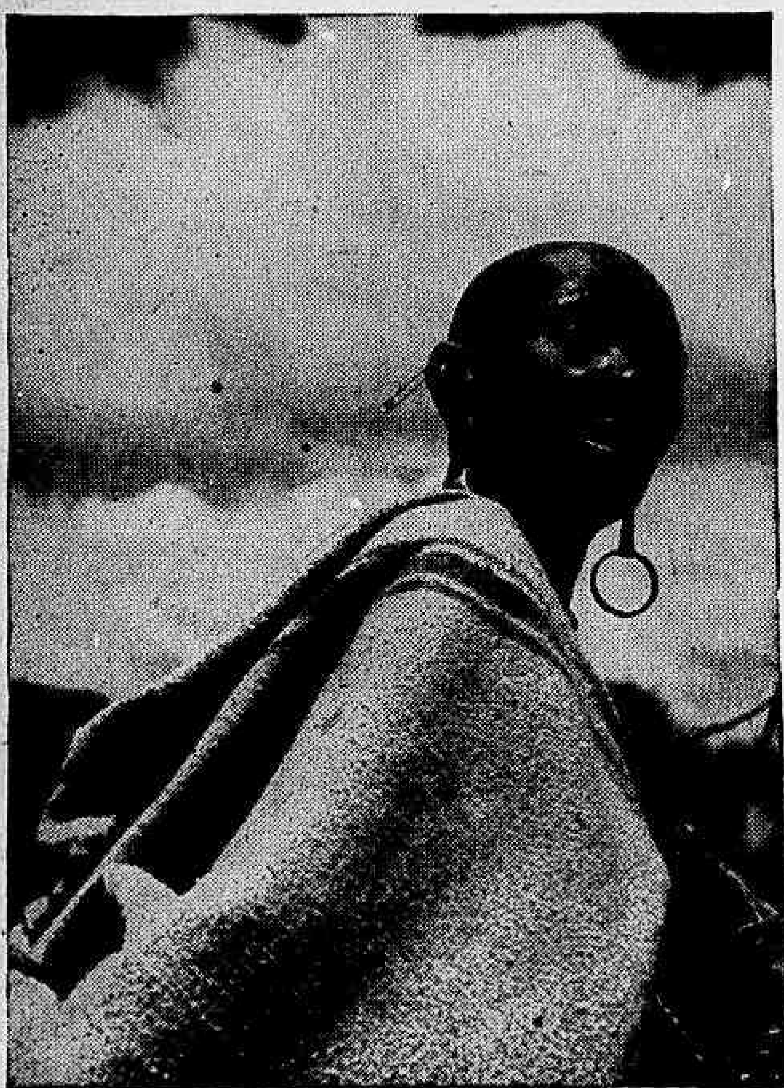
para a REVISTA DA SEMANA

com o Império Britânico, e os demais povos limítrofes desejam que a «África seja dos africanos», slogan amplamente disseminado pelo Continente negro. Há ainda que registrar o seguinte: os Mau Mau, embora uma organização política, se orienta por chefes indígenas dados a magia negra. Todos os filiados à «ordem» têm que submeter-se a juramento solene, bebendo sangue de uma ovelha negra virgem. Mas não há sòmente os Mau Mau a dar dor de cabeça às autoridades britânicas. Há muitas outras correntes de rebelião, como os «Homens de Deus», os pertencentes à seita denominada «Espírito dos mortos», etc., cada qual tendo por base o juramento de expulsão dos brancos. Trata-se, pois, de uma guerra de caráter nìtidamente religioso, o que complica muito a situação. A Inglaterra, cujos problemas na África já são grandes, vai enfrentar mais êste. Não se pode comparar o poder britânico com o dos rebeldes; mas não se está mais naquele tempo da guerra para a conquista de Zanzibar, quando um pequeno navio de guerra inglês venceu a guerra em pouco mais de meia hora. Dizem ainda certos repórteres que Jomo Kenyatta está sendo um instrumento da política soviética, de quem vem recebendo auxílios em dinheiro. Nada se provou ainda a tal respeito; mas, como o famoso chefe rebelde residiu na capital da URSS e

«LANÇA DE FOGO»

ali já tem ido em missão política, não será estranho que esteja estimulado pelos planos de expansão russa na África, contra as potências ocidentais. Que o fenômeno está a alastrar-se alarmantemente por tôda a África, isso já não é mais segrêdo para ninguém. Faz poucos dias um rapaz de dezoito anos, residente em Kirawara foi prêso por estar a dirigir a palavra a uma multidão de nativos. Tratava-se de um nativo kikuio, conterrâneo de Jomo, de quem ouvira maravilhas e lições cívicas. O rapaz, embora sem preparo nem argumentação convincente, conseguiu prender a atenção de uns mil compatriotas e os incentivou à luta contra a dominação branca de sua pátria. Quando o comício estava no auge, apareceu uma fôrça policial de vinte homens dirigidos por três oficiais e intimou a multidão a dispersar. Não sendo atendida, deu tiros para o ar, como advertência. Não dando resultado, os militares atiraram para matar, resultando daí vinte mortes e trinta e três feridos. O orador foi prêso e declarou que falara em público pela primeira vez e que sonhara que aviões inimigos caiam sôbre as casas nativas, matando seus chefes, mulheres e crianças. Na mesma ocasião também foi detida uma jovem nativa, a qual falou ao povo também pela vez primeira, entusiasmada com o movimento de sublevação contra a dominação britânica. Já existe uma associação civil com o nome de Associação Africana de Kenya, dispondo de jornais para levar avante o movimento de independência. Kenya tem uns 350 quilômetros quadrados e sua população vai acima de 4 milhões de habitantes. Até agora a polícia britânica tem levado à prisão alguns milhares de negros de várias idades e de ambos os sexos. Jomo organizou por todo o país mais de cento e trinta e cinco escolas para a instrução do povo, através das quais filtra os estímulos de emancipação nacional. Detido, teve como advogada a conterrânea Kanta Kapila, jovem de grande cultura jurídica e profunda conhecedora dos problemas do país. Não resta dúvida que a Coroa Britânica está com um mau caminho a percorrer.

Indígenas de Wa Kikuyu conduzindo gado para o mercado. As mulheres tangem os animais.



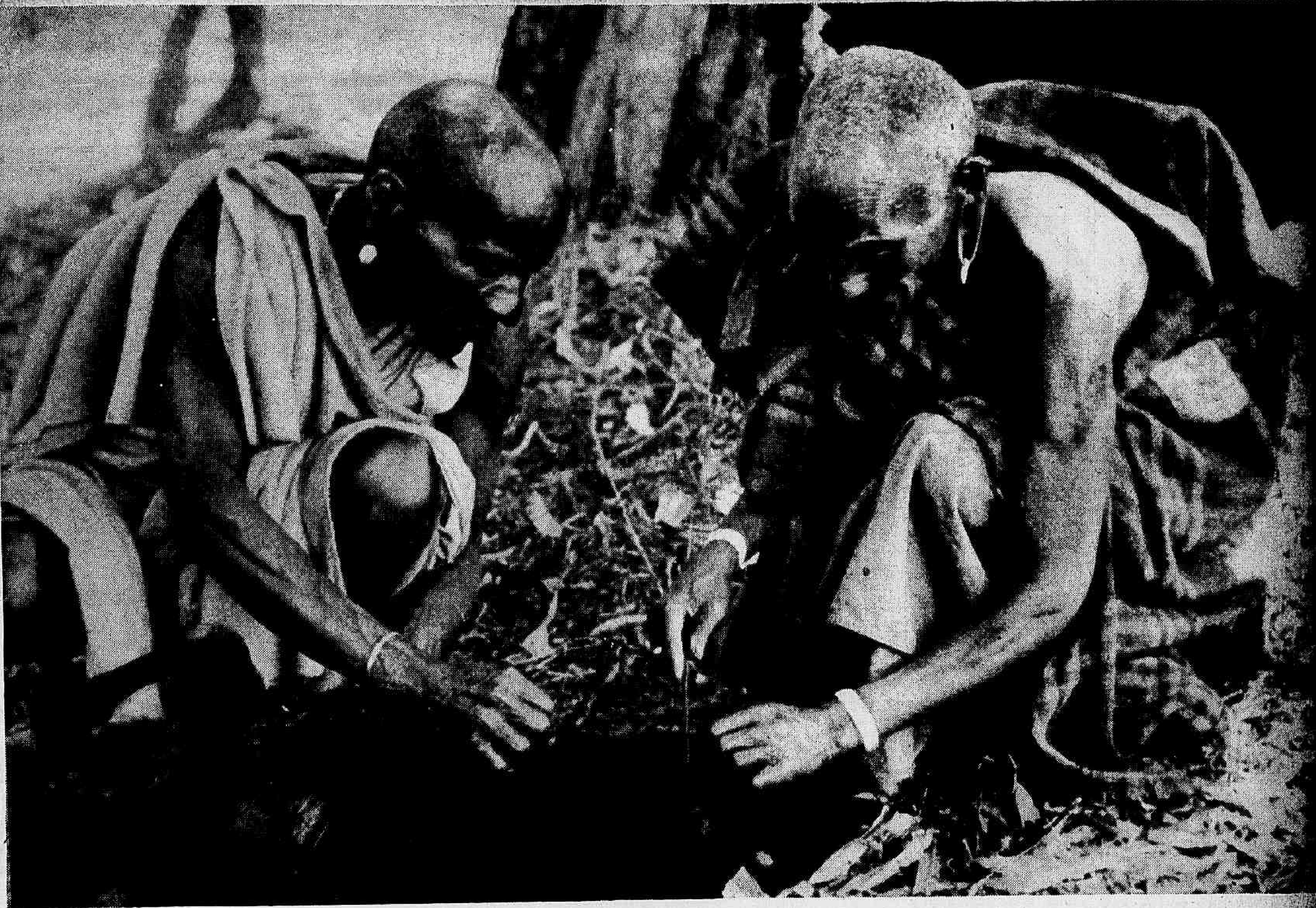
Tipo tradicional de mulher Wa Embu, da tribo Meru. A civilização ocidental não conseguiu modificar-lhes os velhos usos e costumes



Chefe da tribo Meru, pôsto avançado das fronteiras com a Abissínia, com a qual faz limite ao norte — zona do Monte Kenya.



Jomo Kenyatta, o «Lança de Fogo», líder dos «Mau Mau». E' um homem de sólida cultura, educado em Londres e conhecedor da Europa.



Dois nativos antibritânicos degolam uma ovelha negra no ritual do juramento de vingança. Na outra foto, uma vista da feira de Kikuyu.



A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO, ENTRE 11 E 17 DE ABRIL DE 1953.

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9-20/10) — O período se inicia de modo muito favorável aos seus negócios. Durante a semana poderá resolver os casos pendentes, de acôrdo com sua vontade.

TOURO (21/10-20/11) — Suas atividades vão ser intensificadas durante a semana e, se não houver prudência, nos acometimentos, poderá chegar a excessos bem prejudiciais.

GÊMEOS (21/11-22/11) — Um otimismo exagerado é sempre perigoso. E' êste o caso do leitor, durante a semana de 11 a 17 dêste mês. Dê freios à imaginação.

CANCER (23/12-20/1) — Uma boa oportunidade lhe será oferecida, no curso da semana, para conseguir o apoio de que tiver necessidade. Sua chance estará exaltada.

LEÃO (21/1-20/2) — Ótima ambiência para a vida conjugal. Relações harmoniosas no meio em que vive e considerável aumento no acervo das boas amizades.

VIRGEM (21/2-22/3) — Não inicie viagem, nesse período, nem lance os empreendimentos em projeto. Há perigo de desilusões e prejuísos materiais muito sensíveis.

BALANÇA (23/3-20/4) — A ocasião será propícia a uma mudança de orientação nos negócios. Os rendimentos poderão ser aumentados e perspectivas amplas lhe vão ser abertas.

SCORPIÃO (21/4-20/5) — Uma semana de prosperidade nos seus negócios, eis o que lhe prometem os astros no novo período que se vai abrir. Não tema qualquer insucesso.

SAGITÁRIO (21/5-23/6) — Os sexos ocuparão campos opostos na semana entrante. Ambiente doméstico perturbado. Desinteligências perigosas no lar. Evite qualquer discussão.

CAPRICÓRNIO (24/6-22/7) — O clima astral da semana lhe proporcionará momentos desagradáveis, havendo, mesmo, perigo de agressão e de demanda em juizo. Previna-se.

AQUÁRIO (23/7-21/8) — O inesperado acontece. A semana lhe dará surprêsas, felizmente agradáveis, principalmente nos seus negócios, reforçando-lhe em muito, as finanças.

PEIXES (22/8-20/9) — Evite, durante a semana, a assinatura de contratos. Os compromissos assumidos em tal período, dificilmente poderão ser observados. Serão uma fonte de prejuisos e de aborrecimentos.

OS NOMES DA SEMANA:

Abril	11	Alcio — Leticia
"	12	Noeli — Nilda
"	13	Horácio — Eli
"	14	Hélio — Ermira
"	15	Juvêncio — Ilse
"	16	Humberto — Herta
"	17	Hercílio — Rogélia.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

(A marcha e a posição do Sol)
1/2 dia de Greenwich

Abril	11 — 21°17'48"	(Signo do Carn.)
"	12 — 22°16'39"	(" " ")
"	13 — 23°15'29"	(" " ")
"	14 — 24°14'16"	(" " ")
"	15 — 25°13' 1"	(" " ")
"	16 — 26°11'45"	(" " ")
"	17 — 27°10'26"	(" " ")

JANELA SOB

O CORAÇÃO DE RAIMUNDO

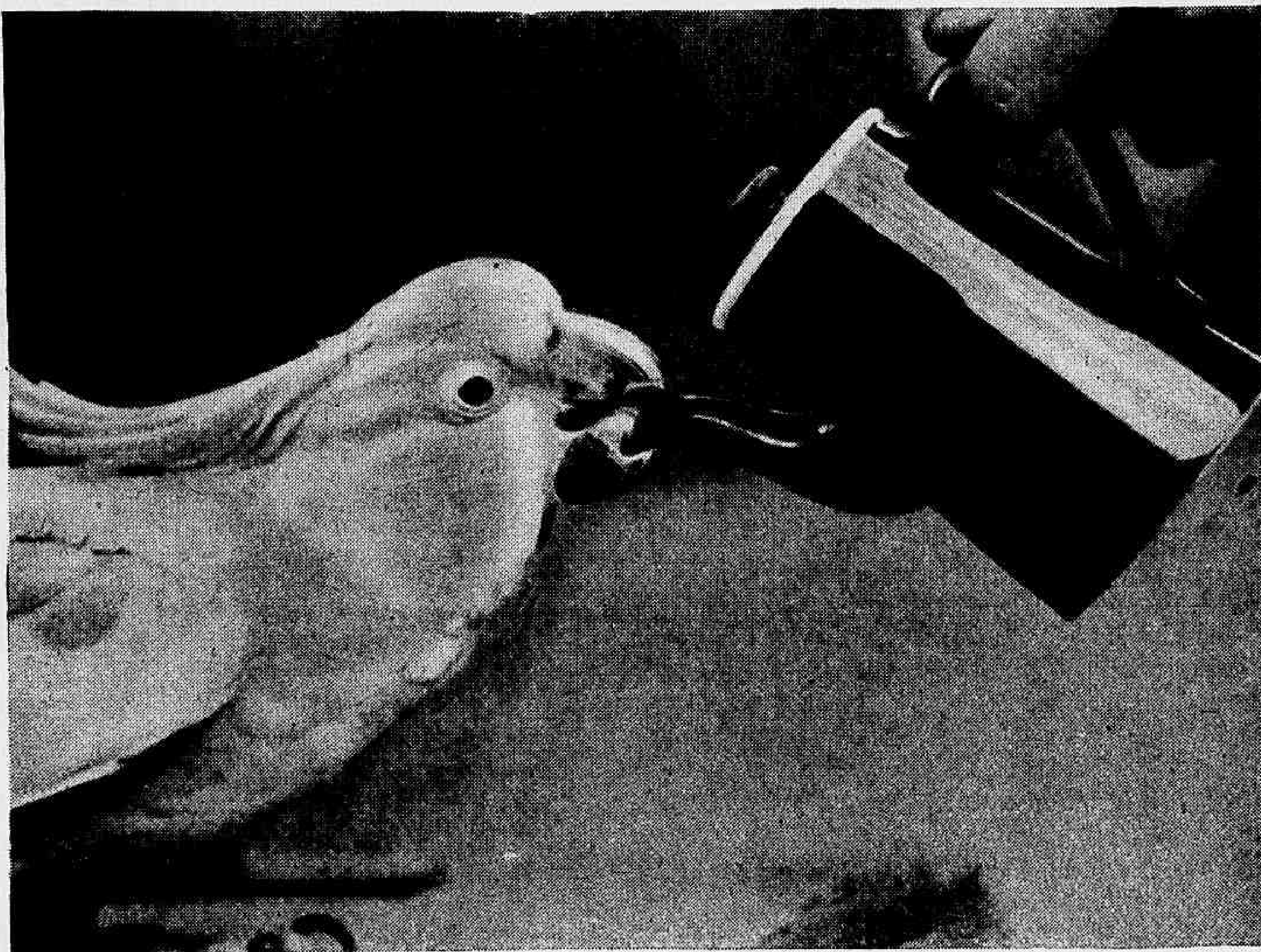
● O grande poeta Raimundo Correia possuía um coração de ouro. Era de uma simplicidade comovedora, tão simples que o tornava ingênuo, piedoso e bonissimo. Não possuía os artifícios sociais, as hipocrisias que a civilização impõe a todos. Por isso lhe puseram o apelido de «S. Raimundo». Era, verdadeiramente, um santo. Certa vez, quando acadêmico, emocionou-se ao ver num prostíbulo, uma criança filha de uma mulher que ali morava, e fêz um verdadeiro discurso moral à mulher infeliz, como se quisesse consertar-lhe a vida desgraçada. Raimundo era assim. Um emotivo, um coração bonissimo. Comovia-se com o sofrimento de quem quer que fôsse. Junto à janela do seu quarto de dormir vicejava perfumado sabigueiro. Raimundo dedicava a essa árvore delicioso afeto, conversava com ela, sentia-lhe a alma, era familiar como se fôsse um parente próximo e íntimo. Mas, um dia, com tristeza para o poeta, o sabugueiro começou a definhar O sabugueiro querido estava morrendo Que seria? Raimundo se intranquilizou e começou a tratar a árvore com o maior carinho Aguava-a amiudadamente, retirava-lhe as ervas daninhas de seu redor, procurava algum parasito que lhe estivesse sugando a seiva Mas o sabugueiro continuava a desfalecer Raimundo recorreu a especialistas, ouviu conselhos, irrigou o seu amigo vegetal, e nada. Um dia teve a idéia de examinar-lhe as raizes. Se os adubos, a água, de nada serviram, talvez a causa estivesse sob a terra. Cavou e descobriu a causa da moléstia. Uma pedra comprimia grande parte das raizes impossibilitando-as de obter do solo os alimentos necessários à vida. Então praticou a intervenção cirúrgica, retirando o «cálculo» do organismo do sabugueiro, o qual readquiriu a louçania anterior entre o contentamento do poeta. Quando Raimundo morreu, a Academia Brasileira de Letras transplantou para o pátio do Silogeu o sabugueiro do poeta. Ainda viverá?



ALAN LADD EM ROMA — Alan Ladd, astro de Hollywood, foi à Itália, de onde empreendeu vasta excursão de automóvel por muitos países daquele continente, tendo ido também à Inglaterra. Gostou muito do turismo e disse que lhe serviria bastante para orientá-lo em muitas coisas. A senhora que vemos ao seu lado, risonha e afável, é Sue Carol, ou antes, Mrs. Ladd. A espôsa de Alan é mais idosa do que êle uns cinco anos. Mas isso em nada contribuiu para arrefecer o amor que o astro sentia por ela, pois que se tratava também de uma artista de Hollywood e de verdadeira «talent scout» da Meca do Cinema. Vivem num mar de rosas e já têm vários filhos para alegrar a casa, enquanto fazem filmes e a felicidade dos garotos.

●

ANEDOTA DE PAPAGAIO — Êste papagaio das florestas amazônicas foi vendido a uma família parisiense, como sendo muito falador. Mas, pela saudade de sua terra distante, pelo clima diferente, ou ainda pela mudança de alimentação, o belissimo louro não abria o bico, nem mesmo para comer. Seus donos já estavam aflitos. O lindo «perroquet» morreria de inanição. A dona da casa foi falar com êle, muito comovida, perguntando o que êle queria. Então o papagaio começou a cantar: «Mamãe eu quero! Mamãe eu quero!» Alvoroçados, os seus compradores mandaram traduzir aquelas palavras e tudo se esclareceu. O papagaio queria mamar. Como não houvesse mamadeira na casa, arranjaram-lhe uma chaleira. Quem não tem cão . .



RE O MUNDO





NÚMERO DE CIRCO — Até agora todos sabiam que os homens dados a estudos de magia, eram capazes de hipnotizar cobras e gente de carne e osso. Mas não se conhecia qualquer exemplo de um cidadão fazer o mesmo com um jacaré de bom tamanho. Pois o faquir Caracawac, cujo nome já é impressionante convite à meditação, se apresentou em circos na Itália hipnotizando um jacaré indiano, capturado por êle mesmo naquele misterioso país. O faquir consegue fazer o bicho adormecer e, perdendo todo o consciente, obedece dòcilmente a tôdas as ordens do seu amo. O jacaré se torna então em um animal doméstico sem a menor vontade própria e chorará «lágrimas de crocodilo» se Caracawac lhe ordenar, sob os aplausos do circo.

OUTRO DISCO VOADOR? — Não, leitor. Não se trata de nenhum novo tipo de «disco voador», e sim da fotografia de um glóbulo vermelho do sangue de um pinto aumentado eletrônicamente trinta mil vêzes, para pesquisar o «virus» da influenza (gripe). Na foto vemos um núcleo branco, e, em têrno ao mesmo, uma massa escura cheia de pontos e raios irregulares. Segundo os cientistas, é esta massa que envolve o núcleo, o que constitui o «virus» da terrível moléstia que tantas vítimas produz no mundo. As experiências foram feitas no Laboratório de Pesquisas Científicas do Centro Mundial contra a influenza, com sede em Londres. Os trabalhos prosseguem, não estando muito distante o dia em que possamos festejar a descoberta do remédio contra a gripe.

QUEM DISSE ISTO:

1 *O amor que nasce repentinamente é mais fácil de ser curado.*

2 *O amor faz nascer qualidades que a gente não tinha antes.*

3 *O homem deseja; a mulher ama.*

4 *Falar de amor já é amor.*

5 *Amar é fazer um pacto com o sofrimento.* (Respostas na página 38)

A MONARQUIA TAMBÉM CALOTEAVA

● Muita gente pensa que o regime do calote data do advento republicano, e que, ao tempo do segundo reinado, com a figura majestática e proba de Pedro II, tudo se cumpria segundo contratos e compromissos. Nada mais errado. Veja-se o episódio da grande tela pintada por Pedro Américo, representando a batalha de Avaí. Autorizado pelo ministro João Alfredo, o famoso pintor paraibano foi a Florença, em 1874, entregando-se à composição do imortal quadro, o qual ficou pronto vinte e seis meses depois. A 1° de março de 1877 foi a tela exposta ao público florentino, com a presença de D. Pedro II, então em visita à Itália. Mais de cem mil pessoas foram ver e admirar o belíssimo quadro, avaliado por técnicos, pintores e professôres da Academia de Belas Artes de Florença, em mais de cem contos de réis. Era essa a importância que o govêrno brasileiro devia ter pago ao artista, pois ficara acertado que lhe seria paga a importância em que a obra fôsse avaliada. Por fim, depois de delongas e «mais tarde», «depois», «segunda-feira», recebeu o imortal artista apenas 40 contos... Portanto, o mal não é de 1889 para cá. O êrro já vem de muito mais longe!

NEGOCIANTE ANFÍBIO

● Fagundes Varela, o grande poeta fluminense, já no fim de sua existência fôra morar no sótão do estabelecimento comercial de certo negociante de Niterói, na rua da Praia. Ali escreveu o poema inédito «Diário de Lázaro». Tinha Varela o costume de só chamar ao negociante de Anfíbio. Um dia, descendo do poleiro, saudou o seu amigo:

— Ó Anfíbio, como vais?

O negociante resolveu então perguntar-lhe que história era essa de «anfíbio». E Fagundes Varela com bom-humor:

— Tu não és de secos e **molhados?**

NINGUÉM DISCUTA CRENÇAS

● Conforme nos ensinam os entendidos em matéria de costumes, enquanto nós, os do mundo cristão, vamos homenageando os nossos mortos queridos, com flores sôbre seus túmulos, outros povos agem de maneira diferente. Assim, os israelitas oferecem pequenas pedras e os japonêses espalham arroz. Tudo isso se baseia na tradição, e, no caso de israelitas e japonêses, tal tradição deve somar-se, não por séculos, mas por milênios. E' muito difícil desarraigar do espírito de um povo as suas crenças de fundo religioso, por mais absurdas que sejam. Por isso, quando um católico entrou no Père Lachaise, em Paris, para depositar um «bouquet» de lindas flores naturais sôbre a campa de um parente inesquecido, viu que, ao seu lado, um japonês colocava em cima da tumba de um ente amado, uma canequinha de arroz. O católico não conteve o riso e perguntou ao nipão:

— Quando é que o seu parente morto virá alimentar-se com êsse arroz?

E o oriental, sem se ofender e sem sorrir, respondeu:

— Na mesma ocasião em que o seu se erguer para sentir o perfume das suas flores.

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—De qual dêstes frutos se extrai a "copra":
— Do côco da Bahia?
— Da jaca?
— Do abacaxi?

2—Em qual Estado do Brasil existiu a República Negra, conhecida como dos Palmares:
— Em Pernambuco?
— Em Alagoas?
— Na Bahia?

3—O "Maracatu" tem sua origem entre:
— Os nossos índios?
— Os africanos?
— Ou nos veio da Austrália?

4—A qual destas palmeiras o sábio Humboldt deu o nome de "Planta da Vida":
— À babaçu?
— À buriti?
— À carnaúba?

5—Como se chamava àquêle bravo jangadeiro cearense que, em 1881, bradou: "No pôrto do Ceará não se embarcarão mais escravos!":
— Manuel Meneses?
— Francisco José do Nascimento?
— Manuel Tomaz da Silva?

6—Qual a árvore do nordeste, que, embora na mais cruel sêca, está sempre verde:
— À caatingueira?
— À baraúna?
— Juaàzeiro?

7—Que nome tem a baía em que está situada a cidade de São Luís do Maranhão:
— Do Anil?
— De S. Marcos?
— De Guajará?

8—O famoso orador sacro Pe. Antônio Vieira era:
— Dominicano?
— Beneditino?
— Jesuíta?

9—Qual é a extensão da Lagoa dos Patos:
— Cêrca de 200 quilômetros?
— Mais de 300?
— Cento e oitenta?

10—Que nome dão os gaúchos ao cavalo novo, recentemente amansado:
— Bagual?
— Pingo?
— Matungo?

11—Em que cidade gaúcha nasceu o Barão de Mauá (depois Visconde):
— Alegrete?
— Pelotas?
— Jaguarão?

12—Que vem a ser "grisu":
— Uma planta medicinal?
— Um gás que se forma nas minas de carvão de pedra?
— Ou uma raça de gado vacum?

13—Em que Estado do Brasil houve uma luta armada que teve o nome de "guerra dos Muckers":
— No Rio Grande do Sul?
— Em Santa Catarina?
— No Maranhão?

14—Que nome se dá à laranja tangerina em Santa Catarina e Rio Grande do Sul:
— Bergamota?
— Pandorga?
— Minuano?

15—Que significa "viticultura":
— Plantação de trigo?
— De linho?
— De uva?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na pág. 38)

SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

M. L. escreve-nos ur a carta muito longa. Fala em Sócrates, em Platão, em Nietzsche e no «conhece-te a ti mesmo». Envia-nos uma fotografia, numa pose romântica mas, no fim, exibindo uma boa dose de leitura filosófica, embrulha uma porção de coisas. A psicanálise foi a primeira a tomar verdadeiramente a sério o «conhece-te a ti mesmo». Freud nos fêz voltar a Sócrates, que pôs êste mandamento do oráculo de Delfos na base de seu ensino. Pouco se tem dito sôbre o predecessor imediato de Platão, sem o qual é possível compreender, mesmo do ponto de vista psicológico, tanto êste como tôda a evolução ulterior. O próprio Nietzsche afirma, ante a imagem de Sócrates, aceitando a morte sem mêdo e com plena consciência do que fazia, seu discípulo Platão prosternou-se com todo o abandono ardente de sua alma de sonhador, e consagrou sua vida a manter e a propagar a lembrança do mestre. Na doutrina de Sócrates, todavia, é que encontramos pela primeira vez o substrato concreto da psicanálise. Sócrates ocupa um lugar à parte na linhagem dos filósofos que o precedem e que o seguem. Enquanto em todos os homens, no que concerne à gênese da produtividade, o instinto é precisamente a fôrça positiva, criadora, e a razão consciente uma função crítica, em Sócrates, é o instinto que se revela crítico e a razão que é criadora, — verdadeira monstruosidade.

● Nietzsche, numa análise impiedosa que, longe de atenuar o que havia em Sócrates de demasiado humano, insiste nesse ponto, dando-lhe um relêvo particular. Você encontrará isto, M.L., no livro de Nietzsche que você vem citando em sua carta: «Problema de Sócrates». Sócrates era do populacho. Pertencia, por sua origem, à classe social mais baixa. Era muito feio, fìsicamente. Os criminologistas dizem que o criminoso é feio. Sofria de alucinações auditivas. Certa vez disseram-lhe que êle era um covil de todos os maus desejos. — «E' verdade, disse êle, mas eu me tornei o senhor de todos». De que forma se tornou êle o senhor de todos? Ninguém era mais senhor de si mesmo. Os instintos voltavam-se uns contra os outros.

● **Sócrates fascinava por um influxo pessoal. Sua fealdade extrema fazia com que todos o olhassem. Sua inteligência prendia a quantos ouviam a magia de suas palavras. Nietzsche, entretanto, vê em Sócrates, o tipo do homem teórico que, em seu otimismo, crê que o pensamento, guiado pela casualidade, é capaz de atingir os mais insondáveis abismos do ser; que o pensamento é de fôrça, não só para conhecer o ser, mas também para «corrigi-lo». As palavras de Sócrates enleiavam os seus discípulos. O filósofo não deixou nada escrito e, entretanto sua obra é imortal. Em seus discursos procurava o filósofo fazer com que os seus discípulos «se conhecessem a si mesmos». Isto seria uma fonte de virtude, de natureza terapêutica. Foi, por conseguinte o pioneiro da técnica psicanalista. Êle dizia que o tratamento dialético consistia na retração de idéias.**

CUPÃO

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... **Profissão** ....

Residência ....

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 64f — São Paulo.

A venda também nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● MAITENA — Rio.

SONHO: — 1º TEMPO: Eu passeava na Avenida um domingo à noite, observendo o grande movimento, principalmente de namorados, quando fui surpreendida por um tumulto: a polícia prendia alguns casais e eu vi, com espanto, uma de minhas amigas entre as moças detidas por excesso de ternura... Enquanto passeava, eu já sabia que o corpo de meu primeiro amor — morto há vários anos — ia ser exumado aquêle dia e passar a noite em câmara ardente; dispunha-me a participar do velório, embora, no próprio sonho, soubesse que se tratava de simples dever social. Quando me dirigia para o local do velório (um hotel de luxo, imagine!) soube, não sei como, que meu atual amor, de quem estou afastada, havia morrido repentinamente e ia ser transladado para outra capela, no mesmo hotel. Fiquei desesperada, mas não pude expandir-me pois estava em companhia de uma amiga que ignora o meu «caso». Ao entrar no local do velório, pensei que podia disfarçar, pois ela imaginaria que estava lá pelo primeiro; mas alguém, perto de nós, se referiu à morte do meu amado; ela me sorriu como quem se certifica de uma dúvida e saiu em silêncio. Então, me dirigi a um homem que me era vagamente conhecido e perguntei porque estava ali. Êle respondeu que era por F. (meu atual amor), mas não ousei perguntar-lhe mais, porque se tratava de um débil mental. Dirigi-me, então, a uma freira vicentina que ia sair e perguntei de que êle havia morrido; ela me olhou com olhos de chôro, mas, nesse instante, se aproximava em marcha-ré um táxi que ela havia chamado e eu, delicadamente, lhe disse que entrasse no carro, pois estava chovendo torrencialmente.

2º TEMPO: Sem ter conseguido uma explicação, voltei à sala do velório, mas o corpo ainda não estava lá. Daí a pouco, vi que o traziam enrolado num lençol e estranhei a falta do caixão, bem como a flexibilidade do corpo que não tinha a rigidez dos mortos. Depuseram-no sôbre a mesa e uma pessoa se aproximou para chorar sôbre êle. Nesse instante, meu amor se sentou na mesa, com as pernas dependuradas, calmamente, sem nenhum espanto por se ver tomado como morto, o que me fêz pensar: — Nem neste momento êle dá expansão ao que sente. Êle me viu, entretanto, e tomou-me as mãos num carinho ligeiro, como se faz a uma criança e disse: — Você, aqui? Como deve ter sofrido! — Espantada, feliz e meio desconfiada com aquêle carinho diante de estranhos, neguei que houvesse sofrido; mas a senhora dêle (que eu não conheço) se aproximava e dizia, bondosamente, para cúmulo do meu espanto: — Sofreu sim. Porque não quer dizê-lo? — Depois, ofereceu a êle uma xícara de café que meu amor provou, dizendo: — Café gostoso! — Perguntei-lhe se havia sentido dor ou susto, e êle, rindo, respondeu: — Lá em baixo é que a cousa está perigando. — No sonho, eu sabia que «lá em baixo» era a câmara mortuária do primeiro e me lembrei de ter visto entrar o corpo que era... uma fronde de árvore maravilhosa, dando-me a impressão de que as raízes se tivessem fundido com os ossos. Perguntei se lá também ia acontecer alguma cousa e meu amor respondeu com segurança, num tom de quem quisesse muito bem ao outro: — Não, F. não é tolo. Não deixaria que o pusessem em qualquer túmulo.

Viu que sonho longo e explícito, d. Maria Paula?

INTERPRETAÇÃO— 1º Tempo: — Seu sub-consciente deu extravasão de um modo completo e estravagante aos recalques acumulados. Êstes, represados por seu modo estranho de encarar as criaturas, viveram minutos de intensa atividade e deslocamento. Por exemplo: houve deslocamento de memórias nas cenas dos namorados, em que você simbolizou seu próprio passado. Hoje se sente prisioneira (moça prêsa) de recordações indeléveis de dias venturosos já desfrutados. Você procurou esquecer seu primeiro amor (velório a que iria por dever social) substituíndo-o por outro que, apesar de firme e certo, julga prestes a extinguir-se (morte repentina de seu amor). Seu sonho revela em você uma natureza algo introvertida e ciosa de seus segredos (receio de que sua amiga soubesse seu caso). Apesar de seu disfarce na vida real, tem um leve pressentimento de que, em verdade, ela desconfie da verdade (sorriso de certeza). Apesar disso, julga que ela, mesmo senhora da situação, seria incapaz de ser indiscreta (retirada em silêncio). Reflete-se, ainda, no sonho, seu espírito investigador que não se deixa vencer por quaisquer duas razões (as perguntas que fêz ao homem e à freira vicentina). Seus olhos ainda se acham umedecidos pelas lágrimas choradas pela passagem do seu primeiro amor (os da freira são uma transferência) e acredita ter havido um lapso, um hiato espanfoso em sua vida, em que tudo para você era impessoal e sem expressão, parecendo-lhe que havia enterrado, com seu amado, sua própria vida de mulher (chuva torrencial).

2º Tempo: — No segundo tempo do seu sonho, transparece a alternativa ou dubiedade de sua vacilante fôrça de vontade, mostrando que, até com os mais íntimos, você será capaz de ocultar sua mágoa e sofrimento (a negativa). Sua admiração pelo caráter de seu amor é algo de notável (espanto diante da atitude dêle). Acredito que você, com seu modo de pensar, possa «matar» um amor, mas que, pelo seu grande afeto o reanime e o reerga da tumba do desalento (o café é estimulante...). Por transferência, êsse café é dado pela espôsa, mas, na realidade onírica, aquela mulher é você mesma. Seu amor disse que na outra câmara a cousa estaria perigando e na verdade assim é, pois, estando êle, vivo e bem vivo, não poderia assustar-se por cousas inexistentes.

Você parece uma estudante de metafísica que sabe que na Natureza tudo se renova (corpo transformado em fronde) e se perpetua num contínuo ciclo evolutivo (não deixar seu primeiro amor ser pôsto em qualquer túmulo). Há um símbolo importante: o lençol que envolvia o corpo do seu amado é uma representação do âmnius (a mais íntima membrana que envolve o feto) e se apresenta como um fato bastante promissor na sua vida afetiva, por indicar um nascimento, ou um renascimento, ou, ainda, um embrião...

NO AUGE DA FAMA, RAINHA ABSOLUTA DO GLAMOUR, LANA TURNER DESEJA APENAS SER MULHER ★ UMA ENTREVISTA À "REVISTA DA SEMANA" DENTRO DO "SETOR PROIBIDO" DA METRO ★ FERNANDO LAMAS, "LATIN LOVERS" E CONCEITOS SÔBRE O AMOR ★ O SAMBA? UM VELHO AMIGO! ★ FILMARÁ "FLESH AND THE FLAME", NA ITÁLIA



Reportagem de DULCE DAMASCENO DE BRITO

(Correspondente da REVISTA DA SEMANA EM Hollywood) — Fotos M.G.M.

EM tôda a história de Hollywood, não creio que tenha existido outra "estrêla" cuja vida real seja tão vulnerável como a de Lana Turner. Sua incrível beleza, o glamour que irradia dentro e fora da tela, o talento que vem aprimorando dia-a-dia, nestes 15 anos de cinema, a fascinante maneira com que conduz seus comentadíssimos romances — tudo isso tem fornecido tanto assunto para a imprensa que Ripley (o autor do "Acredite se quiser") já afirmou que não existe um dia sequer sem que o nome de Lana apareça em qualquer coluna de cinema do mundo inteiro. Sendo assim — uma personalidade fabulosa — a loura "estrêla" da Metro é uma das mais procuradas em Hollywood. O pessoal do estúdio diz que Lana nunca foi vista sòzinha — quando a querem encontrar, basta localizar uma aglomeração qualquer e... lá está ela no centro! Essa afirmativa

A INCOMPREENDIDA DE HOLLYWOOD



Lana Turner, a quem os fãs cariocas já viram, aqui está, sòzinha e em companhia de Fernando Lamas — artista argentino — em pleno «romance».

provou ser verdadeira quando, através de canais particulares, a repórter da **REVISTA DA SEMANA** furou a barreira que a Metro erguera entre a sua "estrêla" e os jornalistas, em conseqüência do rompimento dela com o ator argentino Fernando Lamas. Penetrando no **setor proibido** — o "stage 18", onde **La** Turner posava para fotografias de modas com os vestidos do filme "Latin Lovers" — encontrei-a **protegida** pela habitual multidão, um verdadeiro séquito de rainha, que inclui camareira, secretária, agente comercial, cabeleireira, etc. Contudo, após as mágicas palavras que facilitariam a entrevista para êste semanário, vi-me cordialmente recebida pela "estrêla", que me levou para o seu camarim particular e, fechando a porta, colocou-se à minha disposição. Enfim, a sós com a "rainha do glamour"! Tal acontecimento que — por inúmeras prévias informações — me fôra apontado como impossível, deixou-me entre encabulada e agradàvelmente surprêsa, como acontece quando se consegue algo com que já não se contava absolutamente... Passado o primeiro momento de espanto e iniciada uma conversação casual, pergunto a Lana qual o segrêdo da sua juventude, da conservação, aos 32 anos, da mesma beleza que lhe abriu as portas da fama, em 1938, naquele filme de profético título: "Esquecer, nunca!"

— Sinto discordar da sua opinião — responde a "estrêla", sorrindo — mas acho que mudei muito, não só física, como espiritualmente. Não poderia, pois, com experiência própria, dar conselho algum em como conservar a juventude.

Contudo, após grande insistência da repórter, Lana resolve arriscar um **palpite** sôbre o assunto que, por sinal, saiu melhor do que a encomenda!

— Há algo — diz ela acendendo, pensativamente, um cigarro — algo que considero importantíssimo na vida de tôda mulher, e que, talvez, constitua a melhor **maquillage** para esconder a idade: o amor. Você poderá notar que as mulheres apaixonadas se revelam cheias de vida, com um novo brilho nos olhos e parecem muito mais jovens do que realmente são...

A despeito dos primitivos protestos, a "estrêla" fala agora com experiência própria. Ninguém melhor do que ela para opinar com tanta propriedade sôbre tal assunto! Lana é a atriz de Hollywood que mais tem amado e, no entanto, apesar da sua condição de **glamour queen**, não conseguiu, ainda, encontrar a felicidade. Seus três casamentos — com o **band-leader** Artie Shaw, com o **restaurateur** Steve Crane e com o milionário Bob Tropping — terminaram em trágicos divórcios, que abalaram a saúde de Lana, levando-a para o hospital com ataques de nervos. Justamente por ser demasiado



Lana discute com o diretor Vincente Minelli cenas de "Cativos do Mal" (The Bad and Beautiful). Ao centro, Helen Rose, desenhista de modas.



Gene Klossner, que já fêz o mesmo com Greta Garbo, Greer Garson e John Barrimore, imprime no "Grauman's Chinese Theater" as mãos de Miss Lana



Apesar de tôdas as suas glórias e triunfos em Hollywood, tem Lana Turner, em sua filhinha, Cheryl Christina, seu único tesouro, seu verdadeiro amor.



Parece que a estrêla "meteu mão em combuca"; mas não é isso. Ela se diverte com Spencer Tracy, numa animada partida do querido "baseball".

honesta para consigo mesma (quando se apaixona, Lana deixa-se levar inteiramente pelo coração!) é que suas desilusões são mais profundas. Seus namorados — Greg Bautzer, Turhan Bey, Peter Lawford, Tony Martin, Robert Hutton e Fernando Lamas — aproveitaram-se da sua generosidade e do seu prestígio para ganharem publicidades, pois todo homem que andar com **La** Turner poderá contar, na certa, com o seu nome e fotografia em revistas e jornais do mundo inteiro... Frank Sinatra e Tyrone Power já eram famosos quando a conheceram e foram exceções, mas... **dolorosas exceções**, uma vez que o primeiro era casado e, o segundo, deixou-a apaixonada em Hollywood para ir a Roma desposar Linda Christian. Das suas frustradas experiências amorosas, Lana ganhou, apenas, uma coisa: sua filhinha Cheryl Christina, de 9 anos, fruto do seu casamento com Steve Crane. Talvez ela julgue ser essa a compensação das suas cicatrizes românticas, pois, quando lhe pergunto qual considera o seu maior triunfo, responde simplesmente:

— Minha filha.

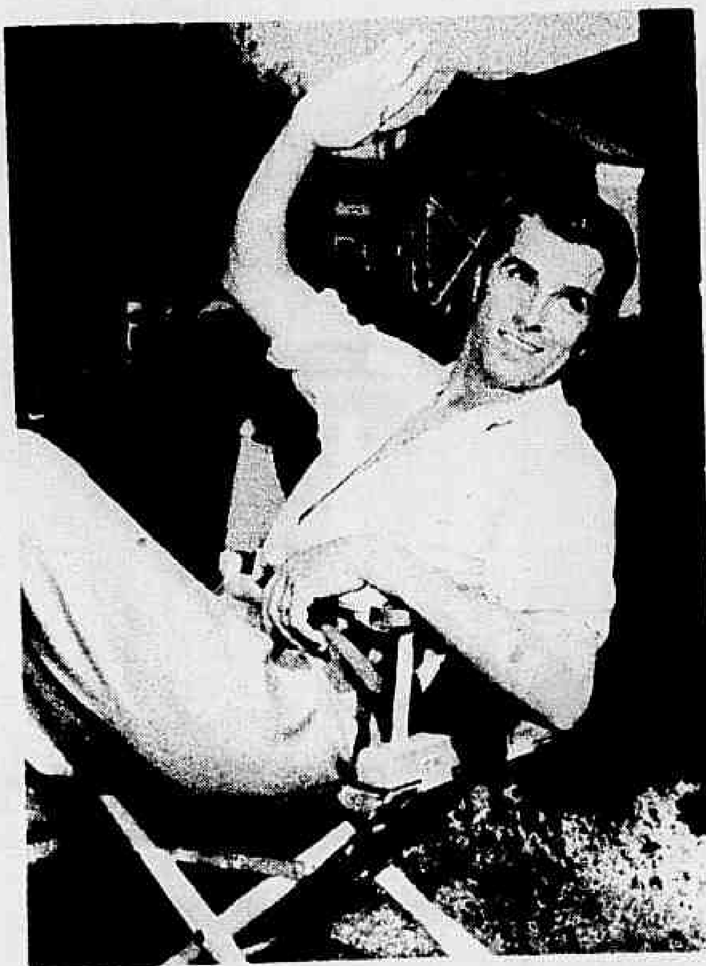
— Não Miss Turner, não me refiro às suas vitórias pessoais e, sim, profissionais. Seu maior sucesso na tela, por exemplo.

— **Oh, that!** — exclama ela, lembrando-se sùbitamente de que está concedendo uma entrevista como atriz e não... como mãe. — Bem... até há pouco tempo, eu achava que o papel mais completo que havia tido no cinema era o de "O Destino Bate à Porta". Mas, após ser dirigida por Vincente Minelli em "The Bad and the Beautiful" (Cativos do Mal), considero êste o filme mais importante da minha carreira e o que mais satisfez o meu **ego** de artista.

Por outro lado, Lana confessa-me que teve um "happy time" fazendo "Latin Lovers", pois adora êsse gênero de comédia romântica e luxuosa, com música bem tropical.

— O samba e eu somos velhos amigos, desde que estive no Brasil, há alguns anos atrás — diz a "estrêla". — E, quanto à história do filme, é uma delícia. Vocês, brasileiros, vão adorá-la!

Lana sente-se orgulhosa da reprodução do Rio de Janeiro que foi feita pela Metro e convida-me a dar um pulo até o **stage** anexo, onde ainda se encontra, montado, um dos **sets** de "Latin Lovers". De fato, é impressionante a visão panorâmica de uma varanda que dá para a Urca! Copiada pelos pintores do estúdio, de um simples cartão postal, colorido, o gigantesco painel foi colocado ao fundo do **set**, tendo à frente colunas de madeira que dão a idéia perfeita de terceira-dimensão, fazendo qualquer brasileiro jurar que, de fato, se encontra no Rio! Lana sorri do meu espanto:



O "astro" argentino Fernando Lamas, último grande romance de Lana Turner, e sua maior desilusão amorosa. Fizeram juntos, a nova versão de "A Viúva Alegre".

— Eu não lhe disse?

Está realmente entusiasmada com o filme que lhe deu tanta **dor-de-cabeça**. Quem sabe? Talvez o considere o seu primeiro triunfo amoroso contra mais uma desilusão sofrida... Como se sabe, a Metro pensara filmar "Latin Lovers" para aproveitar a publicidade do romance real Lana Turner-Fernando Lamas, pois "A Viúva Alegre" com ambos estava rendendo uma fortuna! Mas Fernando já se considerava suficientemente importante e julgou não depender mais de Lana para obter bons papéis, armando uma briga com ela, sob pretensos ciúmes de Lex "Tarzan" Barker, na festa que Marion Davies ofereceu ao cantor Johnnie Ray. O "astro" argentino livrou-se, **assim**, a tempo, de precisar casar-se com Lana, uma vez que o divórcio dela deveria ser oficializado alguns dias depois e, humilhando-a em público, sabia que jamais haveria possibilidade de uma reconciliação, pois a maior qualidade da loura "estrêla" é a sua reconhecida dignidade feminina. Mas com êsse nada louvável procedimento, perdeu Fernando não só o papel de galã em "Latin Lovers" (sendo a rainha do estúdio, Lana fêz substituí-lo por Ricardo Montalban) como futuros filmes de envergadura que a Metro lhe havia destinado. Com mais essa decepção amorosa — da qual, por sinal, vingou-se brilhantemente — **La** Turner entregou-se de corpo-e-alma ao seu trabalho. Após a filmagem de "Latin Lovers", Lana seguiu com a filha para a sua casa de verão, em Palm Springs. Lex Barker também lá estêve, veraneando na mesma ocasião... Mas, não acreditamos que êste seja mais um sério romance da glamourosa "estrêla", mesmo porque os planos que ela tem para o futuro próximo não incluem nenhum episódio de amor:

— No momento, estudo o **script** de "Flesh and the Flame", que filmarei na Itália para a Metro. Não, não sei ainda quem será o galã, mas adianto-lhe que Pier Angeli contracenará comigo num papel bem à altura do seu jovem talento.

Lana espera seguir para a Europa em fins de abril, onde encontrará sua grande amiga Ava Gardner, com quem tem tanta coisa em comum (ambas foram casadas com Artie Shaw e Frank Sinatra foi noivo de uma e é marido da outra...) mas, quando menciono que, sendo a Itália a terra do romance, talvez encontre, lá, o homem ideal, a nossa entrevistada sorri:

— Talvez... — diz cèticamente. — Asseguro-lhe, porém, que não farei fôrça para tal.

— E o **maquillage** para a conservação da juventude, Lana? Vai cessar de usá-lo?

— Sabe de uma coisa? Às vêzes, também canso-me de ser jovem... — diz Lana sorrindo.



A Rainha Mary, ao celebrar seu 75º aniversário, a 26 de maio de 1942, ajuda a limpar um terreno para «hortas da vitória», em plena guerra.

DESAPARECE

A RAINHA MARY

COMPLETARIA 86 ANOS A 26 DE MAIO ★ RAINHA INGLÊSA DESDE 22 DE JUNHO DE 1911 ★ ENFRENTOU CORAJOMENTE AS DUAS GRANDES GUERRAS

ESTA de luto por trinta dias, desde 25 de março, o Império Britânico, em sinal de grande pesar pela morte da Rainha Mary, nascida a 26 de maio de 1867 no Palácio de Kensington. Desde cedo passou a ser chamada «Princess May» pelo povo britânico, tendo recebido primorosa educação intelectual, moral e artística, em Londres e na Itália, onde passou dois anos em companhia de seus pais, o Duque de Teck e a Princesa Mary Adolaide, Duquesa de Teck. Foi na Itália que a então Princesa Mary adquiriu grande interêsse e conhecimentos pelas artes. Em 1893, ficou noiva do Príncipe George, Duque de York, o filho sobrevivente mais velho do Príncipe de Gales, que se tornou depois o Rei Edward VII. O casamento se verificou a 6 de julho do mesmo ano, na capela real do Palácio St. James. Nos primeiros anos de casada estêve residindo em York Cottage, perto de Sandringham, onde nasceram os seus cinco filhos. Na qualidade de Duquesa de York, Princesa de Gales e Rainha Consorte, acompanhou seu espôso em muitas viagens que o mesmo empreendeu por países estrangeiros. Em 1899 visitaram a Irlanda, e em 1901 realizaram importante e demorada excursão pelos países da Comunidade Britânica. Embarcaram no «Ophir» em março, e em maio o Duque de Cornwall e York inaugurou o primeiro Parlamento Federal da Comunidade da Austrália. Dali seguiram para a Nova Zelândia, regressando a Londres pela África do Sul e Canadá. Em 1905 visitaram a Índia. Durante o reinado de Eduardo VII fêz ela, em companhia do marido, várias visitas a côrtes estrangeiras e nações da Comunidade, procurando estreitar os vínculos da Inglaterra em países amigos e todos os povos do Império Britânico.

Em 1910, seu espôso, que se tornara Príncipe de Gales em novembro de 1901, subia ao trono pela morte de seu pai, com o título de Rei George V. A Rainha Mary foi coroada ao seu lado na Abadia de Westminster, a 22 de junho de 1911. Logo após a coroação os soberanos visitaram a Irlanda, o País de Gales e a Escócia, e um ano mais tarde, a Índia, onde o Rei assistiu à «Coroação Durbar», em Delhi. A Rainha Mary exerceu grande influência na vida do Rei, ajudando-o, inspirando-o nos momentos difíceis, auxiliando-o a orientar-se nos problemas em que a pessoa do soberano era indispensável. Tôdas estas particularidades estão registradas no diário e cartas de George V, provando como os dois se entendiam e se inter-aconselhavam nos momentos precisos. Além do espôso, de quem era assídua e inteligente colaboradora, seus filhos e tôda a Família Real, muito se aconselhavam com ela, pedindo-lhe opinião, como verdadeiro guia da família.

O reinado de George V atingiu o clímax com o Jubileu de Prata quando, com a Rainha e outros membros da família, o Rei atravessou as ruas de Londres, entre seus súditos, para o serviço de Ação de Graças na Catedral de St. Paul. No ano seguinte, isto é, em janeiro de 1936, morria o Rei George. Em tôda a sua vida a Rainha Mary tomou parte destacada em trabalhos sociais, mostrando o mais profundo interêsse por tudo o que se referisse ao bem-estar das mulheres e crianças, nos trabalhos de hospitais e na profissão de enfermagem. Quando rebentou a primeira guerra mundial, a Rainha Mary deu o máximo de seus esforços à nação, que teve nela um anjo tutelar, inaugurando o «Queen's Work Women Fund», organização que arranjava emprêgo para as mulheres que ficavam sem trabalho por motivo do irrompimento da guerra. O «Fund» empregou milhares, até que o próprio desenvolvimento do esfôrço bélico absorveu-as nos serviços de munição e outras formas de suprimento da guerra. Não descansava e fornecia roupas aos que foram duramente atingidos pela devastação. Visitava hospitais, fábricas, inspecionava regimentos e estava na França, com o espôso, quando êste visitou as tropas inglêsas expedicionárias em 1917. Estava com 70 anos de idade quando estourou a segunda grande guerra, e a grande soberana repetiu os esforços de 1914. Gostava muito de ler, de cinema e de teatro. Foi um ídolo do seu povo pelas virtudes que possuía, sempre disposta a fazer o bem, a levar aos lares desamparados o confôrto do trono, os estímulos para amenizar as aflições da vida nos momentos cruciantes das desgraças coletivas. Perdeu a Inglaterra uma grande Rainha, uma das grandes figuras de sua história.



Mary e seu espôso, George V, trajando as vestes da coroação, ao subirem ao trono, em 1910. Note-se a semelhança com a neta. (Foto U. Press)



No apogeu de sua soberania como Rainha, a falecida em 25 de março de 1953, se nos apresenta com aquela majestade das grandes rainhas.

Coréia

COBAIA DA 3ª GUERRA

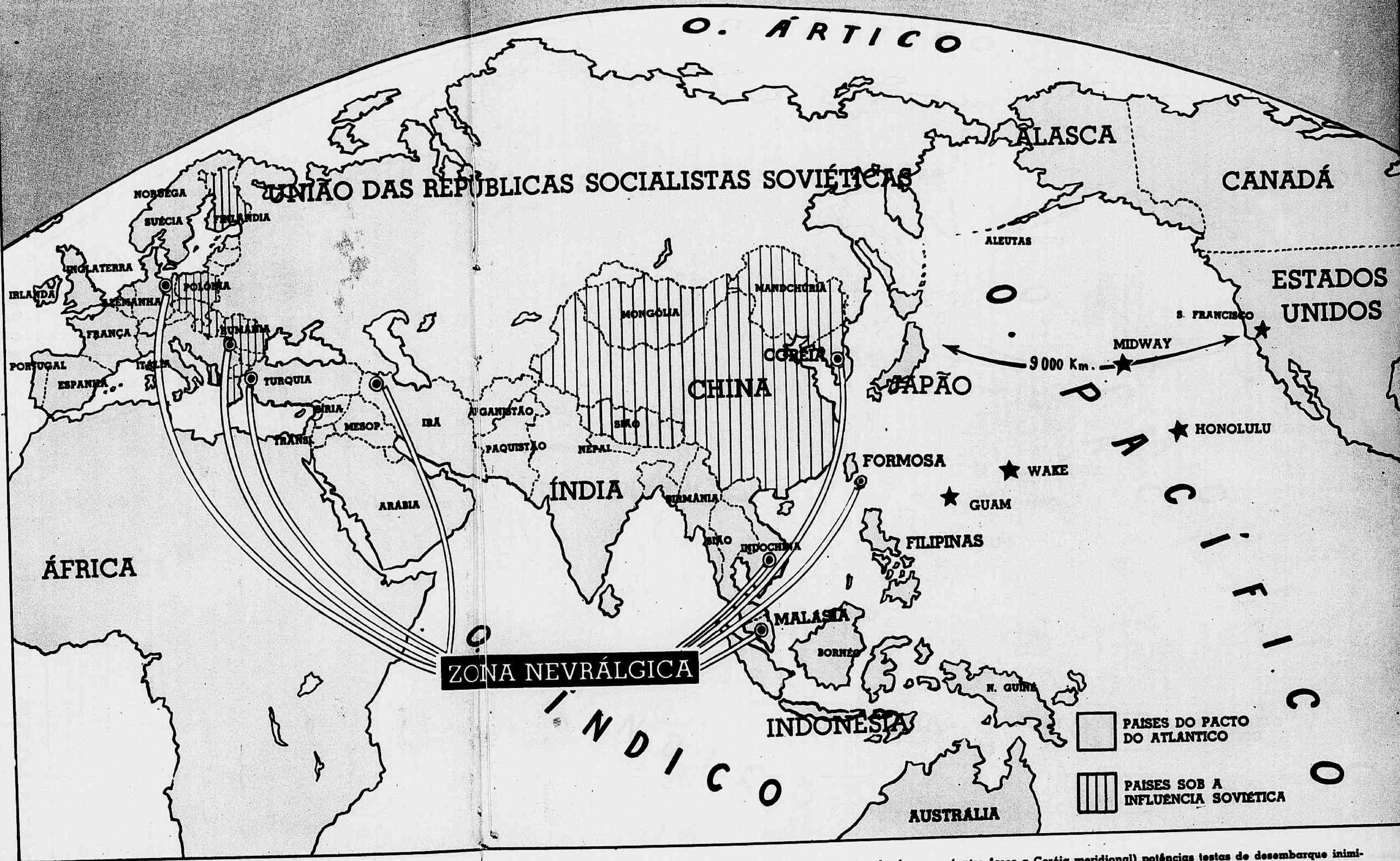
CAMPO DE EXPERIMENTAÇÃO DA MODERNA ESTRATÉGIA BÉLICA ★ POR QUE OS AMERICANOS E OS RUSSOS NÃO SE ENTENDEM NA LUTA PELA HEGEMONIA DO MUNDO ★ POTÊNCIA MARÍTIMA VERSUS POTÊNCIA TERRESTRE

De HAROLD GREEN

A atitude que a Rússia assumiu na Coréia, por intermédio do exér-
cito «nortista», com o fim de extirpar a dominação ianque na parte
meridional da península, a nosso ver, abrange vasta área estratégica,
de âmbito mundial, através da qual são claramente compreensíveis,
tôdas as arremetidas e as «razões» soviéticas a que até agora presen-
ciamos ou a que presenciaremos num futuro próximo. Por isso subme-
temos aos leitores uma espécie de «exame da situação estratégica»
usu militari, sem nenhum preconceito político ou ideológico de nossa
parte, ante a realidade de uma guerra branca já em curso e a even-
tualidade de uma conflagração geral, como sendo a maneira mais con-
cludente de se ter uma visão de conjunto e objetiva das circunstâncias.
Todos sabem que os acontecimentos da Coréia fazem parte de uma
luta titânica pela hegemonia travada entre Russos e Americanos. Tal
luta, que tem por escôpo final a dominação do mundo inteiro, é ca-
racterizada pelo fato de se opor, pelo menos na fase atual, uma for-
midável potência terrestre a uma não menos formidável potência ma-
rítima. Mas, no presente, o bloco soviético (Rússia e os seus aliados)
se encontra em posição estratégica pouco lisonjeira em relação ao
bloco americano (Estados Unidos e os seus aliados), pelo menos no
que diz respeito à consecução da meta final.
De fato, o bloco soviético — privado do indispensável poder naval
— não poderá nunca desferir um golpe verdadeiramente mortal no
adversário até que se encontre na absoluta impossibilidade de superar,
com fôrças adequadas, aquela vastíssima «trincheira» oceânica que
cinge a fortaleza americana. Pelo contrário os Estados Unidos, por causa
de sua potência naval, estão em condições, cedo ou tarde, de vulnerar
em vários pontos a fortaleza soviética, recolhendo e concentrando tôdas
as fôrças possíveis em qualquer parte que se encontrem do mundo.
Esta grave desvantagem apriorística é ulteriormente muito agravada
pelo fato de que os Estados Unidos, além de dominar o entrincheira-
mento oceânico intercontinental, já dispõe de vastas posições firmadas
do lado oposto, quase que, circundando a fortaleza soviética. Tal sis-
tema de postos avançados se desenvolve do Este para Oeste através
da Coréia, Indochina, Birmânia, Afganistão, Irã, Turquia, Grécia, talvez
a Iugoslávia, Europa Ocidental e Finlândia (excluímos a Índia, sòli-
damente encrustada na Rússia, as montanhas do Himalaia e o Tibé).
Essas posições constituem verdadeiras «máquinas de assédio» colocadas
afrontosamente sôbre os «muros» da fortaleza soviética ou, se se prefere,
representam uma cadeia de «pontas de desembarque», adrede prepa-
radas, através das quais as possibilidades intrínsecas do poder ma-
rítimo anglo-americano vêm a ser fortemente vantajosas e exaltadas.

TRINCHEIRAS OCEÂNICAS

A Rússia, portanto, é, de fato, uma nação assediada: e não o é
menos — pelo que se disse — por terra e por mar, mais ainda asse-
diada sôbre o mar. De fato, o Báltico e o Mar Negro são dois mares
interiores, fechados hermèticamente, cujas chaves pertencem ao bloco
americano: e os poucos portos que a Rússia pode dispor no Pacífico
estão estreitamente dominados e sufocados pelas posições americanas
no Japão, Coréia e Filipinas, às quais está também para se juntar a
Formosa. Mesmo, porque, se o bloco soviético quisesse criar uma flo-
tilha adequada aos seus fins (coisa para a qual hoje tem capacidade
muito limitada), encontrar-se-ia de princípio, subjugado pelas posições
estratégicas adversárias, ainda comprometido pelo fato de subdividir-se
em três partes distintas, nos três mares interiores, sem esperança de
emprêgo de uma ação coordenada. Eis porque, inicialmente, a Rússia
— não se preocupa tanto com a Marinha — mas em ter bons subma-
rinos, unidades perigosas que podem causar sérios danos ao inimigo,



No mapa acima aparece clara a situação estratégica dos dois grandes adversários. A Rússia domina o continente euro-asiático, com exceção da Europa Ocidental e das zonas da Ásia sul-oriental. A América domina os oceanos. Débil no mar, a Rússia considera os estados que a circundam (entre êsses a Coréia meridional) potências testas de desembarque inimigas. Daí a razão dêsses conflitos-cobaias: eliminar o perigo sôbre o mar.

e de certo modo estão preparados para resistir ao bloqueio de suas
próprias bases.
Em tal situação, pelo menos em uma primeira fase, os Soviéticos não
podem lògicamente fazer outra coisa, senão afastar-se dos postos avan-
çados do inimigo, dos muros da própria fortaleza. E, como os Estados
Unidos — potência marítima — por hora estão defendidos pelo vasto
entrincheiramente oceânico, a Rússia — potência terrestre — deve pro-
curar proteger-se mediante uma ampla cintura de terras, que possi-
velmente alcancem o litoral, de modo a diminuir as vantagens intrín-
secas do poder naval adversário.
Além disso, é sabido que o mar vence a terra, regra até agora nunca
desmentida pela história e que não foi alterada, na substância, nem
mesmo com o advento da aviação e da bomba atômica.
Por tudo isso que acenamos, devemos ficar convencidos de que o
sucesso de um duelo de morte, entre a Rússia e os Estados Unidos, na
situação estratégica hodierna, só poderá ser favorável ao segundo
rival. Mas convém observar que, se os russos conseguissem se impor
numa vastíssima área terrestre, abrangendo quase todo continente euro-
asiático, sem provocar um choque definitivo, então se verificaria uma
situação jamais sucedida na história, pela qual os privilégios inerentes
ao poder marítimo americano, viria a ser, se não anulado, pelo menos
diminuído.

PROVAVEIS MOVIMENTOS SOVIÉTICOS

Com efeito, se com tal ação preliminar os russos conseguissem afastar
o mar da própria fortaleza, não conseguiriam mais do que possíveis
«praias de desembarque» adversárias, para um futuro choque direto;
seria, então, amplo — no sentido de penetração — que as fôrças de
invasão, para chegar aos muros da cidadela soviética (fim último da
guerra), deveriam penetrar profundamente por terra de maneira a as-
segurar as suas vantagens de supremacia marítima. Pelo contrário,
em tal caso, o poder soviético terrestre poderia manifestar-se em tôda
a sua plenitude.
Por várias considerações primárias, é certo que a Rússia compreen-
deu muito bem a lição histórica segundo a qual «o mar vence a
terra», também sem atender que uma das maiores demonstrações de
tal lei toma o nome próprio do desastre russo de Tsuscima na guerra
russo-nipônica. Por conseguinte, os soviéticos — antes de arriscar
um choque decisivo — devem procurar transformar a sua situação des-
vantajosa noutra mais segura. O que não fizeram os russos a dois
anos, quando poderiam ter invadido a Europa Ocidental. Não o fi-
zeram com mêdo de uma guerra direta com a América.
Na base destas grandes linhas de estratégia russo-americana, é fácil
compreender porque os soviéticos, depois de ter formado uma cortina
de estados satélites em tôrno da Europa Ocidental, tenham podido
com os exércitos de Mao Tze Tung — assegurar-se o predomínio sôbre
tôda a China até às praias do Pacífico, e agora — por intermédio
dos exércitos «nortistas» — procurarem dominar tôda a Coréia. Bem
podemos observar sôbre o desenho estratégico, que a Rússia poderá
desenvolver outros movimentos com o fim de demolir outras «máquinas
de assédio» que ameaçam a sua tranqüilidade.
Para tanto deve agir (por intermédio de seus exércitos satélites e
de uma política especial) com tamanha sutileza que não provoque
uma deflagração geral. Disto se deduz que, enquanto durarem essas
ações indiretas, a terceira guerra mundial não será uma realidade.
Quais serão os ulteriores movimentos soviéticos? Como ficou visto,
a condição é que tais movimentos não serão efetuados diretamente
pela Rússia, que por isso não poderá alcançar as posições ocidentais

(Cont. na pág. 40)


29

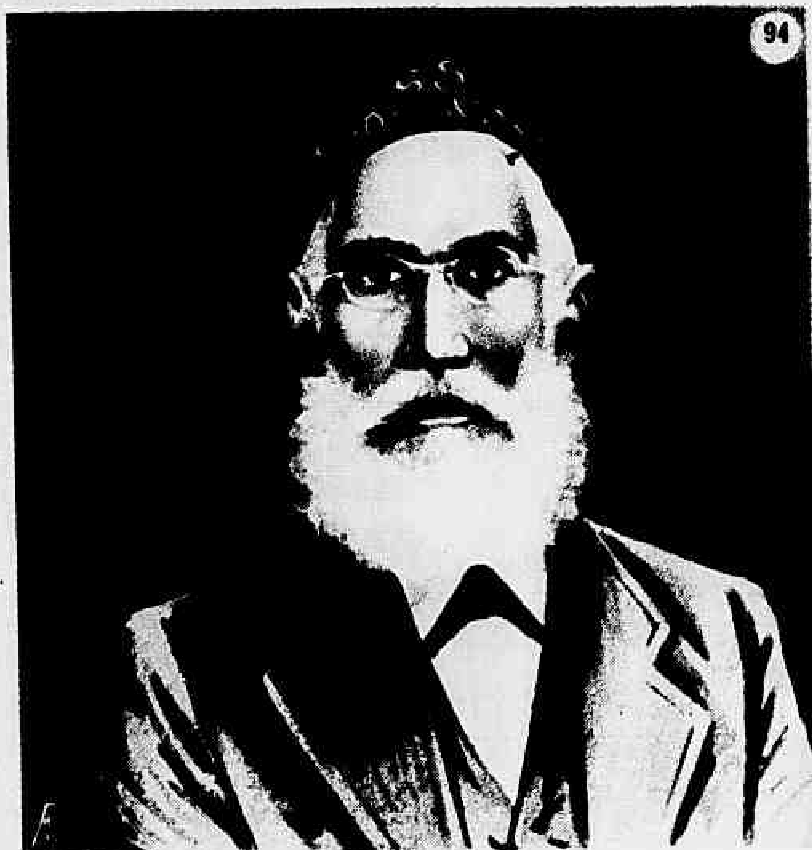

146


26


17


3
BANDEIRA DO D. FEDERAL


54

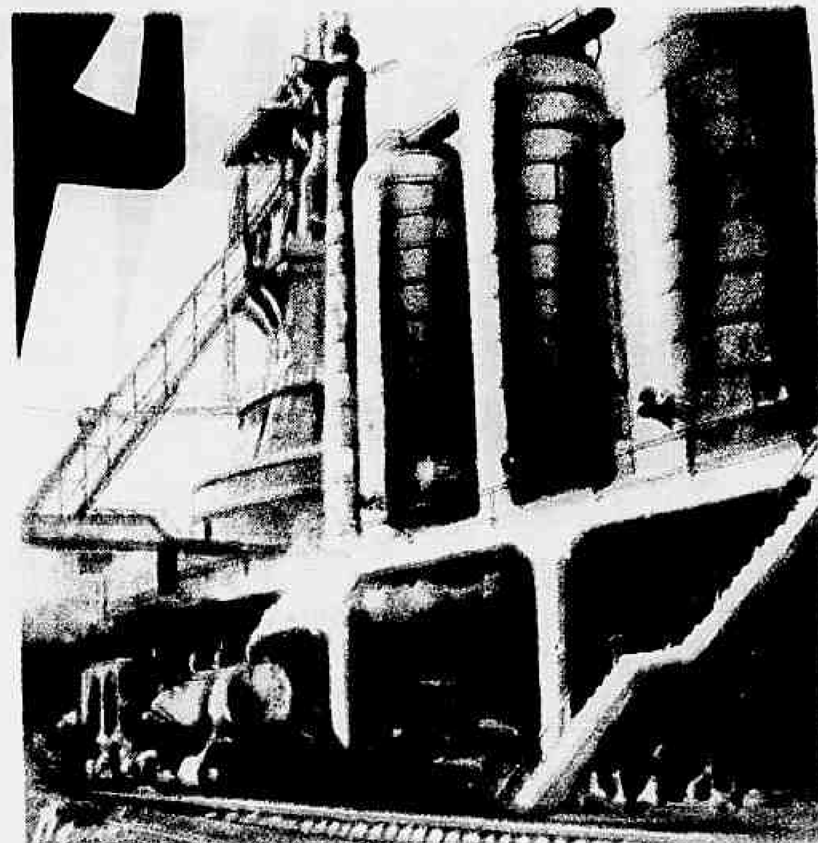

94


81


134




4
DISTRITO FEDERAL



COMO VIVE UMA BAILARINA



Calçar uma bailarina é trabalho de responsabilidade... Tem seus segredos... 50% do sucesso de um ballet, dependem do sapato.

SEM AS LUZES DO MUNICIPAL

O DRAMA DA BAILARINA BRASILEIRA ★ VIDA DURÍSSIMA ★ MUITAS DESPESAS PARA UM ORDENADO PEQUENO ★ ABRINDO FRONTEIRAS ★ ONEIDE E SEUS PROBLEMAS

Reportagem de MENDES FRANCO **Fotos de A. VIEIRA**

QUANDO a bailarina acabou de dançar, o "Cisne Negro", no Municipal, a assistência saudou a artista, de pé. Os críticos foram unânimes em elogiá-la e houve um que sentenciou:

— Será uma Galina Ulanova!

E' claro que o nosso Corpo de Baile é muito jovem e tão cedo não terá uma Galina Ulanova, Olga Vasievna, Lepeshinskaia, Maja Plistsvaia e Stroutchkova, discípulas de Pavlova, — a mestra — que certa manhã lançou um desafio ao destino:

— Nada conseguirá impedir-me de dançar!

Na Rússia, França, Inglaterra, na Espanha, nos Estados Unidos, a bailarina goza de ampla assistência do Estado e dança por vocação e profissão. No Brasil, desgraçadamente, dança por amor à arte, com sacrifícios ingentes. Começa freqüentando um curso de sete anos, após o qual, mediante rigoroso exame, é admitida como funcionária da Prefeitura, letra K... Está apta a aparecer no palco do teatro oficial...

O Corpo de Baile é composto de um coreógrafo e respectivo auxiliar, 45 bailarinos de ambos os sexos, 15 solistas que substituem as primeiras bailarinas e que dançam um pequeno solo. Atualmente o Municipal tem, apenas, cinco primas-bailarinas: Tamara Capeller, Beatriz Consuelo, Berta Rosanova, Maria Angélica e Marila Gremo.

A dança clássica em nosso país representa o esfôrço de um grupo de jovens. As despesas são grandes. Um sapato de ponta, por exemplo, é vendido por Cr$ 350,00, e dura dois espetáculos. As sapatilhas custam Cr$ 150,00. As malhas de lã, para ensaio, são adquiridas por Cr$ 750,00, enquanto que as de lastex ou nylon, destinadas ao espetáculo, regulam, em média, Cr$ 500,00. A artista é obrigada a treinar cinco horas por dia para



O corpo de uma bailarina precisa estar sempre em perfeita forma: esguio como um galgo; leve como uma pluma. Oneide, em casa, diàriamente, faz meia hora de ginástica rítmica, pela manhã.

SEM AS LUZES DO MUNICIPAL



A bailarina, longe dos refletores do Teatro Municipal: passando os vestidos da filhinha. A camisa do marido merece especiais cuidados da espôsa.



A dançarina lê para a filha de 3 anos, uma página da vida de Ana Pavlova, sem dúvida, a maior bailarina de todos os tempos. Morreu como um cisne!



Uma sopa de cenoura e tomates faz parte do menu de qualquer bailarina do mundo. Geralmente, a dançarina não come massas e toma pouco leite.

manter a forma exigida pela técnica. Nem sempre come o que deseja. Na verdade não há um regime alimentar. Mas são evitados os doces, as massas, a fim de manter um corpo esbelto, esguio e leve. A fruta principal do seu menu é a maçã. Legumes: tomate, cenoura, rabanete.

Os livros de ballet são proibitivos pelo alto custo. E os raros exemplares que chegam ao Brasil são adquiridos pelos aficionados da arte de Nijinsky.

Os concertos também são caros. Gratuito, sòmente as exposições de pintura. O grande público que aplaude a bailarina no Municipal, pela suntuosidade do espetáculo, não sabe que ela tem aperturas financeiras como qualquer comerciária, ganhando a metade do salário de um "O" (sem penacho). Percebe Cr$ 4.300,00, sofrendo um desconto de Cr$ 400,00.

Muitas são casadas, e sete delas têm filhos. Aí começa o drama da artista. Esta reportagem diz um pouco da vida de Oneide Craveiro Ribas, solista, e que tem participado de todo o nosso repertório, como Sílfides, Giselle, Copélia, o Lago dos Cisnes, as Bodas de Aurora, Príncipe Ygor, Luta Eterna e outros bailados internacionalmente conhecidos.

E' casada, vive feliz com o espôso e tem uma filhinha de três anos. Pesa 44 quilos, à custa de maçã... Fala vários idiomas. Olhos azuis, cabelos louros, rosto oval. Tem 1,57m de altura e é bonita. Mora em Laranjeiras.

DOCE LAR

Depois de receber delirantes aplausos e ganhar "corbeilles" de flores, a nossa bailarina regressa ao lar. Como não tem automóvel e o lotação faz a última viagem aos 30 minutos da madrugada, regressa à casa de ônibus ou de bonde. Acorda cedo, para fazer um pouco de ginástica, cuidar dos deveres de dona de casa, preparar a alimentação do bebê, compras na feira-livre, a fim de equilibrar o orçamento. Tudo é feito correndo, para não perder o ponto e, conseqüentemente, um dia de salário. À tarde, mais duas horas de treino e, quando não há espetáculo à noite, um cinema no bairro.

Não há um só caso de bailarina brasileira que tenha prosperado financeiramente, à custa da arte. Existem, todavia, artistas ricas, filhas de famílias abastadas, que não olham o preço da maquilagem. Eis aí outro problema da dançarina pobre. Os produtos nacionais são caros e a aquisição é difícil. Depois vem a idade. Devido ao nosso clima tropical, uma artista deixa de dançar aos 40 anos, quando é desligada do ballet e transformada em professôra de ginástica da Prefeitura. Excepcionalmente, algumas dançam até aos 45 anos.

Dificilmente teremos uma Galina, uma Lepeshinskaia...

ABRINDO FRONTEIRAS

Oneide Craveiro Ribas, como dezenas de bailarinas clássicas, tem outros problemas criados pela profissão que abraçou com entusiasmo e vocação. Quando viaja pelos Estados é obrigada a ter uma babá para o filho. Aumenta a despesa e diminui a receita. Embora hospedada em hotéis de primeira classe ou em casas de famílias, tem despesas forçadas com a permanência fora de casa.

O Marquês de Cuevas quando estêve no Brasil ficou perplexo ao saber do salário de fome de uma bailarina. Uma artista do "American Ballet" ou da "Ópera de Paris", para não falar do "Ballet Russo", tem um ordenado seis vêzes superior ao da artista do Municipal. E o material, como a maquilagem, sapatos, malhas, sapatilhas, etc., é fornecido pelo próprio conjunto.

A sociedade continua ignorando o drama da artista nacional. E os homens públicos responsáveis pelo Ballet do Municipal, expressão de arte e fôrça de vontade de uma geração de jovens, precisam abrir as fronteiras da Fama e da Fortuna, aos nossos bailarinos, mandando-os para Paris, Roma, Londres, Berlim, Copenhague, Praga, Estocolmo, Madrid e outras capitais do Ballet.

O Municipal já é pequeno para êles.

Ana Pavlova entrou na eternidade, dançando. Para isto percorreu o mundo inteiro. E todos que viajaram, como Sedora, Preobrajensky, Isadora Duncan e Nijinsky, ganharam Fama e Fortuna, elevando às nuvens os nomes de suas Pátrias.



A barra, prova inicial. Durante 5 horas, por dia, a bailarina treina. Seu ordenado inicial, letra "K" da Prefeitura: Cr$ 4.130,00, com 10% de desconto.



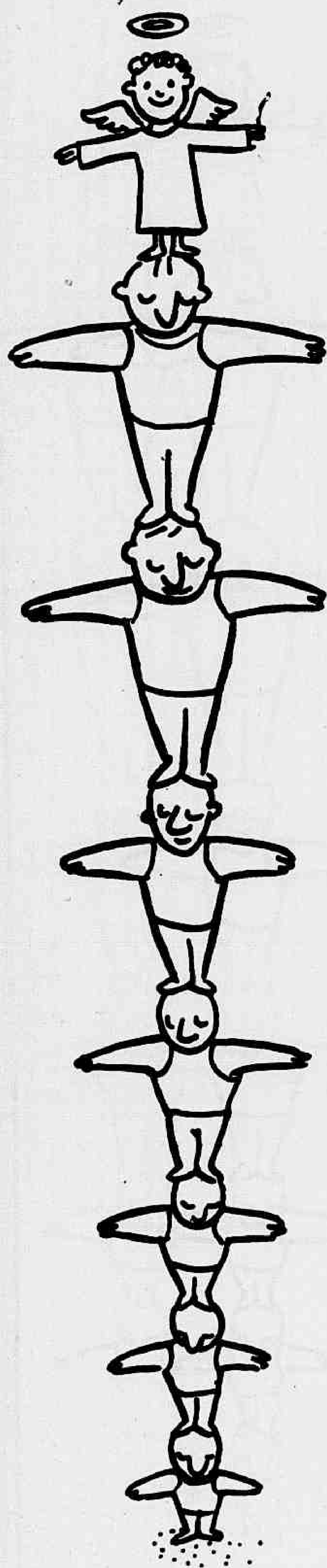
E' claro que a garotinha não tem idade para freqüentar o curso de ballet. Mas a bailarina prepara a filha como se fôsse uma dançarina de verdade.

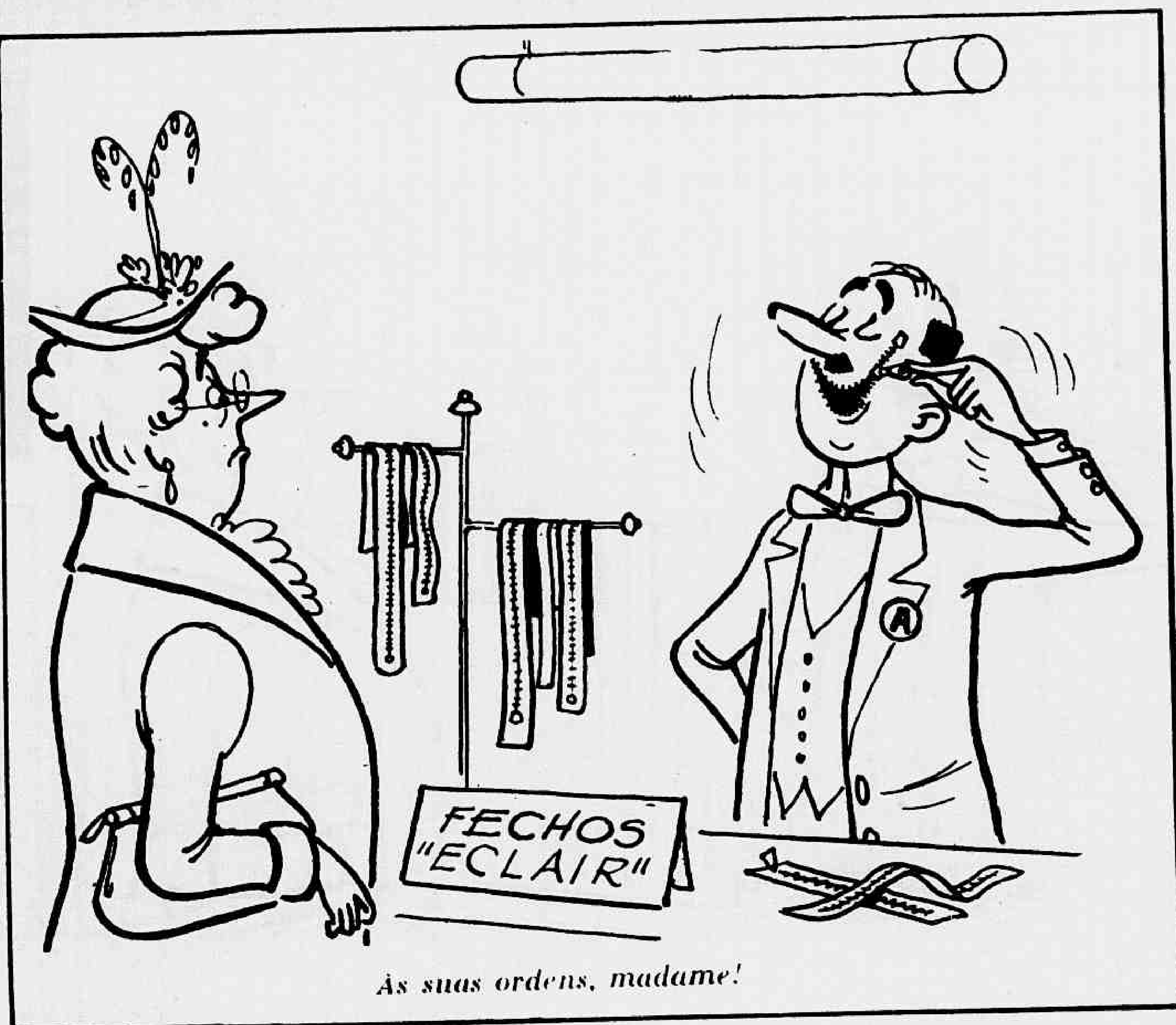


O espelho serve para corrigir certos defeitos de movimento, sobretudo das mãos. Como é difícil ser bailarina! E como é mal paga! Vale o amor à arte.



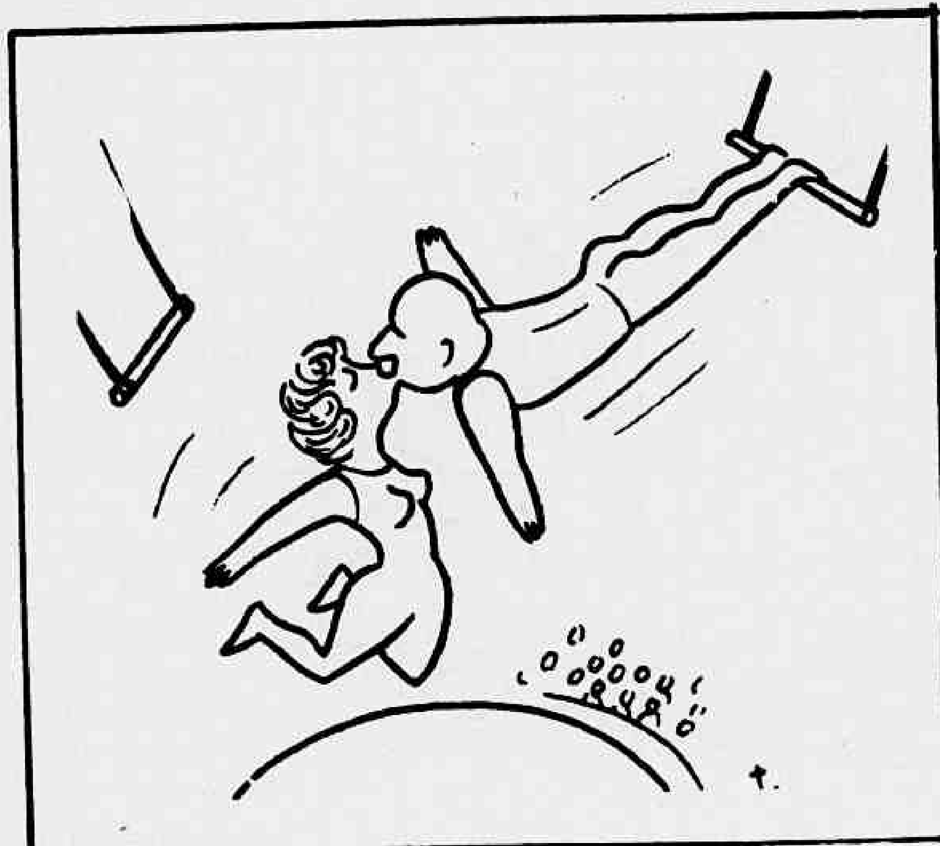
O RISO dos OUTROS





Às suas ordens, madame!







— Seria melhor a senhorita passar para trás.

UM AUTOR:

PEDRO BLOCH



QUANDO, ENTRE NÓS, um autor faz sua estréia sem grande alarde, sem vencer, de golpe, no aprêço público, poderá continuar humildemente sua obra, sem encontrar oposição muito feroz na confraria das letras. Se êle, porém, tem a sorte de abrir violentamente a sua brecha, de cair fulminantemente no gôsto do público — então terá que se haver com uma terrível malta de detratores. Isso no teatro, onde se movimenta, aliás perfeitamente à vontade, Pedro Bloch, é muito peor do que nos demais departamentos literários. No teatro, mesmo devido à maior evidência que proporciona aos escritores, é muito peor.

★ De certa forma, já estamos acostumados a essa mecânica. Os autores mesmos é que talvez se tomem de melancolia, diante dessa coisa deplorável. Por certo Pedro Bloch, com aquela sua plenitude de vida sadia, com sua generosidade enorme, não terá se incomodado com isso. Seu triunfo em nosso teatro não foi um processo lento, estratificando-lhe o grande sucesso que viria depois de anos de luta, de trabalho, de aperfeiçoamento técnico. Não, êle surgiu vitorioso, dono do meio de expressão a que, afinal, se dedicou inteiramente e que era o seu, por vocação, desde muito, desde quando experimentava no rádio as possibilidades do monodrama, tendo dado à nossa literatura rádio-teatral talvez as únicas páginas dignas de real interêsse que, no gênero, até hoje se escreveram. E isso irritou muito, irritou tudo. O êxito permanente de «As Mãos de Euridice» — que aliás teve a sorte de encontrar seu talvez único intérprete, em Rodolfo Mayer — incomodou mais do que muitos elefantes. Condenou-se o autor por suas concessões ao público, por sua singeleza de assunto, por sua candura moral e moralizante. Era de prever-se: o público entendeu bem a peça, sentiu-a na própria carne, comoveu-se, e ainda se comoverá por muito tempo, com o drama primaríssimo dêsse homem tão comum como o mais comum dos seus espectadores. Essa confidência entre o personagem — notem que dissemos «personagem» e não ator — e a platéia, por mais artificial que possa parecer, é de uma verdade pungente, de uma verdade teatral, é certo, mas da melhor verdade teatral que é convencional, por definição. E as demais peças de Bloch continuaram no mesmo agrado. Ainda agora, êle tem aí, na interpretação de Alda Garrido, nossa grande atriz, essa «Dona Xepa» em que Bloch vai mais fundo no realismo, desce mais para a verdade e nos dá, sem sair de seu ambiente de seu teatro moral, reformista, edificante, a «tranche de vie», vida com seus movimentos de superfície e de profundidade, com suas pausas e intercadências — repetindo o belo sucesso que tem coroado suas demais peças.

★ E' justo que Pedro Bloch, entre as admirações sinceras que conquistou, conte também os detratores de sua obra. E' humano que seu triunfo cause, com o largo entusiasmo que desperta, essa irritação que não podem sopitar, embora sem coragem de combatê-lo, os que, incapazes de êxito, não sabem sofrer com paciência o triunfo alheio.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● ISTO É AMOR — Vera Milward de Carvalho dedicou-se ao conto, o que em geral é grave êrro por parte das mulheres, pois o espírito de síntese, que o conto impõe, não é apanágio do belo sexo. Abrimos, assim, com grande desconfiança êste volume (Pongetti Editores), em que se enfeixam perto de duas dezenas de histórias curtas, histórias de amor, escritas por quem vê no amor a grande fôrça que êle é e, cremos que por temê-lo, procura diminuí-lo, através de enrêdos que, embora possam impressionar, longe estão de se enquadrar pròpriamente no conceito dêsse sentimento, menos ainda naquele que, tirado a um poema de Moniz Barreto, serviu para irônica epígrafe do volume: «Isto é amor, e dêste amor se vive... isto é amor, e dêste amor se morre». O amor dêstes contos é tôda uma outra coisa. Embora a autora, fazendo psicologia amorosa, esteja muitas vêzes praticando crítica mundana, há muito que apreciar nestes contos e, principalmente, na somática de seus personagens, quase todos dotados de vida real. A autora, por inexperiência técnica, por lhe faltar vivência dos grandes conflitos passionais, por pudor e conveniência também, tece seus entrechos com certa discrição exagerada, carregando a mão no seu «parti-pris» contra a efemeridade dos sentimentos afetivos. Daí que sua ironia, de quando em quando, se barateie no caricato e que seus enredos caiam de tom. De qualquer forma, Vera Milward de Carvalho é uma contista capaz de interessar o leitor, a seu favor ou contra ela, mas interessar. Livro de estréia, êste lhe servirá como experiência e outros nos poderá dar, liberta de seus preconceitos e com uma generosidade mais ampla, tanto com seus personagens, como consigo mesmá. Lamentável o rebarbativo prefácio do sr. Plínio Mota (da Academia Mineira de Letras), indispondo o leitor e valendo como inútil cataplasma pregado à face do livro.

A morte de Graciliano

Privam-se as letras brasileiras de um de seus mais fortes expoentes: morreu Graciliano Ramos. Natural de Quebrângulo, no Estado de Alagoas, nasceu a 27 de outubro de 1892, desaparecendo assim aos 60 anos o grande romancista brasileiro cuja obra é um dos mais substanciosos legados em nosso acervo literário. Sua carreira vitoriosa não foi precoce. Antes Graciliano escreveu seu primeiro romance, «Caetés», em 1926, portanto aos trinta e quatro anos, idade em que a maioria de nossos escritores já sonha com a Academia. Só em 30 foi publicado o livro que lhe conquistou, de golpe, popularidade e prestígio. Deixa Graciliano uma obra significativa para o romance e para a prosa brasileira, com a grande saudade de seus amigos inconsoláveis com o desaparecimento do «Velho Graça».

POR ÊSSE MUNDO DAS LETRAS...

JOSÉ LINS DO RÊGO, como prêmio de consolação na chefia da delegação de foot-ball, em Lima, onde os desastres não têm sido poucos, acaba de ser convidado pela Academia Peruana para fazer uma conferência sôbre o romance brasileiro.

UM LIVRO:

"SIGNIFICAÇÃO DO FAR-WEST"

Na série dos Cadernos de Cultura, apareceram os dois ensaios de Otávio de Faria, sôbre cinema, vindo enriquecer nossa bibliografia, aliás paupérrima, da sétima arte.

Os ensaios, embora escritos em época distante, tendo sido publicados em uma revista especializada, à época, nada perderam, em essência. Depois disso o cinema, arte em formação (se quisermos aceitá-lo como arte) tem sofrido profundas transformações. Poderia parecer assim que «Significação do Far-West» havia perdido muito de seu alcance. Pelo contrário, Otávio de Faria investigou tão acertadamente o tema que, mesmo à distância de mais de vinte anos, suas observações, interpretações e conclusões nos parecem inteiramente válidas, sobretudo para êsse gênero de filmes que, como observou o ensaísta, conquistou ao cinema sua independência inicial, dando-lhe, com suas pueris histórias de vaqueiros, sua autonomia.

Por êsse aspecto, principalmente, avulta a obra do escritor brasileiro, singular entre os livros sôbre cinema, por ter ido diretamente às raíses, se tal podemos dizer, do que vem, aos poucos, conquistando um lugar entre as artes, meio de expressão de nossa época e, como tal, o mais poderoso de todos, sem que isso represente menosprêso das demais musas, tôdas vivas, ao lado de sua irmã mais jovem, a décima.

Mesmo que esta obra não nos dissesse, hoje, nada de novo, em face do rápido processo de evolução do cinema, que só deixou de ser teatro filmado depois do «Far-west», tornando-se então cinema, ainda assim seria oportuna a edição dêstes dois excelentes ensaios — O Cenário e o Futuro do Cinema e Significação do Far-West — principalmente o segundo, onde encontramos a investigação original e inteligente de um teórico de pulso, sôbre os reais valores do novo «medium» expressivo, falando do insuspeito sentido artístico e filosófico do celulóide de «mocinho».

Se é verdade que Otávio de Faria, no primeiro dêsses ensaios, por seu entusiasmo pela arte muda, pelo grau de perfeição técnica a que havia atingido em poucos anos e por seu apoio no elemento mímico, de perene qualidade artística, embora suas origens remotíssimas — se equivocou quanto ao futuro do filme sonoro, nem assim diminui de seu alcance essa investigação, ao mesmo tempo erudita e brilhante, de um amador sem qualquer experiência no terreno da prática cinematográfica e, além disso, exercendo suas análises críticas em um meio onde a quase completa ausência de ambientes experimentais lhe dificultou exames de laboratório, por assim dizer. Já no segundo ensaio, quer quando trata do sentido artístico — da maior importância para a arte do cinema — quer quando pratica sôbre a significação filosófica do «Oeste», sua investigação adquire fôrça extraordinária e, estamos certos, sua obra pode ser incluída entre as mais claras, entre as contribuições apreciáveis para a inteligência do cinema, já publicadas até esta data.

Uma «nota de 1952», além de outras notas, situa os leitores diante dêstes ensaios e, o que é mais importante, reconhece os direitos artísticos do Oeste atual, em face dos grandes realizadores do gênero que, mesmo no ambiente da fórmula e do primarismo dos celulóides de ação, conseguiram fazer cinema-arte.



JÂNIO QUADROS

(Cont. da página 6)

Finalmente, adveio a derrota do poder. Ademar estava derrotado. Irremediàvelmente derrotado, em São Paulo, nas eleições de Santos, procedidas no mesmo dia e, logo depois, na Assembléia, pois a presidência dessa Casa deveria ter sido ocupada pelo sr. Lino de Matos que, na última hora, retirou sua candidatura.

PROMETE "LIMPAR"

Jânio, com seu jeitão de simplório, levou a melhor. No local das apurações, instalou um verdadeiro exército de fiscais. Êle mesmo, acompanhado por Porfírio da Paz, que goza de grande estima nos círculos esportivos, ia assistir as apurações. Quando viu que sua vitória era certa, recolheu-se à casa de um amigo, para descansar. Estava esgotado e, no dia das eleições, quase desmaiou de cansaço.

Quando fomos procurá-lo, estava em repouso. Falou firmemente, sôbre os problemas de S. Paulo. Voltou a falar como quando era apenas o candidato: "Não prometemos nada, mas procuraremos fazer o máximo. O povo confiou em nós e não podemos desapontá-lo. Uma coisa prometo, vou fazer uma "limpeza" na Prefeitura. Quero ver tôdas as contas acertadas e muito bem acertadas. Agirei sem rancores, apenas com a seriedade necessária ao homem público." Daí para diante, nada mais. Vai trabalhar e quando diz que trabalha o povo se impressiona, porquanto êle foi o vereador que apanhou, quando denunciou algumas sujeiras municipais. Êle era o gritão da Câmara e da Assembléia, o homem mais caro dos legislativos paulistas, em virtude das constantes solicitações, requerimentos e petições que fazia.

Hoje, sem ar de mártir, cabelos e bigodes aparados, roupas novas e gravata bem posta, Jânio é outra figura física. Demagogo ou não, venceu o próprio govêrno e sua poderosa máquina eleitoral. Quanto aos outros candidatos, nem adianta falar, pois foram figuras apagadas, no pleito. André Nunes Júnior perdeu longe e Ortiz foi o menos votado, não alcançando cifras iguais nem ao número de votos anulados.

Jânio foi diplomado. Disse que vai trabalhar. O povo acredita nêle e os mais céticos dizem que se trabalhar, será para se guindar ao poder estadual, no próximo pleito. Verdade é que sua responsabilidade é das maiores. Será o prefeito do quarto centenário, o homem que êle acha que deve ser um ótimo político, cercado de bons técnicos, vivendo acima das injunções político-partidárias, conforme asseverou a êste repórter, há uns cinco meses atrás. Se êle cumprir sua palavra, tratando antes do povo e depois da política, poderá fazer uma gestão brilhante. Na Câmara, já conta com o apoio de 25 vereadores, de diversas legendas. Dizem que acabará contando com a maioria. Se isso suceder, teremos muitas surprêsas.

Garcez não vai pedir demissão. Em entrevista recente, adiantou que cooperará com o prefeito. Foi derrotado e admitiu isso em público. Ademar está curtindo a derrota e imaginando o que terá de fazer para ir à presidência da República. Jânio, de chamado demagogo, passou a ser uma séria ameaça. Sua vitória repercute em todo o Brasil e há quem afirme que êle modificará o panorama político nacional. Tudo está em paz. O povo espera o máximo. Jânio nada prometeu, senão trabalho. Agora, vale esperar. Só o tempo poderá dizer se Jânio é de fato o messias político.

CORREIO DA REVISTA

SILVIA V. DOS ANJOS — Montes Claros — Minas — Agradecemos a sugestão. Já temos uma seção semelhante. E não temos espaço, no momento, para a que sugere.

★

MACEIÓ. 28-2-53 — Redação da REVISTA DA SEMANA — Li nesta revista de 17-1-1953, um anúncio sôbre o "Clube de Correspondência". Desejo receber o folheto informativo.

Sem mais, subscrevo-me — Atenciosamente, — Lúcia da Silveira Pontes de Miranda.

End.: Av. Clodoaldo da Fonseca, n.º 95 — Farol — Maceió — Alagoas.

Resposta: O enderêço do clube é: Caixa Postal, 2632, São Paulo — Capital.

★

Ilmo. Senhor.

Estou tentando a todo o trânse libertar-me dùma situação que dia a dia se torna mais angustiosa.

Eu sei que dificilmente encontrarei a pessoa que, incondicionalmente, me ajudará, mas também sei que apesar da crise desenfrada que o mundo atravessa de materialismo grosseiro e brutal, ela existe. A grande dificuldade está precisamente em encontrá-la.

Sou funcionário do Estado desempenhando as funções de escriturário do Comando da Polícia de Segurança Pública de Portalegre tendo já desempenhado idêntico cargo na Câmara Municipal de Sesimbra e, porque sou casado e tenho dois filhos de tenra idade dificilmente consigo manter-me no nível a que sou obrigado, pela exiguidade aterradora dos vencimentos que percebo; razão pela qual, tento emigrar para o Brasil pois nem sequer posso ter a esperança de vir a usufruir lugar melhor remunerado porque a concorrência é enorme e conseqüentemente, só os indivíduos bem apadrinhados conseguem êsses lugares, muitas vêzes à custa da eficiência com que deveriam ser desempenhados.

Para legalmente poder constituir um processo de emigração necessito que daí me venha um contrato de trabalho. Sou uma pessoa de bem, conforme o poderão atestar inúmeras pessoas. Falo Francês, Inglês e Espanhol, carta de condução de automóveis e motores marítimos boa apresentação e boa cultura geral, com facilidade em falar, redigir e argumentar.

Se a vós fôr difícil solucionar o meu caso, conseguindo-me um emprêgo ainda que seja para contínuo, porteiro ou criado, decerto não deixais de apresentar-me aos vossos amigos, pois pode suceder que algum dêles queira ajudar-me porquanto, eu assinarei em notário público um documento em como nunca reclamaria das condições do contrato se por ventura fôsse despedido por incompetência profissional ou por deficiência de caráter.

Levado ainda por aquêle espírito de cooperação que sempre uniram nossos dois povos fico muito reconhecido a V. Excia. se me enviar alguns nomes de indivíduos bem situados na vida brasileira e que V. Excia. veja que me poderão auxiliar com o envio do citado contrato no caso evidentemente, de a vós não vos ser possível enviar-mo.

Numa revista do ano passado na qual vós escrevesteis um artigo dedicado à telegrafia elétrica no Brasil, vi um nome de uma Senhora que tem precisamente o mesmo apelido do que eu: MAFRA. Muito eu gostaria de saber a direção dessa senhora para poder escrever-lhe a fim de me informar se existe qualquer parentesco. Não tenho à mão a revista mas creio ser Sara Mafra e ser a última da direita da fotografia que vem no dito artigo.

Pode pois V. Excia. fornecer-me essa direção? Ficarei muito obrigado e creia que se aqui em Portugal eu vos puder ser útil é com grande prazer que o farei.

Sem outro de momento, ansiosamente fico aguardando o favor da vossa boa atenção e sou assim atentamente. — DUARTE RAMOS MAFRA. Rua do Cruzeiro d'Ajuda, 115, 1.º — Lisboa — Portugal.

P. S. Indicações do meu bilhete de identidade: N. 981966-A do Arquivo de Identificação de Lisboa de 6-9-1950. Filho de: João da Silva Mafra e de Augusta Ramos Mafra. Natural de: Lisboa Freguesia de Ajuda Conselho de Lisboa. Nascido a 8 de maio de 1920. Casado com Rosa Ferreira de Souza Mafra.

ARABELLE a última sereia



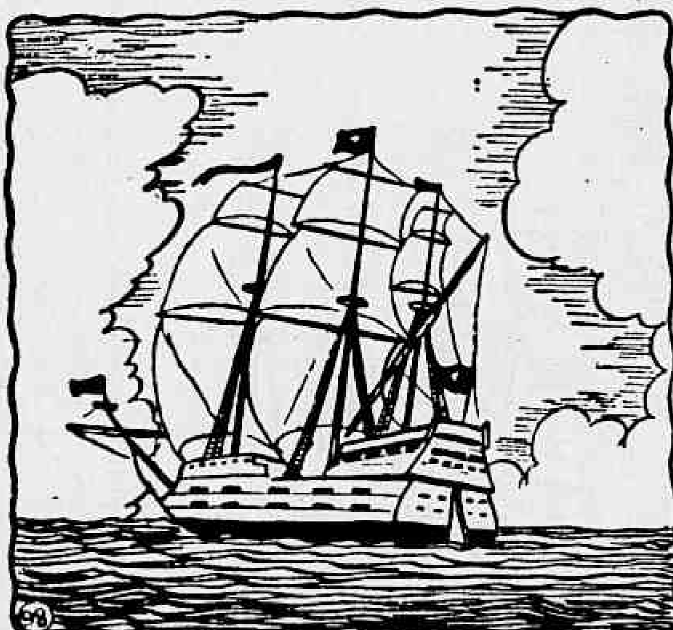
Chegados a um recanto de deserta praia, Pedro, mui gentilmente, mostrou a Arabelle uma velha habitação em ruínas e que, aparentemente, estava abandonada.



A casinha era limpa, embora pobre. Seu aspecto misterioso cresce de volume quando, à noite, se fecham as janelas e se vê uma luz brilhar em seu interior.



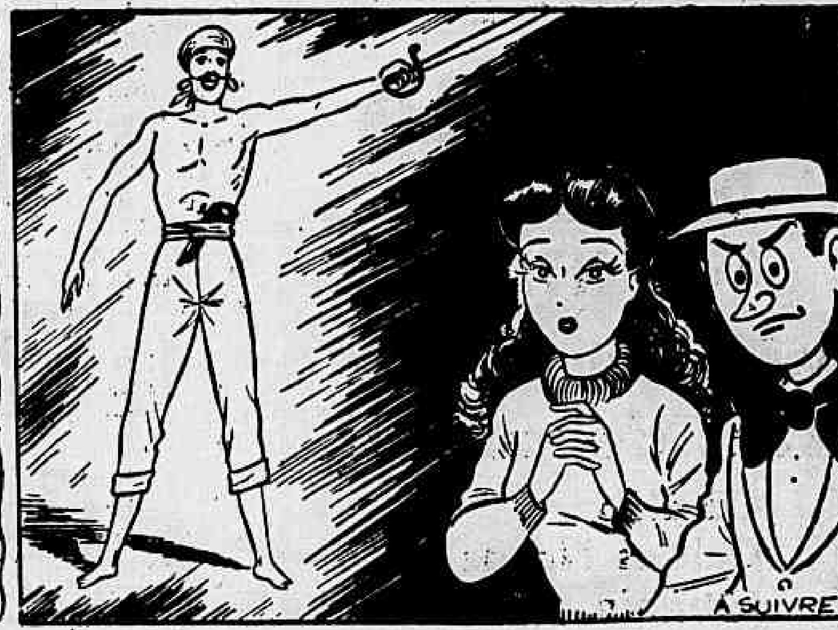
O bom pescador começa a mostrar a morada. Flor Azul não pode esconder seu pavor e se arrepende de ter vindo com Arabelle até ali. Mas Pedro acende o cachimbo, senta-se, pede que se acomodem e começa a sua história: «Uma vez, há tempos...»



«... uma caravela cruzava os mares do sul, dirigida por um capitão pirata, com tripulação de piratas e aventureiros valentes e capazes das maiores proezas.»



«Quando voltavam, costumavam fundear em Acapulco, para vender escravos e mercadorias em geral, descansar, divertir. Traziam muitas especiarias, sêdas, ouro, prata, jóias, etc. No mastro, a bandeira negra»



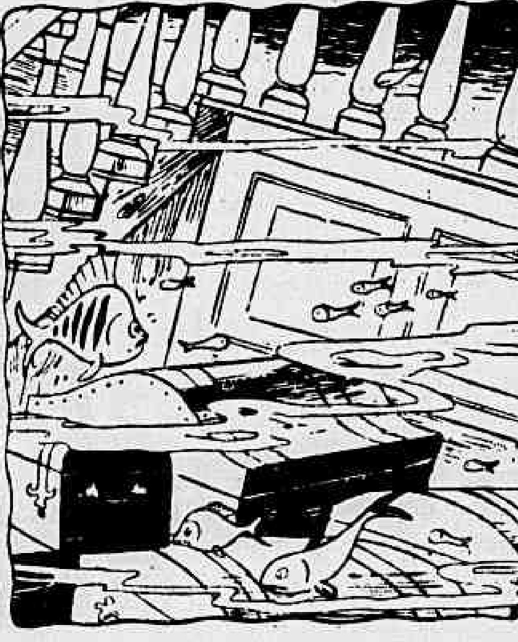
Arabelle, que muito gostava de ouvir histórias de piratas, estava atenta, e, em sua imaginação fértil, ela como que via surgir ali o valoroso capitão corsário, que se apaixonava por ela e a levava...



«O capitão se enamora de uma jovem, casa com ela e a cobre de jóias e peles. Foi ela minha bisavó» — prosseguiu Pedro, com ar satisfeito.



«Mas um dia o cap não voltou mais. Perto desta praia, a caravela é fustigada pela tempestade e afunda com todos»



«Em seu bôjo havia uma fortuna colossal, que seria da viúva; mas tôdas as tentativas para localizar o barco foram inúteis, até agora.»



«Lendo as notícias de que a «última sereia» estava no México, resolvi encontrá-la, Arabelle, e pedir que descubra o tesouro que se acha no fundo do mar. Aceita?»



Arabelle aceita, não pelo tesouro, no qual não acreditava, mas pelo prazer da oportunidade que tinha de excursionar pelo fundo do mar.



Mas Flor-Azul estava interessado na riqueza submersa e chama Pedro à parte, a fim de combinar com o velho acêrca da maneira de dividir.



Todos foram à praia, ao longo da qual soçobrara a nau pirata. O aspecto era terrificante e imponente, com rochedos e costa selvática,

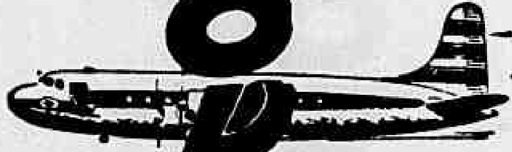


Arabelle vai ao fundo das águas e narra aos peixes a história que lhe foi contada pelo velho Pedro, pedindo que êles a ajudassem a pesquisar e localizar a caravela.

Desenhos de JEAN ACHE

História de VANIA LAUREZ

AEROVIAS



PIONEIRA
DO VALE DO
TOCANTINS

Aviões mistos de luxo
25% desconto

Catalão
Caldas Novas
Goiânia
Anápolis
Pôrto Nacional
Pedro Afonso
Carolina
Belém

AEROVIAS BRASIL

Com tradicional confôrto, rapidez e cortesia.



O JARDINEIRO TIMÓTEO

(Cont. do número anterior)

Timóteo recebeu a nova como quem recebe uma sentença de morte. Na sua idade, tal mudança lhe equivalia a um fim de tudo. Correu a agarrar-se à moça, mas desta vez nada puderam contra as armas do dinheiro os seus pobres argumentos, de poeta.

Vendeu-se a fazenda. E certa manhã viu Timóteo arrumarem-se no trole os antigos patrões, as mucamas, tudo o que constituia a alma do velho patrimônio.

— Adeus, Timóteo! disseram alegremente os senhores-moços, acomodando-se no veículo.

— Adeus! Adeus!...

E lá partiu o trole, a galope... Dobrou a curva da estrada... Sumiu-se para sempre...

Pela primeira vez na vida Timóteo esqueceu de regar o jardim. Quedou-se plantado a um canto, a esmoer o dia inteiro o mesmo pensamento doloroso:

— Branco não tem coração...

Os novos proprietários eram gente da moda, amigos do luxo e das novidades. Entraram na casa franzindo o nariz a tudo.

— Velharias, velharias...

E tudo reformaram. Em vez da austera mobilia de cabiúna, adotaram móveis pechisbeques, com veludinhos e frisos. Determinaram o empapelamento das salas, a abertura de um «hall», mil coisas esquisitas... Diante do jardim, abriram-se em gargalhadas:

— E' incrivel! Um jardim dêstes, cheirando a Tomé de Souza, em pleno século das crisandálias!

— E periquito, Odete! Pe-ri-qui-to!...disse uma das moças.

— Olha, Ivete, esporinhas! E' inconcebível que ainda haja esporinhas no mundo!

— E periquito, Odete! Pe-ri-qui-to!... disse uma das moças, torcendo-se em gargalhadas.

Timóteo ouvia aquilo com mil mortes n'alma. Não restava dúvida, era o fim de tudo, como pressentira: aquêles bugres da cidade arrasariam a casa, o jardim e o mais que lembrasse o tempo antigo. Queriam só o moderno.

E o jardim foi condenado. Mandariam vir o Ambrogi para traçar um plano novo de acôrdo com a arte modernissima dos jardins inglêses. Retomariam as flores tôdas, plantando as últimas criações da floricultura alemã. Ficou decidido assim.

— E para não perder tempo, enquanto o Ambrogi não chega ponho aquêle macaco a me arrastar isto — disse o homem, apontando para Timóteo.

— Ó tição, vem cá!

Timóteo aproximou-se, com ar apatetado.

— Olha, ficas encarregado de limpar êste mato e deixar a terra nuazinha. Quero fazer aqui um lindo jardim. Arrasas-me isto, bem arrasadinho, entendes?

Timóteo, trêmulo, mal pode engrolar uma palavra:

— Eu?...

— Sim, tu! Por que não?

O velho jardinheiro, atarantado e fora de si, repetiu a pergunta:

— Eu? Eu, arrasar o jardim?

O fazendeiro encarou-o, espantado da sua audácia, sem nada compreender daquela resistência.

— Eu? Pois me acha com cara de criminoso?

E não podendo mais conter-se explodiu num assomo estupendo de cólera — ò primeiro e o único de sua vida.

— Eu vou mas embora daqui, morrer lá na porteira como um cachorro fiel. Mas olhe, moço, que hei de rogar tanta praga que isto há de virar uma tapera de lacraias! A geada há de torrar o café. A peste há de levar as vacas de leite! Não há de ficar aqui nem uma galinha, nem um pé de vassoura! E a família amaldiçoada, coberta de lepra, há de comer na gamela com os cachorros lazarentos!... Deixe estar, gente amaldiçoada!

Não se assassina assim uma coisa que dinheiro nenhum paga. Não se mata assim um pobre negro velho que dentro do peito uma coisa, que lá na cidade ninguém sabe o que é. Deixa estar, branco de má casta! Deixa estar, caninha! Deixa estar!...

E fazendo o gesto fatídico, com a mão espalmada, saiu às arrecuas, repetindo cem vêzes a mesma ameaça:

— Deixa estar! Deixa estar!...

E longe, na porteira, ainda espalmava a mão para a fazenda, num gesto mudo:

— Deixa estar!...

Anoitecia. Os curiangos andavam a espacejar silenciosos vôos de sombra pelas estradas desertas. O céu era todo um recamo fulgurante de estrêlas. Os sapos coaxavam nos brejos e os vagalumes silenciosos piscavam piques de luz no sombrio das capoeiras.

Tudo adormecera na terra, em breve pausa de vida para o ressurgir do dia seguinte.

Só não ressurgirá Timóteo. Lá agoniza ao pé da porteira. Lá morre. E lá o encontrará amanhã, enrijecido pelo relento, de bôrco na grama orvalhada, com a mão estendida para a fazenda num derradeiro gesto de ameaça:

— Deixa estar!...

FIM.

PRIMA ROSA

(Cont. da pág. 14)

meiras. Tudo iluminado. Ela continuou parada em frente:

— Deixe-me pensar um pouco, Juli...

— Que foi? — perguntou, apertando o botão da campainha. Sentia de novo a dor no braço. Rosinha segurou-lhe o pulso. Vacilou um instante, depois disse resoluta:

— Tudo, Juli, menos a sua tia Angela!...

— Ora essa?! — exclamou, desorientado. A dor crescia.

— Tenho vergonha de sua tia, Juli! Verdade, Juli! Não e não!

Mas a velha já estava chegando. Os cães ladravam alvoroçados. Julião segurou as malas. Impressão de que não poderia chegar até dentro de casa. Trincava os dentes. Súbito, sentiu-se melhor. Tia Angela era muito míope e surda. Perguntou:

— Quem é esta, Julião?

— Prima Rosa, tia...

— Quem?! — perguntou assustada. Em seguida acrescentou: — Prima Rosa do Ninito? E como vai êle? Você teve a coragem de deixar seu pai, lá tão sòzinho, menina? Julião, porque você não trouxe também o Ninito?

Julião mentiu que o compadre não aceitara vir com êles. E foi entrando aflito, as malas nas mãos. Angela segurou o braço de Prima Rosa e fê-la entrar. Da ampla varanda, Rosinha viu o primeiro salão da casa, ricamente mobilado. A velha não lhe deixava o braço. Parou e analisava-a de alto a baixo, colocando os óculos. Os olhos azuis, pequeninos e irritantes. Voltou-se para Julião:

— Sente-se! Deixe as malas aí.

Julião sorriu, contrafeito. Impressão de que estariam notando a palidez provável dêle. Deixou o corpo cair numa poltrona. Prima Rosa fêz gestos de se aproximar dêle. Mas Angela segurou-lhe o braço com estranha fôrça. Queria que conhecesse a casa. Obedeceu. Caminhava olhando sempre para trás. Do alto da escada, às ocultas, tímida, atirou-lhe um beijo. Sentia-se um corpo estranho no meio daquele luxo, do esplendor daqueles espelhos. Julião continuava lá em baixo, imóvel, os braços cruzados, os olhos no teto. Mais desembaraçada e resoluta, atirou-lhe outro beijo. Entretanto, Julião nem se moveu. Que esquesita, a indiferença dêle!... Angela abriu uma porta e mostrou-lhe a biblioteca. Um abajur iluminava um livro aberto sôbre a mesa, bem no centro daquele silêncio confortável e erudito. Abriu outra porta. Prima Rosa correu até perto do piano. Que tristeza não saber tocar! Que lindo salão! Entrementes, Tia Angela já estava lá, abrindo a porta da varanda envidra-

(Cont. na pág. 40)

RESPOSTAS DA PÁG. 20

Puxe pelo cérebro

1 — Côco da Bahia
2 — Alagoas
3 — Os africanos
4 — A carnaúba
5 — Francisco José do Nascimento
6 — Juázeiro
7 — De S. Marcos
8 — Jesuíta
9 — Mais de trezentos
10 — Bagual
11 — Jaguarão
12 — Gás que se forma nas Minas de carvão de pedra
13 — Rio Grande do Sul
14 — Bergamota
15 — Plantação de uva.

Quem disse isto?

1 — La Bruyère
2 — Pascal
3 — Michelet
4 — Sophie Arnold
5 — Mlle. de l'Espinasse

VIDA DE PERIGOS
A VIDA DA MULHER

Sujeita continuamente às perturbações próprias do seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituido de importantes e delicadissimos órgãos cujas irregularidades fàcilmente se transformam em gravissimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde intima: se vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc., tudo está bem. Mas se aparece em abundância ou, ao contrário, diminuido, irregular ou retardado então urgem providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o Nº 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias e o Nº 2 para os casos de falta de regras, regras diminuidas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier Nº 1 ou Regulador Xavier Nº 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituivel, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



Sempre melhorando...

a BANDEIRANTES anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 49

A	Indígena da tribo do rio Paraguaçu	1	135	153	95	49	17	62
B	Protejam; sustentem, dêem amparo	122	143	20	67	134	6	44
C	Preponderar; ter grande influência	22	77	137	8	48	93	124
D	Motivo; bom senso; justiça	139	96	9	53	151	■	■
E	Faz seleção; elege; prefere	10	63	42	128	82	29	98
F	Auxiliava; socorria; prestava ajuda	133	73	31	7	86	155	121
G	Jamais; em tempo algum	12	50	72	99	130	■	■
H	Rio do Estado de S. Paulo, que banha sua capital	38	154	100	127	24	■	■
I	Lesa; fere; magoa	70	36	107	89	55	138	■
J	Cidade da Itália, perto do Vesúvio	149	116	92	136	28	156	78
K	Insulada; cercada de água	142	46	117	83	25	58	■
L	Transmite-se em ondas; ondeia	118	97	40	5	157	51	■
M	Homem respeitável; que é do sexo masculino	84	45	120	13	61	■	■
N	Tornarão obrigatório; obrigarão	103	32	80	147	114	60	91
O	Torna aborrecido; causa tédio	144	119	52	37	104	76	81
P	Íntegra; não tocada	47	126	59	79	141	68	115
Q	Pista de patinação	110	71	145	16	56	131	■
R	Ficara afobado	113	123	54	34	105	94	41
S	Padeceu; suportou; sentiu dor	101	14	152	85	30	74	■
T	Aguardar; estar à espera	23	102	64	140	75	39	27
U	Gradearão com ripas	11	148	112	33	66	90	125
V	Fluxo e refluxo das águas do mar	19	111	57	87	■	■	■
W	Inchado; balofo	2	132	15	106	43	■	■
X	Depósito de mercadorias para venda	65	129	146	35	4	109	21
Y	Acalmarão; produzirão sedação	150	18	108	26	3	69	88

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da obra citada. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

A 1	W 2	Y 3	X 4	L 5	B 6	■	F 7	C 8	D 9	E 10	U 11	■	G 12
M 13	S 14	■	W 15	■	Q 16	A 17	Y 18	V 19	■	B 20	X 21	C 22	T 23
■ ,	H 24	■	K 25	Y 26	T 27	■ -	J 28	E 29	S 30	■	F 31	N 32	U 33
■	R 34	X 35	I 36	O 37	H 38	T 39	L 40	R 41	■	E 42	W 43	B 44	■
M 45	■	K 46	P 47	C 48	A 49	G 50	L 51	■ ;	O 52	D 53	R 54	■	I 55
Q 56	V 57	K 58	■ ,	P 59	N 60	M 61	■	A 62	E 63	T 64	X 65	U 66	B 67
■ ,	P 68	Y 69	I 70	■	Q 71	G 72	F 73	S 74	T 75	O 76	C 77	J 78	P 79
■	N 80	O 81	E 82	K 83	M 84	S 85	F 86	■	V 87	■	Y 88	■	I 89
U 90	N 91	■ .	J 92	C 93	R 94	A 95	■	D 96	■	L 97	E 98	G 99	H 100
S 101	T 102	N 103	O 104	R 105	W 106	I 107	■ ,	Y 108	X 109	Q 110	V 111	■ ;	U 112
R 113	N 114	P 115	■	J 116	■	K 117	L 118	O 119	M 120	F 121	■ ,	B 122	R 123
C 124	U 125	P 126	H 127	E 128	X 129	G 130	■ ;	Q 131	■	W 132	F 133	B 134	A 135
■	J 136	■	C 137	I 138	D 139	T 140	P 141	K 142	B 143	O 144	Q 145	X 146	N 147
■ ,	U 148	J 149	Y 150	D 151	S 152	A 153	H 154	F 155	J 156	L 157	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 48 — R. BARBOSA — ELOGIOS ACADÊMICOS. — "A guerra, legitimamente, não pode ser o extermínio, nem a ambição: é simplesmente a defesa. Além dêsses limites certos, seria um flagelo bárbaro, que o patriotismo repudia."

CORÉIA

(Cont. da página 29)

mais aproximadas, pelo menos até que não se sinta preparada para o choque definitivo. Portanto, em ordem de probabilidade, é preciso excluir o Médio Oriente, a Finlândia e a Alemanha Ocidental, onde a Rússia buscará obter os seus fins por meios políticos. Parece, ao invés, que as próximas arremetidas russas serão realizadas contra Formosa, ou no setor birmano-indochino, onde a situação está mais madura para uma ação militar; ou mesmo na Iugoslávia, contra quem a Rússia poderia jogar os seus satélites dos balcans permanecendo aparentemente estranha ao caso.

OS OBJETIVOS DISTANTES

O objetivo remoto da luta, entre êsses dois imperialismos, pela hegemonia do mundo pode ser resumido nas seguintes premissas:

1.º — Tentativas russas para desbaratar algumas "posições de assédio" americanas, e de outro lado o empenho dos Estados Unidos para mantê-las.

2.º — Se bem que semelhantes tentativas lograram êxito, — favorecidos por especiais circunstâncias, os soviéticos passariam a um primeiro choque direto, para apoderar-se de tôdas as outras posições, isto é, do inteiro continente euro-asiático. Mas, se houvesse um intervalo nas operações, êsse daria lugar a que a América se mobilizasse para atacar a Rússia num duelo fatal. Esta fase seria, então, a terceira grande guerra mundial.

3.º — Embora saísse vitoriosa a América, teria atingido a sua meta final e o mundo passaria a ser manobrado por Washington. Mas, se a vitória ianque fôsse incompleta continuaria a luta, sem os soviéticos, para nova hegemonia com outro provável rival.

Depois de ter colocado o conflito coreano entre essas grandes linhas da estrategia mundial, resumiremos tôdas as considerações supracitadas:

1.º — a ação "nortista" na Coréia foi ordenada pela Rússia como primeiro movimento de um vasto desenho de caráter substancialmente estratégico no quadro da luta pela hegemonia, luta que tem por escopo final a dominação do mundo inteiro;

2.º — o conflito coreano assegura à Rússia muitas outras vantagens colaterais, seja no campo político seja no campo militar; assegura algumas vantagens também ao Ocidente, porém em menos proporções;

3.º — ainda não é provável que a guerra da Coréia possa levar à terceira conflagração mundial: por outra parte, é muito provável que seja o comêço de outros movimentos semelhantes;

4.º — o bloco americano não está, nem em pouco tempo estará preparado para contrapor uma ação direta ao bloco soviético; mas, desde que possa o fará com boas probabilidades de êxito;

5.º — tais acontecimentos ao invés de afasatr, cada vez mais aproximam as perspectivas de uma guerra geral, alimentando rivalidades por tôda parte;

6.º — a única reação possível por parte dos americanos é sustentar energicamente tais conflitos e acelerar ao máximo a indispensável preparação militar, se não quiser ceder à dominação soviética todo o continente euro-asiático;

7.º — nas ações diretas do conflito coreano, é muito provável que — se os coreanos do norte não conseguirem invadir tôda a península — a luta será longa e difícil pelo menos por muito tempo desfavorável aos americanos: êsses por enquanto devem permanecer na defensiva até que possam, com vantagem, passar para a ofensiva.

O VIOLÃO DE ALAGOAS

(Cont. da página 11)

trabalhavam carregando passageiros e mercadorias para o vapor, ou dêste para a terra.

★

MACEIÓ recebeu-o como a um filho querido. Teve aí o primeiro contato com a platéia mais suscetível à música. Restava, portanto, aguardar a opinião dos críticos, que nem sempre se mostram favoráveis

Mas de Maceió partem louvores entusiásticos que chegam até o Rio de Janeiro. A Capital do país deseja conhecer o artista. Entretanto, por timidez, ou porque seu físico enfraquecido pedia repouso, não se apressou e voltou a Pão de Açúcar. Já reanimado pelo ar do seu torrão, aguardou impaciente novo convite, que chegou meses depois. Fêz nova madrugada e embarcou. Mas no Rio de Janeiro, parte da crítica afirma que êle não pode ser comparado a Canhoto. Vencido, regressa a Alagoas, onde pensa continuar como professor. Entretanto, por volta de 1918 um amigo, sabendo que Canhoto estava no Rio, quis levar Nezinho para tocarem juntos. Êle foi.

Na noite em que os dois artistas do violão tocaram, poltronas e mais poltronas foram vendidas até à última hora. Os espectadores dividiam-se em duas facções: os admiradores do paulista e os do alagoano, provàvelmente êstes eram do Setentrião... Os dois artistas tocaram juntos. Qual seria a opinião da crítica sôbre cada um? Surgiram apostas como nas corridas, como nos jogos de futebol. Entretanto, naquela noite, tocaram dois violonistas, ambos com técnica diversa, modos diferentes mas com a mesma alma de artista. A própria crítica, que tão mal fizera ao alagoano, uniu-os nos louvores. E os que foram assistir ao concêrto como quem vai ao estádio ou ao hipódromo, ficaram decepcionados com o «empate»...

Nezinho e Canhoto despediram-se, como grandes amigos. E foi o nordestino quem levou o nome do paulista às plagas esquecidas daquele recanto alagoano.

Canhoto regressou a São Paulo e Nezinho resolveu partir para Pão de Açúcar, mas o amigo empresário achou melhor ficarem ali, anunciando novos concertos. Assim se fêz. Por fim, cansado pela vida que levava havia meses, propôs:

— Um descanso far-me-á bem. Depois voltarei, mas por ora chega. Não

ÓLEO DE CEDRO

É TÃO FÁCIL GANHAR CR$ 1.000,00

Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis

Óleo de Cedro

Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO «RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE»

agüento mais, qualquer dia caio desmaiado durante o concêrto...

O acompanhante assustou-se, fêz-se pálido e, minutos depois, descia a escada do hotel e ganhava a rua... Fugira, levando vinte contos ganhos nos concertos. O desânimo de Nezinho, por saber-se só, foi maior do que a pena causada pelo roubo. Mais do que nunca encheu os ares com suas pragas. Era um pássaro engaiolado. Cantava, mas seu canto se perdia sem um eco. Que devem fazer as aves prêsas? Não cantar mais. Êle nunca mais tocaria. E seu orgulho doentio sofreu cruelmente. Exilou-se... Passava os dias, violão ao colo, os olhos secos vertendo lágrimas que êle procurava ocultar de si mesmo.

Por sua vontade ficaria ali até a família procurar notícias suas. Não se mexia. Foi seu Argemiro, o dono do hotel, quem telegrafou ao velho Bezerra, contando-lhe a situação do filho. O pai não pôde fazer a viagem, ficou combalido. Soube então que o filho do coronel Antônio Machado estava no Rio. Tomou-lhe o enderêço e passou-lhe um telegrama pedindo que se encarregasse de socorrer o músico. O filho do coronel recebeu o pedido e cumpriu-o a contento. Dias depois, seu Bezerra recebia outro telegrama, avisando da partida de Nezinho. O pobre velho chorou de alegria. O filho, dentro em pouco, estaria de novo no seio da família.

★

DURANTE oito anos ninguém aludiu, nem de leve, àquele assunto. E Nezinho vivia sem outro desejo senão o de continuar como maestro da banda de Santana do Ipanema. Tocava o dia inteiro, sòzinho. Uma tarde, a barca trouxe alguns rapazes e os carregadores transportaram-nos, no cangote, até à praia. Entre êles, dois músicos que Nezinho conhecera no Rio. Perguntaram pela casa do velho Bezerra. Os moleques, cheirando novidade, levaram-nos até lá. O sapateiro trabalhava ainda, quando êles lhe tomaram a porta. Foi recebê-los. Ouvindo-os falar, não disse nada e mandou chamar o filho. Nezinho veio. Não recebeu os amigos com efusão nem com frieza, porém, naquela noite não pôde dormir. Tinha a cabeça ardente de sonhos. Eram tão nítidos que parecia vê-los, senti-los. Voltaria ao Rio, depois, conforme o sucedido, viajar. Libertar-se do pequeno mundo em que vivia. Uma madrugada, partiu levado pelos dois artistas. Novamente os amigos se reuniram ao amanhecer na praia guarnecida de mamoneiras enfileiradas. Adeuses. Votos de felicidade.

Na Capital da República, tocou sem descanso. Emagreceu. As faces encovaram e o corpo arqueou-se. Num dêsses concertos, um maestro estrangeiro, de passagem pelo Brasil, depois de ouvi-lo, foi procurá-lo e apertou-lhe a mão, dizendo:

— Acabo de ouvir o violão de Alagoas!

A frase pegou. E não mais se ouvia ninguém dizer: vou ouvir Nezinho Bezerra, mas «o violão de Alagoas».

PÃO de Açúcar seguia com olhos amigos a ascensão do filho mais moço do sapateiro da cidade. A tarde, nas reuniões familiares, vinha sempre à baila o nome de Nezinho. As cartas do Rio chegavam periòdicamente. Contavam o que todos já tinham lido nos jornais. Mas seu Bezerra lia-as uma, duas, cinco vêzes. Depois de bem decoradas, metia-as no bôlso do paletó, deixava a oficina abandonada e saía. Subia a rua Augusta, uma rua comprida e larga, bordada de velhos tamarindeiros. Ia direita a nossa casa. Ali reunia os amigos, isto é, quase todos os moradores e, conversa vai, conversa vem, lá ficavam até às nove horas, a hora de recolher. Então os conversadores se dispersavam. Êle regressava, olhando o chão, um passinho miúdo, de quem não tinha pressa. Alumiava-lhe o luar. O chão, as samambaias, os ouricuris, as casas, tudo dormia à claridade branca que vinha do céu. Lá embaixo, o São Francisco falava, ora lento-lento, ora apressado. As vêzes o velho ia até o rio, admirá-lo, outras êle voltava em linha reta para a casa. Atravessava a sala da frente, onde tinha a oficina, olhando para cada peça de ferramenta com o mesmo amor que o filho apalpava o violão. E sorria. Continuava andando, a murmurar:

— Se não ficasse cego, estaria batendo sola ou lá no sítio, tangendo a boiada!

No dia seguinte, a carta já estava amarfanhada e amarela, tantas as mãos que por ela haviam passado. Cedinho, seu Bezerra recomeçava o serviço. A todo o momento erguia a cabeça para falar com alguém que, passando pela rua, trelia com êle. Não raro, parava para um dedinho de prosa.

— Que é isso, seu Joaquim, não precisa trabalhar mais...

— Precisa-se viver.

— E' isso não, seu Joaquim...

— Sei. Já estou muito velho.

O sujeito insistia:

— Com um filho artista...

E o velho, conformado:

— Apois, tenho de trabalhar pra sustentar o artista...

O outro lá ia, sorridente, e o velho ajeitava os óculos de aros grossos, punha tôda a atenção no serviço. Mas logo deu de ser apanhado a falar sòzinho. Muitos mangavam dêle. Ernestina, quando o via assim, dizia, séria, pois a tristeza nunca a deixou esboçar sorriso:

— Pai deu pra contar as môscas...

Ernestina afastava-se, arrastando a enorme saia preta, batendo ràpidamente a chinelinha de couro. E o velho voltava ao trabalho.

No Rio, Nezinho sofria como sempre. Estava outra vez só. Os dois amigos, depois de rápida temporada na Capital, resolveram evadir-se. Não julgando Nezinho tal como os demais, comentavam a partida. Nezinho não podia acompanhá-los. Um dia se despediram, desejarem-lhe boa sorte e lá foram. O alagoano ficou só e doente, mas sem aquela impressão sufocante de quem se sente prêso. O fato de o terem deixado sem constrangimento nem pena, levantou-lhe o moral combalido. Por conseguinte, como da primeira vez, mas por motivo bem diverso, não procurou comunicar ao pai.



A REVISTA há 50 anos

(12-4-903)

CHRONICA — Descansa o chronista na Semana Santa, respeitando os sentimentos catholicos e o recolhimento da população. Dias consagrados inteiramente ao perdão das injurias, ao apaziguamento dos odios, ao luto e á tristeza, não pódem ser perturbados pelo cascalhar do riso ou pelos remoques da ironia. Neste periodo, respeitado em todo universo, o rosario e o devocionario substituem os recreios profanos e se alguma chronica attrahe o espirito dos crentes é a Paixão, tão simples e tão nova na intensidade da sua dor e na sublimidade dos seus ensinamentos.

Mais eloquencia tem nestes dias uma página do Evangelho do que todas as considerações poeticas ou phantasistas de um cultor das bellas-letras. Esta chronica parece-se, pois, singularmente com uma justificativa; é, antes, uma homenagem prestada aos leitores, habituados a encontrar sempre no seu pôsto o interprete das suas maguas ou alegrias. — JACQUES BONHOMME

SEMANA SANTA

Foi de lagrimas e de dôres a recordação dos sete dias, consagrados á Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, Redemptor da Humanidade. Sem vicios, sem defeitos e sem peccados, puro entre os mais puros, nobre entre os mais nobres, glorioso entre os mais gloriosos, o Excelso Filho de Deus deixou-se arrastar á presença de Poncio Pilatos, de onde foi coberto de ultrages pela turba ignara, coroado de espinhos, vergado ao peso do Sagrado Lenho, padecer o supplicio da Crucificação no alto do Calvario, cujas ladeiras pedregosas galgou, para, no seu cimo, morrer gloriosamente para expiação de faltas que não commetteu, de delictos que jamais praticou!



A Ressurreição

Soberba lição esta, que nos legou o Glorioso Filho de Deus, deixando-se humildemente crucificar, Elle que participava do todo poderoso, Elle que na sua Essencia Divina tudo podia, em toda a parte reinava, para redimir as faltas da Humanidade ingrata e peccadora, readquirindo para ella as Graças de Deus! Profundos ensinamentos desperta esta Semana Sagrada, que secorda a paixão do nosso Excelso Salvador. A Revista da Semana illustra as suas páginas, com diversas gravuras originaes de Rosaspina, commemorativas do maior acontecimento que se passou na terra.

OS RELOGIOS DE PARIS

A municipalidade de Paris pôz em hasta publica o serviço de dar corda e acertar os relogios da cidade. Todos os relogios municipais devem dar uma hora uniforme, a do Observatorio, e para obter esse resultado ella gasta sessenta mil francos annuaes. O serviço é dividido em três lotes, concernentes aos relogios das escolas communaes, aos das diversas secções do «Hotel de Ville», dos seus annexos e das «maries» e, por fim, as pendulas que decoram as fachadas dos monumentos. Este ultimo lote só é confiado a relojoeiro muito habil e perito, que conheça a fundo os segredos da relojoaria antiga e moderna. As pendulas são em numero de 78.

Mas os arrematantes dos dois primeiros lotes têm o que fazer. Precisam mobilisar um exercito de operarios, de quinze em quinze dias, para acertar e dar corda nos 7.000 relogios das escolas communaes e nos tres mil que comportam as diversas repartições da municipalidade. E o parisiense paga uma insignificancia para ter a sua hora... a tempo — dois centimos.

★

Annuncio.

Na porta de uma drogaria se lê:

"A quem provar que o meu cacáo é nocivo á saude, darei tres pacotes de graça".

A SAÚDE DO BEBÊ

BIOMETRIA DO LACTENTE

Dr. SABOIA RIBEIRO

OS índices de normalidade, do ponto de vista físico, da criança, não residem sòmente, como habitualmente se pensa, nos dados referentes ao pêso, mas também nos dados que dizem respeito à estatura, ao perímetro cefálico e torácico, e em cada caso, com observação das proporções que tais perímetros guardam entre si. De fato, além das proporções que não faltarão entre o pêso e a estatura, tem a máxima importância o estudo comparativo das proporções guardadas entre a maior circunferência craneana e a do peito.

● As proporções entre o pêso e a estatura podem ser expressas como no quadro abaixo:

	Pêso	Estatura
Nascimento	3.000 grs.	50 centms.
1º mês	3.750 "	54 "
2º "	4.500 "	57 "
3º "	5.200 "	60 "
4º "	5.900 "	62 "
5º "	6.500 "	63 "
6º "	7.000 "	64 "
7º "	7.450 "	65 "
8º "	7.850 "	66 "
9º "	8.200 "	67 "
10º "	8.500 "	68 "
11º "	8.750 "	69 "
12º "	9.000 "	70 "

● Como se vê, no primeiro trimestre, a criança cresce 10 centímetros (uma média de 3 centímetros por mês); mas já nos seguintes, a média é 1 centímetro apenas (exceção do 4º em que é 2).

O pêso cresce num ritmo mais ou menos uniforme os 4 primeiros meses (750, 700 gramas); cresce em volta de 600, 500, 450, 400 gramas, entre o 5º e 8º mês; e cresce entre 350 e 250, do 9º ao 12º mês.

A curva do pêso é mais acentuada que a da estatura; resultando de tudo que o aspecto da criança tende para as formas redondas, até fazer 1 ano.

O pêso deve ser encarado também sob o aspecto da qualidade da «gordura», isto é, do aspecto da «qualidade da carne». De fato, uma criança pode apresentar um pêso elevado e, no entanto, possuir carnes moles, bamboleantes, com má distribuição da «gordura», como nas crianças alimentadas com excesso de farinhas, leite hiperçucarado, ou portadoras de algum distúrbio da tiróide. O exame da criança, portanto, deve ir além do pêso em si. A estatura deve ser apreciada conjuntamente com êle, segundo a curva que lhe é própria.

● Mas, os perímetros cefálico e torácico oferecem ensinamentos que não devem ser esquecidos. São estas as cifras (resumido):

	Pêso Torácico
Nascimento	32
3º mês	38
6º "	41
9º "	43
12º "	45

	Pêso Cefálico
Nascimento	34
3º mês	40
6º "	43
9º "	45
12º "	46

● Como se vê, no bebê normal a circunferência craneana excede a do peito. No primeiro trimestre, 2 cms. aproximadamente; no segundo, idem; no terceiro, também; no quarto trimestre, diminuindo (1 cm.). Daí por diante, tendem as duas circunferências a equilibrar-se, e só pelos 5 anos começa a predominar a circunferência torácica sôbre a cefálica. Toma-se a circunferência torácica ao nível dos mamilos; a cefálica, pela parte mais alta do occuput, saliências parietais e frontais

Tôdas as vêzes que o crescimento da circunferência da cabeça afasta-se demasiado de suas dimensões normais, para mais, ou para menos, ressalta claramente a anormalidade do aspecto da criança. No aumento pode muitas vêzes estar em causa o Raquitismo, a Hidrocefalia (sugerindo umas vêzes a sífiles, outras uma afecção de fundo degenerativo, etc.). Se, ao contrário, peca o crânio por pequenez excessiva, muito provável é tratar-se de um atrasado do espírito, portador de paradas do desenvolvimento cerebral devidas a causas várias.

Alguém o fêz por êle. Seu Bezerra não tinha, no momento, nenhum conhecido no Rio. Ficou aéreo. Lembrou-se de Luís, o filho que estava no Espírito Santo, e passou-lhe um telegrama. Luís recebeu a ordem paterna e partiu depressa. Grande surprêsa lhe estava reservada. Esperou o irmão como da vez anterior. Enganou-se. Quem lhe veio ao encontro, pensando que tudo fôra obra do acaso, foi um rapaz bem disposto e saudável.

Embarcaram para Aracaju, onde ficaram alguns dias no hotel até o momento da partida. Mal a cidade soube da chegada do músico, o hotel ficou apinhado. Todos queriam ouvi-lo. Nèzinho, irritado, afirmou que não daria nenhum concêrto. Procuraram Luís para convencer o irmão, m·s êste não intervinha na sua vida artística. Mas na véspera da partida, quando Nèzinho procurou Luís, não o encontrou . . . Fugira também êle, depois de lhe ter gasto o último vintém! E o músico, com o organismo depauperado, a alma em revolta, cedeu aos pedidos. Realizou dois concertos para poder regressar a Alagoas . . .

★

QUANDO o conheci, êle já passara por tudo isso. Pequena ainda, e não compreendendo a causa do seu constante mau-humor, eu lhe tinha mêdo. Na minha pouca idade, julgava-o louco, tal a sua maneira de agir. Estava sempre em nossa casa. Passava, reconhecia o local, entrava. Ia direito à sala de visitas, sentava-se na rêde, ao pé da janela e ficava palestrando com mamãe. Certa vez, êle estava lá, quando desabou uma tempestade. Explodiu:

— Por que isso não cai em cima de mim e não me arrasa?

Mamãe alarmava-se:

— Deus ouve, Nèzinho!

— Pois é para isso mesmo! — e sorria feliz, com o susto de mamãe.

— Ora, há tantos cegos como você. Não os conheceu no Instituto? Quantos eram?

Não respondia. Evadira-se. Só voltava a si, quando ouvia o estourar dos trovões. Então recomeçava:

— Não sei por que a terra não se abriu e me tragou no dia do meu nascimento!

— Nèzinho! — e mamãe enxugava os olhos.

Eis a razão do mêdo que êle me causava. Temia seus repentes e os palavrões. Hoje pergunto: seria êle, realmente, o que procurava parecer? Imagino-o, agora, bem diverso. Fazendo-se de forte para esconder sua debilidade; mostrando-se grosseiro para ninguém lhe ver a alma por demais suave; a praguejar quando ansiava dizer palavras de amor; fingindo-se atrevido, quando na verdade era a timidez em pessoa. Tinha de ser assim...

Poucas vêzes o escutei tocar. Certo dia de feira, bem cedo, burlando a vigilância de mamãe, corri para fora. Desci a rua Augusta, passei diante do casario antigo, pintado de branco, e parei defronte da casa do seu Bezerra. De dentro, vinha o bater do martelo. Êle ainda não fôra à feira. Entrei.

— Bom-dia, padrinho Joaquim.

Como tôdas as crianças dali lhe chamavam assim, êle teve de erguer a cabeça e examinar a visitante. Sorriu ao ver-me. Apontou a porta do meio e:

— Entre, Pastôra tá lá dentro...

Agora quem sorria era eu. Eram os doces... D. Pastôra, sua segunda espôsa, de quem não tinha nenhum filho, lembrava a feiticeira de «Branca de Neve». E tinha, aliada à feiúra, uma sovinice que desgostava o marido, e muito mais os de fora... Mas em tôda a cidade tinham fama os doces de Dona Pastôra e os sapatos fabricados por seu Joaquim. Ambos eram insuperáveis na sua arte. Os doces eram guardados no quarto da velha, embaixo da cama. Tudo contado, medido, pesado. O marido pensava que, só em nos mandar entrar, com a recomendação de nos dar doces, seria obedecido. Qual nada! E' que nunca percebeu o vintém que levávamos escondido. Eu mesma, naquela manhã, virava e revirava, disfarçadamente, um vintém na mão. Ao obter a permissão, emboquei pelo corredor.

(Cont. no próximo número)

PRIMA ROSA

(Cont. da pág. 38)

çada. Rosa foi mais e mais se empolgando por tudo que via. Por que Lelita fizera aquela loucura? Deixar tudo aquilo?... .

— Sua irmã dormia aqui — disse Angela, abrindo outra porta. Rosinha correu para lá. Ficou algum tempo parada, olhando a janela, de onde Lola dizia nas cartas, entrarem lufadas de bruma nas manhãs frias. Vontade de tirar os sapatos para pisar naqueles tapêtes tão macios. Então, invadiu-a um desejo incontrolável de voltar correndo para junto de Julião. Ajoelhar-se perto da poltrona e perguntar-lhe por que fôra tão indiferente aos beijos que lhe atirara. Estranhando o olhar atônito dela, Angela perguntou:

— Que foi? Que está sentindo?

Prima Rosa não respondeu. Impressão de ter ouvido um gemido. Assaltada por lúgubres pensamentos, voltou correndo. Parou no alto da escada. Lá estava êle. Sem paletó. As mangas arregaçadas até os cotovelos. Puxara a mesinha para diante da poltrona e escrevia. Sem fazer ruído, nas pontinhas dos pés, Prima Rosa chegou até bem perto e lia. «Meu caro sobrinho Alex». Foi lendo aflita. Compreendeu tudo. Por que numa certa linha estava escrito:... «arranjei um casamento para você»...

— Juli! — fêz ela, abraçando-o por trás, carinhosa, segurando-lhe os pulsos, encostando a testa na testa.

Julião assustou-se. Encarou-a pálido. Depois encostou a cabeça para trás no espaldar da poltrona. Prima Rosa amarrotou entre os dedos a carta. Fechou os olhos e sorria. Tia Angela descia, apreensiva, os últimos degraus da escada. Rosinha encarou-o fazendo um beicinho triste:

— Não, Juli! Não e não! Meu Alex é você, só você, juro-lhe! Verdade, Juli! Verdade!...

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência especifica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6239.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

NO PRÓXIMO NÚMERO

EDIÇÃO DEDICADA ÀS

NOIVAS DE MAIO

Modelos para as noivas, madrinhas e acompanhantes

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA e PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

MODELOS





Um modêlo em surrah estampado vermelho e branco, com decote quadrado, botões na frente e saia godê. Foi apresentado na coleção de Ceil Chapman para 1953. Accessórios brancos, e, para as grandes ocasiões um vasto chapéu de palha natural. Para a confecção do modêlo ao lado, foram utilizados dois tecidos quadriculados diferentes. O quadriculado maior foi aplicado na saia, em grandes quadrados, resultando um vestido original e gracioso, criação de Henry Rosenfeld.

Blusas

AS BLUSAS constituem atualmente uma parte indispensável do vestuário feminino. Existem em todos os tipos e para tôdas as ocasiões, e um guarda-roupa não estará bem fornido se dêle não constarem «pelo menos» meia dúzia de blusas variadas: esportivas ou de mais cerimônia: brancas, estampadas, listradas, bordadas...

● Desde o ano passado, com o lançamento, pelo costureiro francês Givenchy, da célebre blusa em tricoline ou cambraia com mangas três quartos terminadas por punhos de muitos babados em bordado inglês, que a posição das blusas ficou muito mais importante. A «saia e blusa» deixou de ser uma tualete para o trabalho ou para o lar, e passou a se distinguir como requinte de elegância. Descobriu-se que tinha tôdas as credenciais para realçar a beleza de quem a usava.

● O movimento lançado o ano passado, de valorizaçãc das blusas, tem continuado. Cada dia criam-se novos modelos, mais chiques, mais ricos, mais lisonjeiros... alguns em «nylon», leves e suaves, próprios para realçar uma fisionomia de boneca, outros românticos, em rendas preciosas para as horas de maior elegância. Existem blusas em linho acompanhando saias de veludo, e blusas de damasco com saias de tulle, muito rodadas; particularmente apreciados são os modelos em tecidos de algodão, para tôdas as horas, que tanto se pode usar com uma saia reta, como com uma saia rodada e armada, ou, ainda, com um costume, por baixo da jaqueta. Há blusas para todos os gostos e para tôdas as finalidades. E' só folhear os figurinos e escolher... (L. J.)

Um modêlo em cambraia, com a frente inteiramente trabalhada em preguinhas batidas, mangas três quartos, como está em moda, foi apresentado num desfile de blusas organizado por Tambro, em New York.



Uma blusa em surrah de corte elegantíssimo, uma criação de Skinner para acompanhar os costumes ou saias justas da próxima temporada. Tem bonito drapeado terminado por um laço na extremidade do decote em V.



Em linho branco ou lonita, uma blusa, desenhada especialmente para ser usada com um lencinho de cambraia em tôrno do pescoço. Observe o corte das mangas, raglan e a tira larga que contorna o decote, criação de Dorothy Korby.



Graciosa blusinha listada, [illegible] muito útil em seu guarda-roupa de meia estação. gravata de pi-qué branco, e a golinha [illegible] quebram a monotonia das listras, modelo de Dorothy Koch.

WEEK-END NA COZINHA



BÔLO DE CAFÉ

INGREDIENTES

Massa

1 1/2 xicaras de farinha de trigo, peneirada
1/2 xicara de açúcar
2 colheres das de chá de fermento em pó
1 ôvo
1/2 xicara de leite
1/4 de xicara de manteiga ou margarina, derretida
1 pitada de sal.

COBERTA

1/4 de xicara de farinha de rôsca, fina
1/4 de xicara de farinha de trigo
2 colheres das de sopa de açúcar
2 colheres das de sopa de manteiga ou margarina
9 meios damascos seco'

MANEIRA DE FAZER

1. MASSA: Peneire juntos a farinha, o açúcar, o fermento em pó e o sal.
2. Misture os ovos batidos, o leite, e a manteiga (ou margarina) e junte os ingredientes secos. Bata bem.
3. Ponha numa fôrma muito bem untada, quadrada. Arrume os meios damascos por cima, apertando um pouco para aderirem bem à massa, e de modo que, quando se cortar o bôlo, em 9 partes, cada parte tenha um meio damasco em cima.
4. COBERTA: Misture todos os ingredientes enumerados para a coberta. Amasse um pouco com uma colher. Espalhe sôbre o bôlo.
5. Asse em forno moderado, perto de meia hora.
6. Se desejar, faça desenhos com açúcar de confeitar e água, por cima do bôlo, como mostra a foto.

Sirva ainda quente, com manteiga.

CAMARÕES À CRIOULA

INGREDIENTES

1 quilo de camarões
2 ovos
2 colheres das de sopa de salsa
1/2 xicara de palmitos, cozidos e picados
1 pitada de sal
1 pitada de pimenta do reino
1 xicara de farinha de rôsca, bem grossa
1 xicara de leite
1/2 colher das de chá de caldo de limão
4 colheres das de sopa de manteiga.

MANEIRA DE FAZER

1. Limpe muito bem os camarões, tire tôda a parte preta, e ponha-os numa panela para cozinhar, cêrca de 15 minutos.
2. Corte os camarões em pedaços pequenos e coloque numa vasilha ou tijela. Junte os outros ingredientes enumerados e os temperos. Misture muito bem.
3. Coloque essa mistura numa travessa de vidro que possa ir ao forno, muito bem untada com manteiga ou margarina. Asse em forno moderado, cêrca de uma hora.
4. Enfeite com rodelas de limão, e raminhos de salsa. Sirva com arroz.

CONSELHOS ÚTEIS

● SE ACHA que a quantidade, que tem, de creme de leite, não é suficiente para todos, aumente-a, adicionando duas claras, batidas em neve.

● GUARDE os caroços de abacate, para marcar roupa. Estenda por cima, bem esticado, o tecido a ser marcado e imprima as iniciais que deseja, perfurando com um alfinete. Terá uma marca pontilhada, indelével.

● SE SEU forno não estiver funcionando bem, — ficando metade do bôlo queimado e outra metade crua — coloque dentro de uma panela com água, juntamente com o bôlo a assar. Obterá uma temperatura mais uniforme em todo o forno.

● PARA COQUETÉIS vistosos, coloque dentro dos mesmos cubinhos de gêlo colorido: cubinhos de suco de tomate, por exemplo com uma azeitona dentro, ou então de suco de uvas, com uma cereja. Os cubinhos são congelados na própria bandeja de gêlo.

UMA NOVA LUA DE MEL

... Revivendo o romance dos primeiros meses de casados.

Eu conheço um jovem casal — suponhamos que sejam Ana e Paulo — que se orgulham de encarar o casamento sob o ponto de vista moderno e razoável. Na realidade, tão moderno e razoável que êste ano resolveram gozar as férias "separados"! E' claro que há um fundo de verdade no velho ditado: "a separação aumenta o amor". Mas há uma grande diferença entre uma separação necessária (por motivo de negócio ou doença) e uma separação deliberada para gozar férias. Ana e uma amiga foram para um hotel na praia, enquanto Paulo juntou-se a um grupo para ir pescar. Êles não perderam o amor nem se cansaram um do outro (pelo menos é o que dizem) — mas acham que uma separação de vem em quando, é boa, porque depois começam a se apreciar melhor. Hoje em dia, muitos casais têm êsse mesmo ponto de vista. Suas intenções são boas, mas com isso jogam fora a oportunidade de aproveitar a companhia um do outro sem os laços da rotina quotidiana.



FÉRIAS SEPARADAS

Todos êsses argumentos são muito bonitos, mas nem sempre a realidade é essa. Se fôssem honestos com êles mesmos, muitos casais seriam forçados a admitir que na maior parte dos casos tudo isso nada mais é do que falta de compreensão do verdadeiro sentido de companheirismo.

Férias separadas podem muitas vêzes ser enganosas. Assim que sai de casa, você se sente diferente. E' assim mesmo que deve ser; mas em vez de gozar bem êsse luxo de não precisar fazer nada, começa a sentir descontentamento e agitação interiores. E' muito bom conhecer novos lugares e encontrar novas caras, mas, a não ser que você esteja com alguém que a interesse, isso tudo começa a aborrecê-la.

Cada uma das pessoas a sua volta pertence a alguém. Os jovens, solteiros, estão ocupados com a incerteza de algum romance de férias. As senhoras de idade aquecem-se na rotina da companhia de seus maridos e famílias. Mas você não pertence a nenhum dêsses grupos. Tem a companhia de sua amiga, mas não é a mesma coisa. Você pode até chegar a se persuadir de que a amizade com aquêle rapaz simpático que está no mesmo hotel, não tem mal nenhum. No entanto, sua consciência não estará em paz (ou pelo menos não deveria estar), e isso não é modo de gozar férias.

FÉRIAS "JUNTOS"

Talvez você se espante quando pensa que o lado romântico de seu casamento já está um tanto gasto. Você ainda ama seu marido, é claro, mas a alegria e o contentamento que encontravam no princípio, já não existe mais.

E' muito fácil de imaginar, no fim de poucos anos de casados, que nada mais há para descobrir em seu marido. Raramente, porém, isso é verdade, pois todo mundo muda um pouco de vez em quando.

E' uma pena que os casais não conversem entre si, como fazem com os amigos. Há tanta coisa interessante para discutir, fora dos problemas domésticos! Outra coisa: é um êrro deixarem de planejar as coisas juntos. As vêzes a mulher se absorve tanto com a casa e as crianças, e o marido com seu trabalho e ocupações extras, que se esquecem dos divertimentos que tinham em comum.

E' claro que, uma vez chegados a êsse ponto, torna-se difícil voltar atrás. Um dos dois, tem que tomar a iniciativa, e, geralmente, deve ser a mulher — embora muitas existam, com mêdo de se tornarem ridículas.

Os homens são geralmente tão românticos quanto as mulheres, ainda que consigam escondê-lo. Muitos maridos ficariam satisfeitos por descobrirem que são considerados como algo mais do que aquêle "que paga as contas".

E' verdade que a beleza de um lar está justamente na familiaridade e senso de permanência. Muitas vêzes a vida lhe parecerá monótona e sem graça, mas isso acontece a todo mundo.

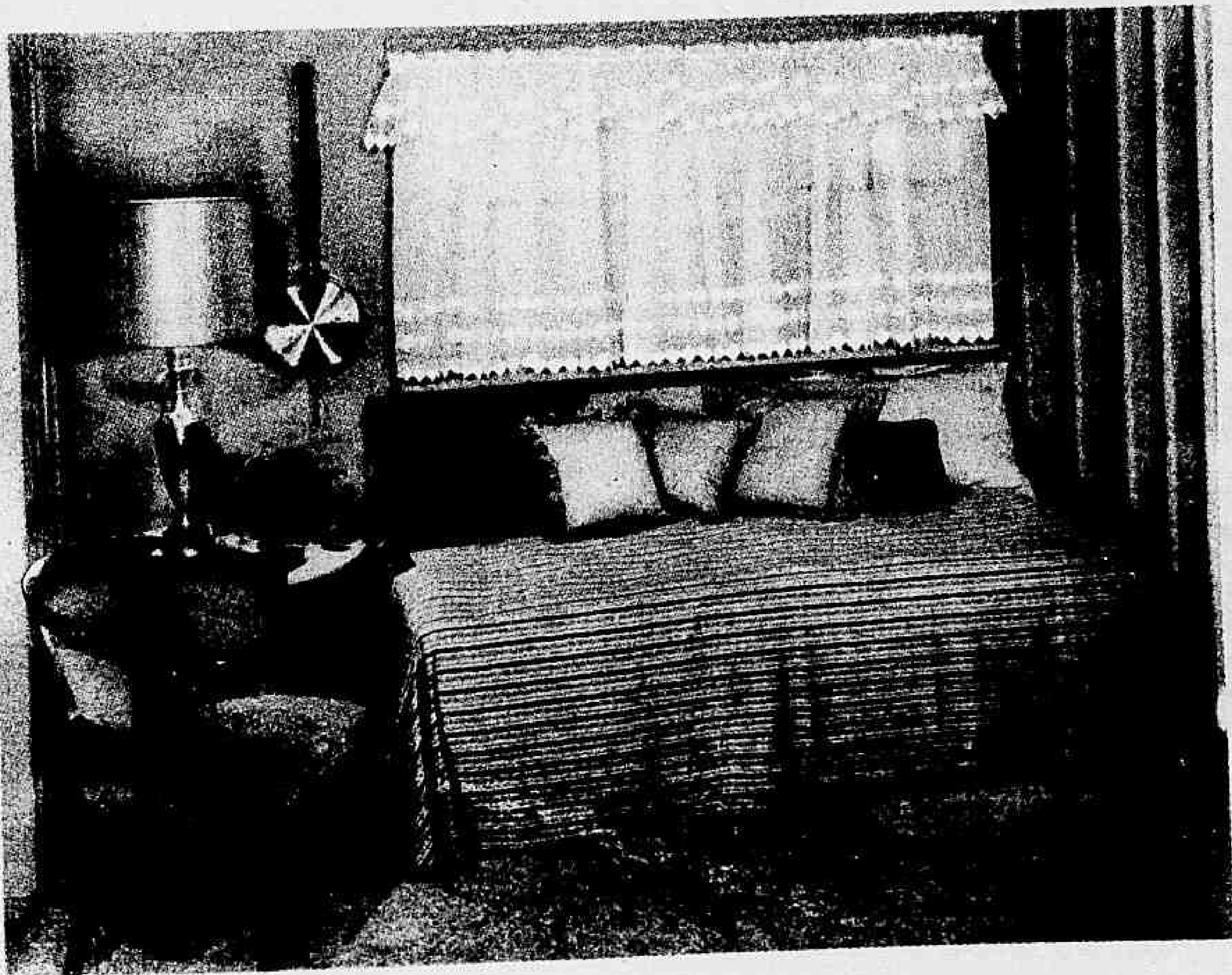
Quando você estiver assim, precisa sair um pouco do ambiente familiar para voltar a pensar direito. Só assim poderá readquirir um pouco do seu entusiasmo inicial, e verificar que, afinal de contas, a vida vale a pena de ser vivida, com seu marido.

O que fazer para conseguir isso? Nas férias, vocês encontrarão novamente o entusiasmo, a vitalidade e a vontade de gozar a vida que os uniu no princípio.

Não se esqueça de que, na realidade, nenhum dos dois mudou. Sòmente as circunstâncias da vida esconderam, por assim dizer, êsse entusiasmo. Reviver os velhos dias pode se tornar um dos melhores prazeres da vida!

Nada melhor para isso do que umas férias. Planejem tudo "juntos", e procurem fazer dela uma nova lua-de-mel. — (APLA).

Sugestões para o lar



EM TODO LAR deve haver um recanto simples e confortável, onde a gente se sinta bem para uma leitura, uma conversa com os parentes ou os amigos mais íntimos, ou para tirar uma soneca num momento de calmaria, sempre benvindo no meio de todos os afazeres diários. Êsse recanto pode estar localizado no fundo de um corredor amplo, no escritório ou sala de trabalho, ou no próprio quarto de dormir. A idéia de uma cama-divã, recoberta por tecido vistoso, estampado ou em listras, cheia de almofadas e almofadinhas de muitos tamanhos, feitios e côres, é prática e simpática. Eventualmente, êsse divã se tornará "mais uma cama" para um hóspede inesperado.

● Aproveitem a sugestão da fotografia: uma cama turca, com um colchão macio, constitui o "sommier". Uma coberta de tecido grosso, de algodão, com listras, cobre-a internamente. Para as almofadas escolha tecidos na côr das listras (verde, prêto e branco; ou amarelo, castanho e verde — por exemplo). Algumas almofadas são quadradas, outras retangulares. Poderia haver algumas redondas. Ao menos duas delas são "falsas almofadas", isto é: encobrem um travesseiro que, em caso de necessidade, é desencapado para se pôr fronha. Uma cortina leve, em organdi suíço, com barra aplicada em losangos de piquê, completa o conjunto. Um barômetro antigo, um original abajur com pé formado com âncora de metal amarelo, e uma poltroninha de veludo cereja, são outros detalhes de bom gôsto. (L. J.)

Menu da Fome



XIQUE-XIQUE E' BUCHA PARA ENCHER A BARRIGA ★ O MILAGRE DA MACAMBIRA ★ MANDACARU, COMIDA SÓ DE BICHO ★ MUCUNÃ, VENENO PARA OS CURANDEIROS E ALIMENTO RICO PARA OS MÉDICOS ★ OS DOIS FACHEIROS

Reportagem de EDMAR MOREL

Fotos de ADIR VIEIRA

NO nordeste brasileiro, em pleno meado do chamado Século Social, o homem, para assegurar a sua subsistência, volta à Idade da Pedra. A fome, apesar dos enormes progressos da ciência da Nutrição, espectro que estigmatizou a China e a Índia, continua destruindo o nosso melhor potencial humano, não matando, mas enfraquecendo uma geração, em cujos ombros repousam os destinos do Brasil... Pobre Brasil!

Famílias inteiras estão comendo o xique-xique e macambira, fontes inesgotáveis para temas literários. Ademais, uma bela fotografia de cactos, apresenta muito bem um livro sôbre Nutrição...

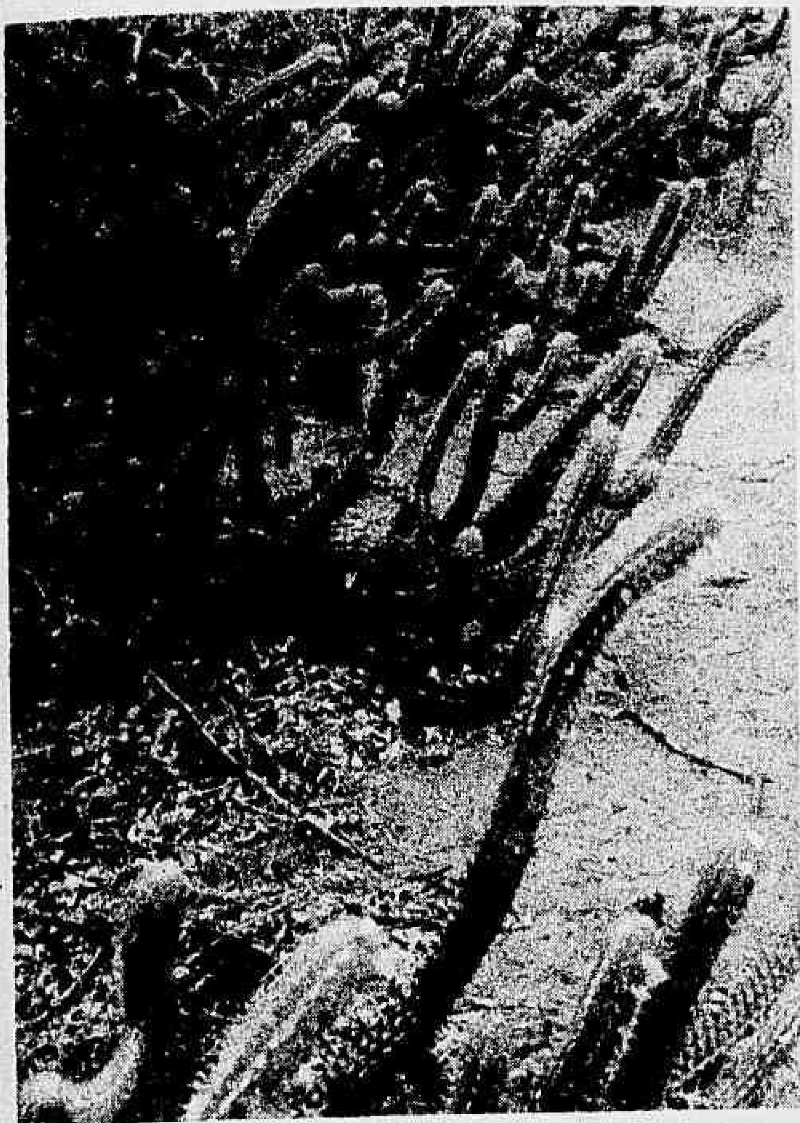
Quando saímos dos sertões do Apodi e entramos no Cariri Velho, terrà desolada e tostada pelo sol, vimos o incrível: gente e gado comendo espinho.

Os catedráticos de alimentação não chamam lastrado, nem xique-xique. Conhecem por Pilocerius setosus Mas, para o sertanejo, é "comida braba", alimento devorado pelo flagelado e pelo animal.

Não comem, apenas, xique-xique e facheiro. Euclides da Cunha já dizia que "no pino dos sertões, um pé de macambira é, para o matuto sequioso, um copo d'água cristalina e pura".

MENU DA FOME

No século XIX, por falta de um punhado de arroz, mais de 100 milhões de chineses morreram de



Touceira de xique-xique, comida braba de gente e de bicho na sêca. O seu poder nutritivo é zero. Mas é motivo para divagações literárias.



Comer a cactácea não é fácil. Decepa-se a parte com espinhos e corta-se o lenho, para levá-lo ao fogo ou cozinhá-lo em duas águas e sal.



O fogo é aceso para assar o xique-xique, ótimo alimento para enganar o estômago. Come-se assado, cozido ou em forma de farinha, pão, etc.

inanição. No Brasil, na mesma era, a despeito de D. Pedro II dizer que venderia a última pedra de sua coroa para que não morresse de fome um só cearense, 500.000 nordestinos foram imolados pela fome.

A sêca, como narrou Rodolfo Teófilo, não existe mais. Morre-se de fome no nordeste, como no Rio, em Nova York ou Londres. A grande desgraça é, sem dúvida, o estado de desnutriação da população do "hinterland", meio caminho para a tuberculose, um campo aberto às doenças por carência alimentar.

Come-se mal e pobremente, havendo ausência de cálcio, ferro, vitaminas. Isto em tempo normal, com invernos regulares, coisa que não acontece desde 1947. Até antes da guerra, raríssimas eram as populações que usavam legumes e verduras, com exceção do velho coentro para temperar peixe. Êsse benefício, os americanos fizeram ao nordeste, criando novos hábitos na alimentação, inclusive o consumo de ôvo. "Ôvo de manhã, enfraquece" !— dizia o adágio que tomou forma de sentença.

Na caminhada que empreendemos pela zona flagelada, 2 300 quilômetros, desprezamos o aspecto do retirante esfarrapado, pedindo esmolas para melhor documentar o menu da fome, à base de cactos que enchem as caatingas e proporcionam ao forasteiro um espetáculo de desolação.

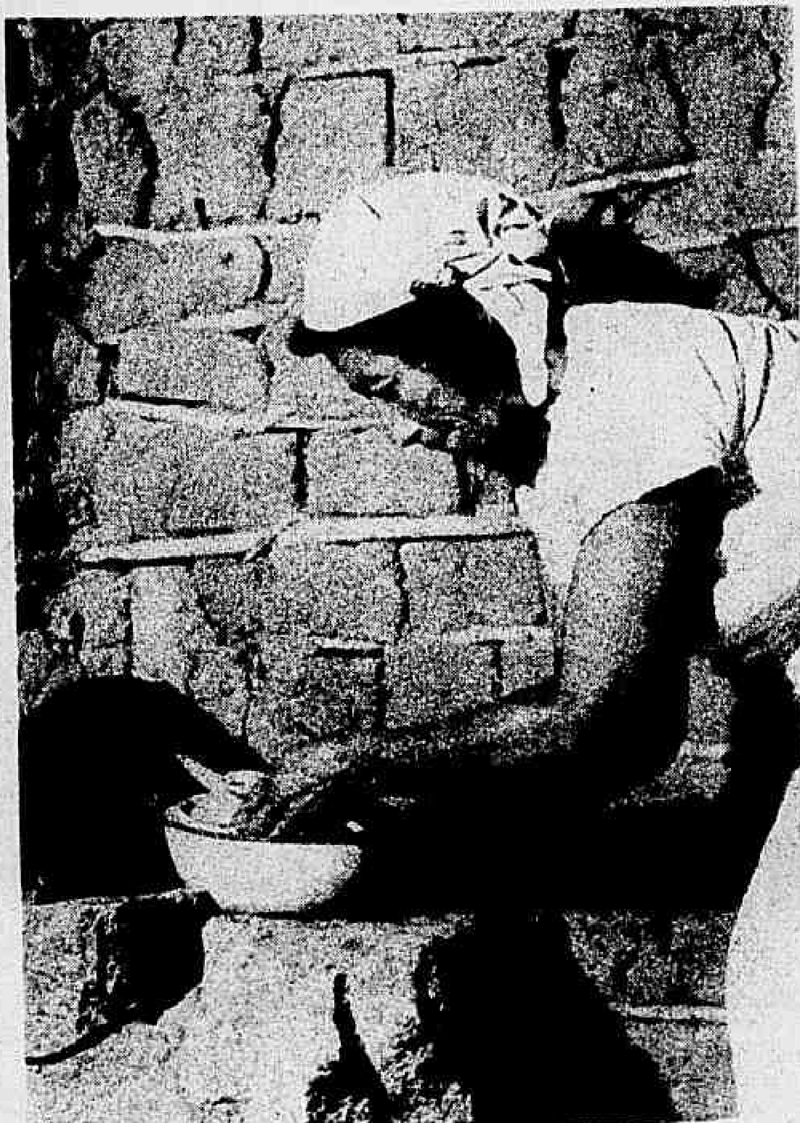
O homem da cidade sente-se fraco diante da altivez dos mandacarus e dos facheiros, altos e com os braços abertos, numa eterna prece, dentro de um cenário de desolação. Às margens das rodovias estão cheias de toscos acampamentos: um montão de fôlhas sêcas sôbre algumas estacas. Certos sociólogos acham que êste tipo de vivenda de emergência é muito saudável, uma vez que a ventilação não encontra obstáculos. Não existem paredes... Resolvemos pernoitar numa destas habitações, onde falta tudo, inclusive água, que é trazida por caminhões, dia sim, dia não. Cada grupo de 20 trabalhadores tem direito a uma lata com 20 litros. Êste fato dispensa maiores comentários.

— Vocês comem xique-xique?

À nossa pergunta todos olharam espantados e a resposta foi em côro:

— E' só o que tem pra gente!

Apresentaremos o xique-xique. E' uma das cactáceas rasteiras, mais abundantes nos sertões, formada de hastes cilíndricas e totalmente recobertas de espinhos, em média, de 5 centímetros. A sua côr natural é verde. Seu clima é a região semi-árida, medrando, também, em terreno pedregoso. O xique-xique dá uma flor branca de tamanho re-



Voltando à Idade da Pedra, os nordestinos comem o xique-xique, cacto que infesta as caatingas e que não tem nenhum valor nutritivo.



Miolo de xique-xique pôsto a secar, já devidamente lavado, meio caminho para o sertanejo obter a farinha, com a qual pensa matar a fome.



Xique-xique já transformado em farinha para mingau, alimento de crianças flageladas. Os nutrólogos acham que é a mais pobre das farinhas.



A macambira, cujo teor de cálcio é quinze vêzes maior do que o do leite. Seu preparo requer cuidados e é alimento de gente e de gado na sêca.



Macambira do chão, preferida pelo homem. A que nasce na pedra é dada aos bichos. Poucos preferem a farinha, sendo mais fácil comê-la assada.

gular, suavemente perfumada, como se fôsse capim cheiroso. E' linda!

O fruto é rubro, do tamanho de um caqui, com a polpa pegajosa, como "baba de sapo", comparando mal, como disse um fazendeiro. E' doce e contém milhares de pequenas sementes negras. E' alimento para os pássaros e crianças. Na sêca, dificilmente, o homem consegue saboreá-lo, já que as aves devoram tudo.

O sertanejo conhece o bom xique-xique. Uns pelo espinho, outros enterrando a unha na primeira camada do cactos, cuja parte central da haste é formada por uma medula, encerrada num estojo lenhoso. Uma espécie de palmito bastante duro. O miolo pode ser comido assado, igual ao aipim. Cozido e pôsto a secar, serve para fazer farinha. O preparo é rápido. Decepa-se as partes espinhosas e com um corte transversal tira-se a haste, levando-a ao fogo, assando durante 15 minutos, sôbre as brasas. Retira-se, então, a medula do lenho e come-se. O gôsto não é agradável. Um tanto esverdeado, como visgo, na verdade, não enche barriga. Assado perde o travo.

Alguns apressados nutrólogos exaltam-no como alimento de salvação na zona sêca. Examinado por Josué de Castro, no Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, mostrou uma extrema pobreza, quase isento de valor nutritivo, com 89% de umidade; 0,73% de proteínas e 1,75% de minerais, 1,37% de amilo. Cientificamente, estudado à base da moderna nutrição, em laboratórios com ar refrigerado, o xique-xique é zero. Mas, para o flagelado que não tem nada para comer, é 100%. E' buxa, e isto é o bastante. Come-se cozido, bastando retirar o miolo e colocá-lo na panela, com água e sal, depois de lavado duas vêzes. Com 20 minutos de fervura está pronto. Em forma de farinha, requer mais tempo, para ser utilizado. Lava-se a polpa duas vêzes, que é posta a secar. E', em seguida, pilada e passada numa peneira. Da farinha fazem pão, mingaus, bolinhos. E' indigesta.

O MILAGRE DA MACAMBIRA

Na macambira está, realmente, o grande alimento do flagelado. Só a fome, entretanto, leva o nordestino a devorar a batata da bromeliácea, tão abundante nos tabuleiros dos sertões, formando verdadeiros serrados, tal qual o xique-xique, em certas regiões, verdadeira praga. A planta é semelhante a um pé de abacaxi, com a diferença de que seu "fruto" está enterrado. E' a batata.

A macambira medra na pedra e no chão. A que nasce na pedra, de um modo geral, é dada de



As mulheres, mais pacientes, entretanto, preparam a farinha da bromeliácea cozinhando a batata e lavando-a várias vêzes. Tira as impurezas.



Com um pedaço de pau e uma panela velha, consegue-se a farinha de macambira, rica em cálcio e proteínas. Ninguém gosta de prepará-la.



A última fase da preparação da farinha, já passando pela peneira. 100 g do produto tem 168 microgramas de tiamina. Não tem ribollavina.

alimento ao gado. O homem, por ouvir contar histórias do Tempo da Onça, prefere a que vinga na terra. As suas fôlhas longas e recurvas, de pontas afiadas, são verdadeiras navalhas. Não crescem mais de 70 centímetros. E' uma das plantas apontadas por Saint-Hilaire como "fonte vegetal" e por Saint Pierre, como "manancial vegetal do deserto".

De uma mulher ouvimos:

— Se todo êste mundão de gente fôr esperar pela macambira, todo mundo está morto de fome...

O marido da flagelada arrancou um pé e levou o tubérculo do cactos ao fogo, assando-o. Frio, após 15 minutos, retirou os bulbos e comeu-os como quem se delicia com uma alcachofra. Trata-se do processo mais rápido e o preferido. Todavia, preparam a farinha, usando o mesmo sistema do xique-xique.

Numa análise bromatológica realizada no Instituto de Nutrição, revelou "alto poder nutritivo, de teor de amilo próximo ao da farinha de mandioca."

O que êsse cacto da série dos chamados "Alimentos Bárbaros", apresenta excepcionalmente dotado, é a extraordinária riqueza em cálcio, correspondente a 15 vêzes a do leite e 3 a do queijo, fazendo da farinha de macambira uma das mais nutritivas. O produto apresenta boa digestibilidade e nenhuma toxidez.

Acontece que ninguém gosta de comer a bromeliácea. Dá muito trabalho e o xique-xique, como o facheiro, é mais prático. A sua composição química é a seguinte: umidade, 9,50%; amilo, 63,10%; açucares, 4,27%; fibra não dosada, 13,63%. Em cada 100 gramas de farinha são encontrados 168 microgramas de tiamina, não contendo riboflavina.

Milhões e milhões de pés de macambira, presente da natureza à terra causticada, esperam por um homem de negócio, quando é sabido que o seu teor proteico é três vêzes maior do que o das farinhas de arroz e de milho, produtos que já adquiriram a sua maioridade na fase industrial em nosso país.

UMBUZEIRO E MUCUNÃ

Dois cactos o homem não come: o facheiro pelado e o mandacaru, comida de bicho. Acontece que o facheiro cabeludo é o mesmo que o pelado, com a diferença de que um tem espinhos em forma de pequenos alfinetes e o outro, um pelo que também espeta. O cabeludo nasce, por excelência, nas pedras, enquanto o pelado medra no chão sílico-argiloso. Contam, no nordeste, as mais absurdas histórias de pessoas que morreram inchadas porque comeram facheiro pelado. No reinado do xerofilismo, o facheiro é a Sua Majestade. Tanto o cabeludo, como o pelado, dão frutos iguais ao do xique-xique, um tanto arroxeado, ótimo alimento para crianças, muito embora seja amargo e provoque coceira na garganta. O facheiro pelado é o alimento preferido pelos equinos.

O homem, em última instância, come o miolo do cabeludo, usando o mesmo processo do xique-



A batata do umbuzeiro é como a melancia. Tem 94% de umidade. Serve para matar a sêde e fazer doce. Cura casos de escorbuto. Tem vitamina C e se tornou objeto de maiores atenções depois que Euclides da Cunha se ocupou dessa árvore em «Os Sertões», traduzido em várias línguas.



Quem come macambira sabe comer uma alcachofra, com a diferença de que a macambira é alimento brabo e alcachofra é comida de gente chique.



Mandacaru não é alimento de gente. Seu fruto vermelho, que tem polpa pegajosa, é comida de menino. Dá coceira na garganta, mas é gostoso.

xique. O mandacaru, todavia, só serve para o gado. Mas o umbuzeiro, que é sempre encontrado com a sua roupagem verde, num desafio à sêca, destaca-se, altaneiro, no meio da vegetação rasteira. O seu fruto, o umbu, ou mais vulgarmente o imbu, é alimento de gente e de bicho e constitui uma fonte excepcional de vitaminas. As raízes se apresentam pejadas de bulbos, tal qual uma melancia. E' a árvore precavida, que acumula reservas alimentícias nos tubérculos, guardando energia no inverno para gastá-la no verão, sustentando, com vantagem, a luta contra a estiagem.

As análises da polpa integral revelaram: umidade, 93,3 %; proteínas, 0,45%; amilo, traços; minerais, 0,96%; fibra bruta, 5,29%. O suco é uma bebida saudável e que mata a sêde do flagelado, proporcionando doses apreciáveis de sais minerais e de vitaminas, principalmente de vitamina C.

Qualquer matuto, com hemorragia nas gengivas, começo de escorbuto, usa o suco do umbuzeiro como remédio.

Chegamos a um ponto de controvérsia entre médicos especialistas em nutrição e os curandeiros que infestam o nordeste. Para os primeiros, a mucunã, uma vagem com 3 a 5 sementes graúdas, é tóxica e provoca inchações. O rosto do homem fica chupado e a barriga cresce como um enorme fardo. E' a hidropisia e, conseqüentemente, a morte.

Conhecendo estas funestas conseqüências, o Homem, acossado pela fome, come essa leguminosa como último recurso. A maneira de preparar o alimento é complicada.

"As suas sementes são torradas ao fogo numa panela de barro, de mistura com cinza ou areia, até que pipoquem e são depois isoladas de sua casca e reduzidas a farinha no pilão. A massa é, em seguida, passada na peneira e lavada sucessivamente em nove águas, para perder sua nocividade. Depois de lavada a massa é espremida e secada no fôrno. O processo de obter-se a farinha da raiz é semelhante. O seu rendimento é enorme, obtendo-se muitas vêzes, das raízes de uma só planta, meia tonelada de farinha. E' que as raízes tem vários metros de comprimento e alcançam, em média, 30 centímetros de diâmetro. Com a goma da mucunã preparam-se farófias, angus, cuscus e beijus."

A farinha é amarelada e insípida ao paladar, tem um cheiro acre. As análises deram o seguinte resultado: umidade, 8,33%; proteínas, 28,50%; açúcares totais, 54,57%, inclusive 48,5% de amilo; minerais, 2,23%; extrato etéreo, 1,46%.

— Trata-se — diz Josué de Castro, Emília Pechnk, Orlando Parachim, Ítalo Viviani Matoso e J. M. Chaves — de um produto com teor protéico de 28,50% superior ao da carne, 20% ao teor médio de outras leguminosas, que é 22% e aproximando-se do teor da soja, 38%, que é considerada uma das mais nobres plantas do Universo. O seu teor de cálcio é bem alto, sete vêzes o do leite, o que reforça o valor nutritivo do produto. O fato é que ninguém come mucunã, vítima das acusações de nocividade e cujos malefícios caíram na crendice popular.

O Brasil tem o luxo de possuir um Instituto de Nutrição, com técnicos capazes, porém, na verdade, sem meios para educar o povo no sentido de aproveitar as suas riquezas naturais em casos de emergência como a sêca. A indiferença altamente criminosa dos poderes públicos é de estarrecer.

Josué de Castro, numa série de estudos sôbre o assunto, iniciada em 1946, demonstrou que os animais e o homem que apresentam perturbações pela ingestão desta planta, sofrem êsses distúrbios por motivo de carência, isto é, de deficiência de certos princípios que a planta não contém. Não se trata, portanto, de toxidez, mas de deficiência da proteína da mucunã. Misturando a planta com outros alimentos que complementem a sua proteína ela deixa de apresentar fenômenos que são julgados tóxicos. Êstes estudos foram confirmados pelos professôres Mário Taveira, catedrático da Escola de Farmácia e João Cristóvão Cardoso, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil.

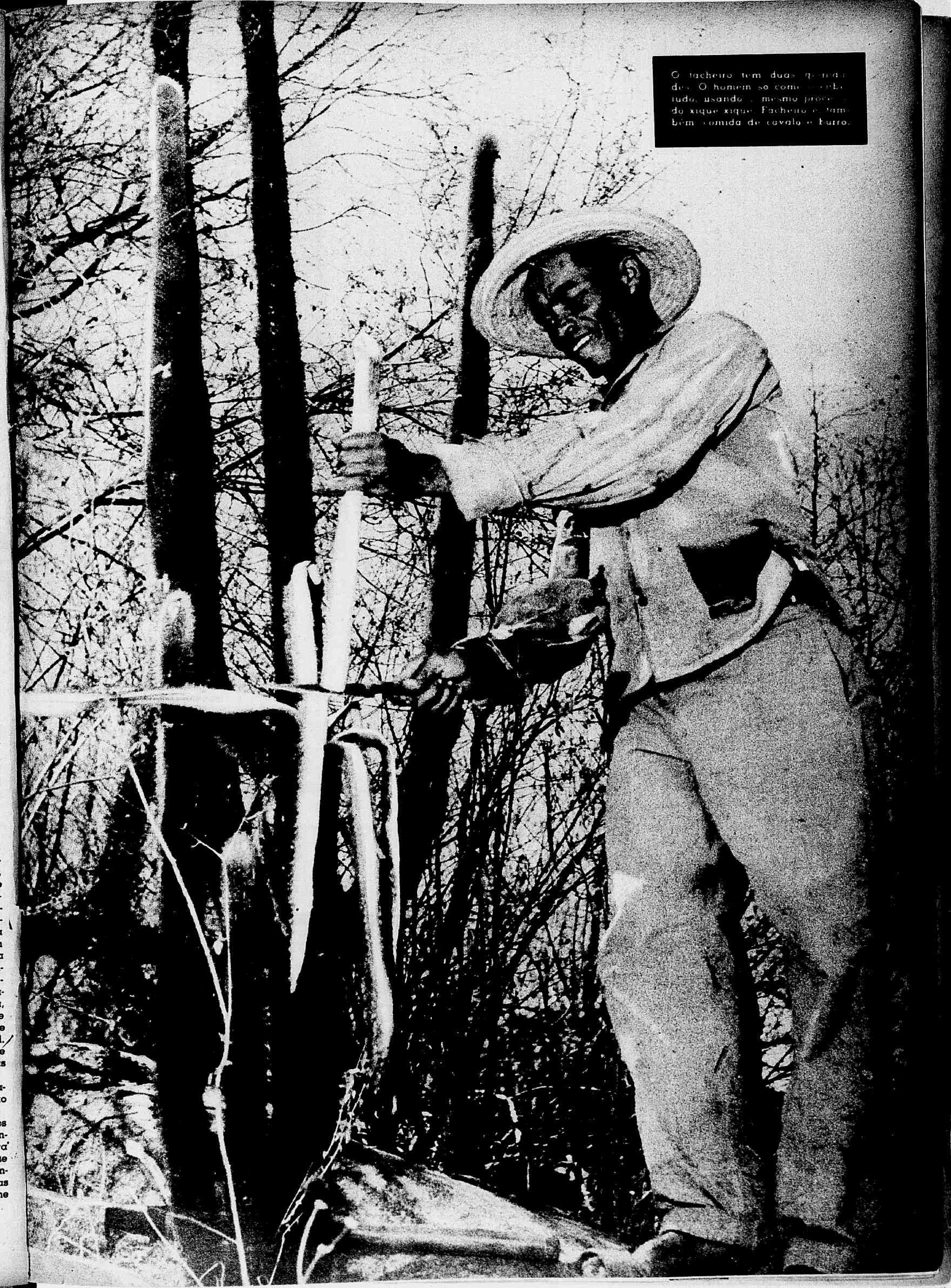
Reabilita-se, assim, uma planta de alta significação para o sertanejo nas quadras de calamidade.

Isto em papel bufon, com ilustração, é muito bonito. Mas o matuto só come mucunã no desespêro!

Com análises e ensaios praticados na macambira, mucunã e outras plantas xerófilas, produtos da flora nativa dos sertões do nordeste, verifica-se que são grandes os recursos alimentares das populações rurais abatidas pela sêca. Mas o menu da fome continua a ser o xique-xique.



O mandacaru tem um fruto, alimento de passarinho e de menino. O último nunca saboreia o fruto, arroxeado. Os pássaros na sêca devoram tudo.



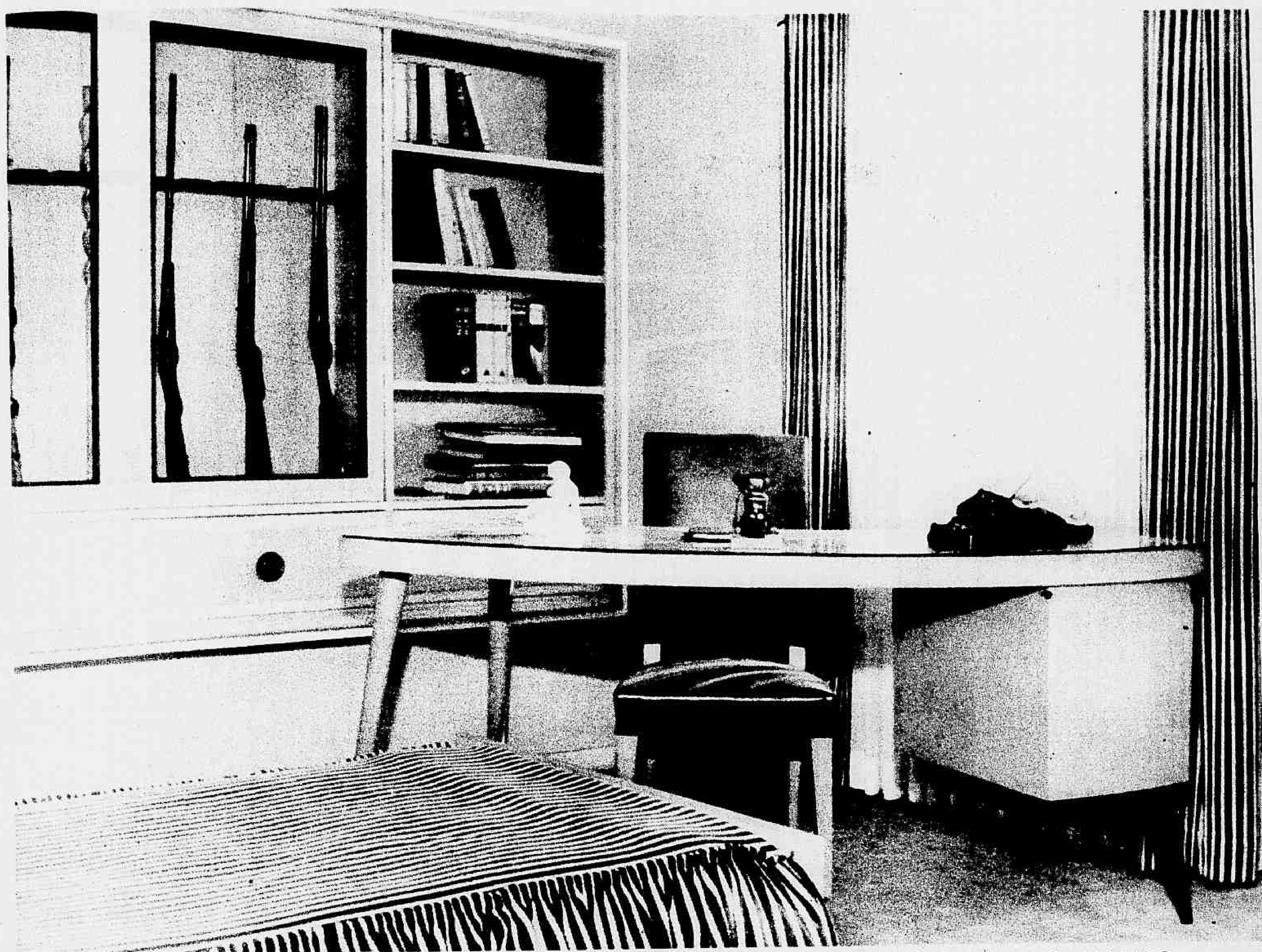
O facheiro tem duas qualidades. O homem só come [illegible] tudo, usando o mesmo processo do xique xique. Facheiro é também comida de cavalo e burro.



ÚLTIMO FLASH

AQUI ESTÁ O SR. JANIO QUADROS recebendo o diploma de Prefeito da Capital de S. Paulo. Será o edil do 4º Centenário. Recebe o diploma com um gesto na face, que não sabemos bem se é de receio, arrependimento ou apreensão. Barbeado e bem pôsto, o Sr. Jânio Quadros, refeito da luta, terá que administrar. E, na verdade, é bom o secretariado que escolheu. O gesto, entregando ao Sr. Prestes Maia a faculdade de indicar nomes para a Secretaria de Obras é, pelo menos, uma demonstração de boa-fé. Mas, a curiosidade continua enorme em tôrno da ação dêsse homem moço, magro, simples, realmente, algo estranho, bacharel em direito, orador fluente, ex-vereador, ex-deputado estadual e professor. E muita gente interroga: — Estará à altura do pôsto? Sòmente o tempo e os fatos responderão a esta pergunta.

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para
CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

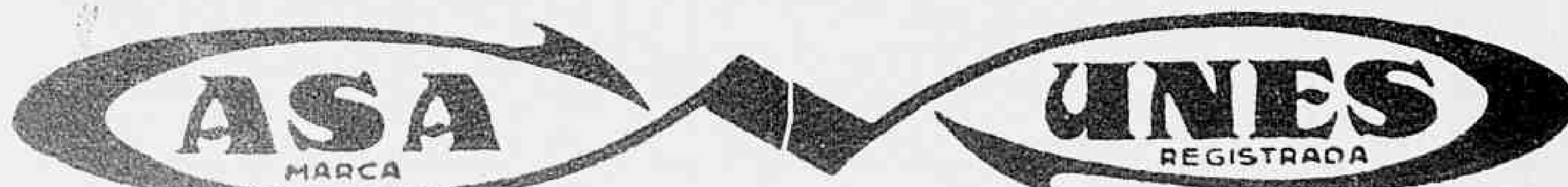
de forração em côres lisas e com flores

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

Nada supera
o prazer
de fumar
Hollywood

CIGARROS

hollywood



UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ